



Câmpus
Cora Coralina



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

CINTIA BEZERRA DOS SANTOS

CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS [COMEÇAR + VP] NO *CORPUS* DO FALA
GOIANA

GOIÁS
2025

CINTIA BEZERRA DOS SANTOS

**CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS [COMEÇAR + VP] NO *CORPUS* DO FALA
GOIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem e Interculturalidade – POSLLI, da Universidade Estadual de Goiás - UEG, Unidade Universitária Campus Cora Coralina na Cidade de Goiás.

Orientador: Prof.º Dr. Agameton Ramsés Justino

Linha De Pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade

**GOIÁS
2025**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: Cíntia Bezerra dos Santos

E-mail: cintia.765@aluno.ueg.br

Dados do trabalho

Título: “Construções Perifrásticas [começar + VP] no *Corpus* do Fala Goiana”

Tipo:

☐ Tese ☒ Dissertação


Curso/Programa: Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade

Concorda com a liberação documento


☒ SIM ☐ NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 11 de dezembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
 CINTIA BEZERRA DOS SANTOS
Data: 11/12/2025 10:28:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura autor(a)

Documento assinado digitalmente
 AGAMETON RAMSES JUSTINO
Data: 12/12/2025 17:35:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

S237c	<p>Santos, Cíntia Bezerra dos.</p> <p>Construções perifrásticas [começar + vp] no corpus do fala goiana [manuscrito] / Cíntia Bezerra dos Santos. – Goiás, GO, 2025.</p> <p>132 f. ; il.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2025.</p> <p>1. Linguística - língua portuguesa. 1.1. Gramática das construções. 1.1.1. construções perifrásticas.. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p>CDU: 81'36(817.3)</p>
-------	---

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA


Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 31/2025


Aos treze dias do mês de outubro de dois mil e vinte e cinco às dezesseis horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Cíntia Bezerra dos Santos, intitulado **“ANÁLISE DOS USOS DAS CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS [COMEÇAR + VP] NO CORPUS DO FALA GOIANA”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG) – Presidente, Dr. Agameton Ramsés Justino – Orientador – (POSLLI/UEG) e Dr. Leosmar Aparecido da Silva (UFG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver):

Cumpridas as formalidades de pauta, às 17:35 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.


Documento assinado digitalmente
 **AGAMETON RAMSES JUSTINO**
Data: 16/10/2025 14:49:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Goiás-GO, 13 de outubro de 2025.

Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino (POSLLI/UEG)

Documento assinado digitalmente
 **LEOSMAR APARECIDO DA SILVA**
Data: 16/10/2025 15:08:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leosmar Anarecido da Silva (UFG)

Documento assinado digitalmente
 **DEBORAH MAGALHAES DE BARROS**
Data: 14/10/2025 15:40:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG)

Dedico este trabalho a Deus que me deu e me dá forças para não desistir e que
sempre age a meu favor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre me abençoar e me ajudar a realizar os meus sonhos!

À minha mãe que sempre está do meu lado em meus estudos!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino, que aceitou o desafio de me orientar nesta pesquisa!

À todos aqueles que de alguma forma me ajudaram e me ajudam no processo da realização de minha pesquisa!

“Não mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não pases, nem, te espantes: porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares”. (Josué 1:9)

SANTOS, Cíntia Bezerra dos. *Construções perifrásticas [COMEÇAR + VP] no Corpus do Fala Goiana*. 2025. 130f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever algumas características construcionais da construção perifrástica [começar + VP], utilizando como *Corpus* de análise o Fala Goiana e fundamentando-se em alguns dos princípios gerais da Gramática das Construções. Busca-se compreender as propriedades dessa construção, com foco na descrição de alguns seus principais padrões sintáticos, valores semânticos e contextos discursivo-pragmáticos de uso, além de examinar as características funcionais das construções mais frequentes. As análises são orientadas por teóricos como Bybee (2010; 2020), Castilho (2020), Neves (2018), dentre outros autores como: Croft (2001), Goldberg (1995; 2006), Traugott e Trousdale (2013). Com um levantamento de 218 amostras da construção [começar + VP], o estudo busca evidenciar o entrelaçamento entre aspecto formal e aspecto funcional que constituem essa estrutura linguística. Espera-se que os resultados contribuam para uma melhor compreensão das funções pragmáticas e discursivas dessa construção no Português Brasileiro falado. A pesquisa adota o método qualitativo, buscando interpretar os significados e padrões de uso linguístico, da repetição de formas nominais, do tempo e aspecto dos verbos, e ainda, das metáforas implicadas na interação que os falantes fazem em contextos discursivos das narrativas orais. Os resultados evidenciam, por fim, que o objeto central das narrativas não é a simples sequência cronológica dos fatos, mas os momentos inaugurais que definem a trajetória do falante. Em relação à construção perifrástica [começar + Vp], compreendemos que não é apenas um recurso gramatical, mas uma forma de organizar a memória narrativa, a partir de marcos inaugurais que se destacam como figura e fundo da experiência humana. Há, portanto, uma relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência expressos pelo falante.

Palavras-Chave: Gramática das Construções. construções perifrásticas. [começar + VP].

SANTOS, Cíntia Bezerra dos. *Periphrastic Constructions [COMEÇAR + VP] in the Fala Goiana Corpus*. 2025. 130f. Dissertation (Master's in Language, Literature and Interculturality) – Cora Coralina Campus, State University of Goiás, Goiás, 2025.

ABSTRACT

This research aims to describe some constructional characteristics of the periphrastic construction [começar + VP], using Fala Goiana as the *Corpus* of analysis and based on some of the general principles of Construction Grammar. It seeks to understand the properties of this construction, focusing on the description of some of its main syntactic patterns, semantic values, and discursive-pragmatic contexts of use, as well as examining the functional characteristics of the most frequent constructions. The analyses are guided by theorists such as Bybee (2010; 2020), Castilho (2020), Neves (2018), among other authors such as: Croft (2001), Goldberg (1995; 2006), Traugott and Trousdale (2013). With a survey of 218 samples of the construction [start + VP], the study seeks to highlight the intertwining between formal and functional aspects that constitute this linguistic structure. It is expected that the results will contribute to a better understanding of the pragmatic and discursive functions of this construction in spoken Brazilian Portuguese. The research adopts a qualitative method, seeking to interpret the meanings and patterns of linguistic use, the repetition of nominal forms, the tense and aspect of verbs, and also the metaphors involved in the interaction that speakers make in discursive contexts of oral narratives. The results ultimately show that the central object of the narratives is not the simple chronological sequence of events, but the inaugural moments that define the speaker's trajectory. Regarding the periphrastic construction [start + VP], we understand that it is not merely a grammatical resource, but a way of organizing narrative memory, based on inaugural landmarks that stand out as figure and ground of human experience. There is, therefore, a systematic relationship between language, thought, and experience expressed by the speaker.

Keywords: Construction Grammar. periphrastic constructions. [start + VP].

LISTA DE ABREVIACÕES

VP – Verbo Principal

PB – Português Brasileiro

FG – Fala Goiana

GC – Gramática de Construções

LC – Linguística Cognitiva

ME – Momento da Enunciação

MF – Momento da Fala

MR – Momento da Referência

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Princípios da Linguística Cognitiva.....	26
Quadro 2: Parâmetros de análise construção [começar X].....	101
Quadro 3: Quadro aspectual do português.....	83
Tabela 1: Construções perifrásticas e verbo principal	75
Tabela 2: Tempo verbal de começar, Construções Perifrásticas encontradas e percentual dos tempos apresentados pelo verbo auxiliar.....	78
Tabela 3: Aspecto verbal das Construções Perifrásticas encontradas e percentual.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	17
1.1 Língua e Cultura.....	18
1.2 A Língua em perspectiva Intercultural.....	21
1.3 A Linguística Cognitiva e a Língua.....	24
<i>1.3.1 Princípios da Linguística Cognitiva.....</i>	<i>25</i>
<i>1.3.2 Categorização e Prototipia.....</i>	<i>28</i>
<i>1.3.3 A Semântica de Frames.....</i>	<i>33</i>
1.4 A metáfora do caminho nas construções perifrásticas.....	38
1.5 Narrativas orais, narrativas pessoais e o contexto discursivo.....	42
1.6 A construção [começar+VP] e o conceito de figura e fundo.....	44
CAPÍTULO 2 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES.....	50
2.1 Processos cognitivos de domínio geral.....	53
2.2 - Construção e Construto.....	57
2.3 Frequência type e token.....	61
2.4 A perífrase verbal e as construções perifrásticas.....	62
<i>2.2.1 Tempo e aspecto nas construções perifrásticas.....</i>	<i>67</i>
<i>O tempo.....</i>	<i>67</i>
<i>O Aspecto.....</i>	<i>71</i>
<i>2.2.2 A semântica do verbo começar.....</i>	<i>72</i>
<i>2.2.3 Verbo principal.....</i>	<i>73</i>
CAPÍTULO 3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.....	77
3.1 Procedimentos de coleta de dados.....	77
<i>3.1.2 Tempo verbal.....</i>	<i>78</i>
<i>3.1.3 Aspecto Verbal.....</i>	<i>80</i>
3.2 Análise dos dados.....	85
<i>3.2.1 Aspecto estrutural da construção.....</i>	<i>86</i>
<i>3.2.2 Aspectos funcionais da construção.....</i>	<i>88</i>
3.3 Metáfora do deslocamento espaço-temporal na constituição das construções perifrásticas.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXO.....	102

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, investigamos os usos das construções perifrásticas no *Corpus* Fala Goiana, com foco nas construções perifrásticas verbais [começar + VP]. A análise se fundamenta nos princípios gerais da Gramática das Construções, uma abordagem baseada no uso, que privilegia determinado aspecto da forma e da função das construções linguísticas na análise, uma vez que todos são representativos do desempenho linguístico e da competência do falante (BYBEE, 2016, p. 30). Buscamos compreender como as construções linguísticas analisadas refletem e se moldam às práticas de uso linguístico em contextos de fala espontânea.

O estudo examina alguns dos principais padrões sintáticos, valores semânticos e contextos discursivo-pragmáticos das construções perifrásticas [começar + VP], considerando sua relevância na organização e na continuidade das narrativas dos falantes. Além disso, analisa-se como fatores de interação e pragmáticos influenciam a seleção dessas construções, em detrimento do uso de verbos plenos, destacando seu papel na coesão e informalidade das interações linguísticas presentes no *Corpus*, como podemos observar no exemplo “... fiz uma mudança toTAL maquiei ela quando ela si viu nu ispelhu ela **começô a chorá...**” (FG).

A pesquisa propõe uma análise das construções perifrásticas no *Corpus* Fala Goiana, com base em certos princípios da Gramática das Construções. Esta abordagem teórica, fundamentada na ideia de uma gramática baseada no uso, considera que a gramática é diretamente influenciada pelas experiências linguísticas.

De acordo com essa perspectiva, a língua se constitui por meio de construções linguísticas que refletem as relações de uso estabelecidas pelos falantes. Cada construção é compreendida como um pareamento entre forma e função, e a análise linguística não separa os elementos da estrutura das características de significado. No nível da forma, está o aspecto morfossintático; no nível da função, encontra-se a semântica e os contextos discursivo-pragmáticos (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; CROFT, 2001).

Entre os temas dessa abordagem funcionalista está a predicação e seus elementos constituintes. Goldberg (1995; 2006) argumenta que as relações entre o verbo e seus argumentos refletem experiências cognitivas padronizadas dos falantes nos contextos de interação. Assim, a predicação pode ser descrita por meio de representações abstratas na gramática.

Com esse enfoque, nossa pesquisa está voltada para o estudo das construções

perifrásticas no Português Brasileiro. Essas construções diferem dos verbos plenos na predicação, por serem formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal. As flexões no infinitivo, gerúndio ou particípio do verbo principal determinam os valores semânticos de cada uso na língua. Além disso, acreditamos que diferentes contextos discursivos e pragmáticos influenciam a prevalência de determinadas construções perifrásticas nos textos analisados.

Nos exemplos extraídos do *Corpus Fala Goiana*, observa-se que as construções perifrásticas verbais não operam apenas no nível do predicado, mas são também determinadas por fatores discursivos e pragmáticos. Tais fatores influenciam a escolha dessas construções em detrimento do uso de verbos plenos. Por exemplo, nas interações dos falantes, as construções perifrásticas proporcionam maior proximidade e continuidade na narrativa, características que reforçam sua funcionalidade no contexto da língua falada, como podemos notar na fala de acordo com o exemplo: “... aí eu fui i **comecei a custurá** pra seguí enfrente... aí veio a separação minha do pai do meu filho... qui nossa foi duido dimais: : porque eu amava ele dimais: :” (FG).

Dessa forma, ao reconhecer as características indissociáveis entre a forma e a função das perífrases verbais, classificamos essas estruturas como construções perifrásticas verbais. Paula (2014) diferencia essas construções das não perifrásticas, destacando que elas são compostas por um verbo auxiliar e um verbo pleno, integrados em um único sintagma no nível morfossintático. Esse sintagma, por sua vez, apresenta uma função semântica específica, o que justifica sua análise como um pareamento indissociável de forma e função.

Esta pesquisa, como já foi mencionado, está ancorada em uma base teórica fundamentada nos princípios da Gramática das Construções e em autores que contribuem significativamente para a compreensão dessa abordagem. Bybee (2020) destaca a relevância das experiências linguísticas no uso da língua, enfatizando que a gramática emerge e se organiza a partir da frequência e dos padrões de uso. Casseb-Galvão (2021) reforça essa perspectiva ao abordar o funcionamento das construções na gramática do Português Brasileiro, com ênfase em seus aspectos culturais e contextuais. Croft (2001) oferece uma visão ampla sobre a interação entre os níveis formal e funcional na análise das construções, enquanto Goldberg (1995; 2006) aprofunda a análise das relações entre forma e significado, demonstrando como construções refletem padrões cognitivos padronizados nas interações linguísticas. Traugott e Trousdale (2013) trazem contribuições fundamentais ao explorar os processos de mudança e gramaticalização nas construções linguísticas, evidenciando a integração de aspectos semânticos, pragmáticos e formais.

O objetivo geral desta pesquisa é descrever determinadas características construcionais da construção perifrástica [começar + VP] no *Corpus* do Fala Goiana, investigando os padrões linguísticos associados a essa estrutura. De forma específica, busca-se: (1) descrever as frequências de uso das construções perifrásticas [começar + VP] no referido *Corpus*; (2) identificar e analisar as propriedades morfosintáticas, semânticas e discursivas dessas construções; (3) examinar os valores semânticos atribuídos às formas nominais dos verbos principais que compõem essas estruturas, de modo a compreender como essas características contribuem para os usos e funções pragmáticas no contexto do Português Brasileiro falado e (4) investigar os padrões metafóricos relacionados ao tempo e aspecto verbal nas construções perifrásticas verbais [começar +VP].

A escolha de realizar esta pesquisa é motivada pela experiência adquirida como aluna especial na Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina, na disciplina intitulada *O Estudo do Português Brasileiro*. Essa vivência proporcionou contato com temas relacionados às abordagens construcionais da língua, sob a perspectiva da Gramática das Construções, despertando interesse em aprofundar o estudo dessa abordagem teórica. Pesquisas como as de Tavares (2009), Almeida e Oliveira (2010) e Paula (2014) têm descrito construções perifrásticas a partir de uma abordagem funcional, ressaltando como variações de registro e contextos de uso influenciam na sua constituição. No entanto, não se identificam registros de estudos que investiguem esse fenômeno no *Corpus* Fala Goiana. Dessa forma, esta pesquisa busca preencher essa lacuna, analisando as construções perifrásticas [começar + VP] e verificando se há evidências de marcas linguísticas que reflitam os grupos sociais e culturais representados por este *Corpus*.

A escolha pelo Fala Goiana também reflete o compromisso de valorizar este *Corpus* como parte integrante dos estudos linguísticos e culturais, destacando suas especificidades nos usos da gramática. Assim, contribui-se para a continuidade dos estudos propostos pelo Programa de Interculturalidade, com o objetivo de descrever características da cultura goiana presentes na gramática dos seus falantes, promovendo maior reconhecimento e valorização da diversidade linguística e cultural da região.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, a pesquisa se dedica a explorar abordagens teóricas da Linguística Cognitiva, contextualizando-a dentro de uma perspectiva intercultural. Inicialmente, discutimos a relação entre língua e cultura, destacando como as práticas linguísticas refletem e são influenciadas pelas especificidades culturais. Essa abordagem permitiu compreender o papel dos *frames* conceituais, da relação figura/fundo e da categorização baseada no uso na análise das construções perifrásticas,

evidenciando que a gramática é inseparável dos processos cognitivos gerais de construção de sentido. A seguir, apresentamos a descrição da língua sob uma ótica intercultural, enfatizando a importância de compreender os contextos sociais e culturais na construção do significado.

O capítulo também traz também outras contribuições da Linguística Cognitiva aos estudos, como a categorização e a prototipia, que explicam como a mente humana organiza e interpreta o mundo. Além disso, a semântica de *frames* é abordada como uma maneira de entender os processos cognitivos subjacentes ao significado e à construção da gramática.

O segundo capítulo explora a Gramática das Construções, abordando o funcionamento das construções linguísticas e como são formadas, tanto a estrutura quanto os processos cognitivos envolvidos. Discutimos, ainda, os processos cognitivos gerais de domínio, com foco nos mecanismos mentais que influenciam a produção e interpretação da linguagem em diferentes contextos, na busca por fundamentar a análise das construções perifrásticas no *Corpus* Fala Goiana, articulando as dimensões linguísticas, cognitivas e culturais da linguagem.

Também no segundo capítulo, procuramos descrever as construções perifrásticas, com ênfase nas definições e conceitos fundamentais para a compreensão desse fenômeno linguístico. Inicialmente, discutimos as perífrases, conforme as definições de Neves e Castilho, que elucidam a formação e o funcionamento dessas estruturas complexas, caracterizadas pela combinação de um verbo auxiliar e um verbo principal. As construções perifrásticas verbais devem ser entendidas como unidades semânticas de uso recorrente, cuja função vai além da construção perifrástica [começar + VP], constituindo-se como padrões gramaticais convencionais que emergem do uso e da frequência.

Em seguida, comentamos a diferença entre construção e construto, esclarecendo como esses termos se relacionam dentro da Gramática das Construções, e como as construções perifrásticas se inserem nesse contexto. Refletimos, ainda, sobre o conceito de frequência, distinguindo entre *type* e *token*, e como essas unidades podem ser analisadas em termos de ocorrência e diversidade dentro do *Corpus* Fala Goiana. Ao longo do capítulo, buscamos compreender as particularidades das construções perifrásticas e como elas refletem tanto padrões formais quanto semânticos e discursivos no português brasileiro falado.

No terceiro capítulo apresentamos a metodologia, descrevendo os caminhos escolhidos para a condução da pesquisa e a coleta de dados. Inicialmente, expomos a natureza da pesquisa, caracterizando-a como qualitativa, com enfoque na análise de dados linguísticos oriundos de interações orais, visando compreender os fenômenos linguísticos em seus contextos de uso.

Em seguida, descrevemos os procedimentos de coleta de dados, explicando como o *Corpus* foi selecionado e as estratégias adotadas para garantir a representatividade e diversidade das amostras. A última seção do capítulo dedica-se à análise dos dados, apresentando os métodos e as técnicas utilizadas para examinar as construções perifrásticas, considerando suas propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivas. Através dessa metodologia, buscamos identificar padrões de uso, frequência e variação das construções, proporcionando uma visão sobre seu funcionamento no português falado, especialmente no contexto específico do Fala Goiana. Dessa forma, os capítulos se complementam para construir uma visão coerente sobre o tema da pesquisa.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que se caracteriza pela ênfase na compreensão dos fenômenos estudados em seus contextos específicos. Essa metodologia permite explorar as percepções, experiências e interações dos falantes, proporcionando uma visão interpretativa sobre o uso da construção [começar + VP].

Cabe reconhecer que a análise quantitativa nos permitiu compreender que a análise das construções perifrásticas apresenta forte ligação com o papel dos *frames* conceituais, da relação figura/fundo e da categorização baseada no uso, e com isso, evidenciam que a gramática é inseparável dos processos cognitivos gerais de construção de sentido. Assim, a análise evidenciou que a construção perifrástica verbal [começar + VP] é uma construção aspectual prototípica do português falado.

Os resultados evidenciam, por fim, que o objeto central das narrativas não é a simples sequência cronológica dos fatos, mas os momentos inaugurais que definem a trajetória do falante. Nesse sentido, notamos que são pelos marcos de início, expressos pelo aspecto inceptivo, que revelam como a língua articula categorias gramaticais como tempo e aspecto, e concretiza os processos cognitivos de categorização e a construção social da memória. Em relação a construção perifrástica [começar + Vp] compreendemos que não é apenas um recurso gramatical, mas uma forma de organizar a memória narrativa, a partir de marcos inaugurais que se destacam como figura e fundo da experiência humana.

CAPÍTULO 1 - CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

A compreensão da língua e de seus múltiplos elementos vai além de sua estrutura gramatical ou de regras fixas. A língua é viva, dinâmica e intrinsecamente ligada às práticas culturais e cognitivas dos indivíduos que a utilizam. Este capítulo tem como objetivo explorar as abordagens baseadas no uso, investigando a relação entre língua, cultura e cognição, além de descrever como esses elementos se entrelaçam no processo de comunicação humana. Por meio dessas abordagens, busca-se compreender como a língua é aprendida, utilizada e transformada no cotidiano.

A primeira seção discute a estreita ligação entre língua e cultura, destacando como ambas se influenciam mutuamente. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo da cultura de um povo, carregando significados, valores e modos de pensar que são compartilhados em uma sociedade.

Na sequência, a descrição da língua sob uma perspectiva intercultural é abordada, enfatizando como diferentes contextos culturais moldam o uso e a interpretação da língua. Aqui, a atenção recai sobre a importância de compreender as diferenças culturais para enriquecer a interação e o aprendizado linguístico.

O capítulo avança para uma discussão sobre a linguística cognitiva, explorando como a cognição humana está conectada à linguagem. A linguagem cognitiva é apresentada como uma abordagem que considera a língua não apenas como um sistema isolado, mas como parte das capacidades gerais do pensamento humano.

A subseção sobre categorização e prototipia investiga como organizamos e classificamos o mundo ao nosso redor usando categorias linguísticas. A ideia de protótipos – exemplos típicos que representam uma categoria – é central para entender como os significados são construídos e compartilhados.

Já na parte dedicada à semântica de *frames*, o foco recai sobre como a língua ativa cenários mentais ou “*frames*” que ajudam na interpretação de palavras e expressões. Essa visão enfatiza que o significado está inserido em contextos mais amplos e relacionais.

Ao longo deste capítulo, procuramos evidenciar as contribuições da linguística cognitiva como uma perspectiva integradora que enxerga a língua em sua complexidade, conectando-a à cultura e aos processos cognitivos, e considerando-a como um fenômeno social e humano em constante evolução.

1.1 Língua e Cultura

Conforme os estudos realizados sobre língua e cultura, observamos que desde os tempos mais remotos, o homem almejava expressar seus pensamentos e sentimentos. E o meio encontrado para realizar tal interesse foi o desenvolvimento da língua. Com isso, permitiu ao ser humano interagir verbalmente com o outro, externando seus pensamentos e usando a comunicação por meio da fala ou da escrita e de outras formas de expressão da linguagem. A partir disso, as relações sociais se estreitaram e as ideias, a cultura, as ideologias e os conhecimentos, conseqüentemente, puderam ser amplamente difundidos e tudo isso foi possibilitado pela língua.

A língua é resultado de um processo contínuo de construção ao longo da história e das interações sociais. Trata-se de um sistema coletivo, um conjunto de códigos estruturados e utilizados para expressar pensamentos, compartilhar ideias e promover a comunicação entre as pessoas. Sendo uma convenção amplamente aceita por uma comunidade, a língua é um bem coletivo e não pertence a indivíduos isoladamente, mas ao grupo como um todo. Como patrimônio social, a língua desempenha um papel central nas relações humanas, funcionando como um meio pelo qual o conhecimento, os valores e a cultura de um povo são preservados e transmitidos de geração em geração. Assim, ela contribui para a continuidade e perpetuação da história e da identidade cultural de uma sociedade ao longo do tempo.

De acordo com Betania (2010, p. 01):

O caráter social da língua é facilmente percebido quando levamos em conta que ela existe antes mesmo de nós nascermos. Cada um de nós já encontra a língua formada e em funcionamento, pronta para ser usada. E, mesmo quando a pessoa deixa de existir, a língua subsistirá independentemente de nós. A língua pertence a todos os membros de uma comunidade; por isso faz parte do patrimônio social e cultural de cada coletividade.

A língua possui um caráter eminentemente social, evidente quando consideramos que ela antecede a nossa própria existência. Antes mesmo de nascermos, já encontramos a língua plenamente formada e em funcionamento, disponível para ser aprendida, utilizada e compartilhada. Esse ponto de vista ressalta que a língua não é algo individual ou exclusivo de um único sujeito, mas sim um elemento que pertence a todos os membros de uma comunidade. Sua existência não depende de indivíduos específicos, pois ela continua a existir e a evoluir mesmo após a partida de cada pessoa.

Como patrimônio coletivo, a língua reflete os valores, as tradições e a cultura de um

povo, consolidando-se como um elemento essencial na formação e preservação da identidade de uma sociedade. Por integrar o patrimônio social e cultural de cada coletividade, a língua se torna um elo entre gerações, permitindo a transmissão de saberes, histórias e modos de vida que fortalecem o sentimento de pertencimento e a continuidade cultural de um grupo.

Cada cultura desenvolve maneiras únicas e particulares de organizar e interpretar o mundo ao seu redor. É por meio da elaboração de sistemas de classificação que a cultura nos oferece os recursos necessários para compreender o ambiente social e atribuir significado às coisas, aos eventos e às relações. Esses sistemas funcionam como uma espécie de linguagem comum, permitindo que os indivíduos de uma sociedade compartilhem entendimentos e estabeleçam uma base de comunicação e interação:

Os diferentes povos concebem a realidade à sua volta de maneira diferente e usam a linguagem para codificar e traduzir essa realidade. A língua, nessa concepção, não é entendida como uma estrutura linguística que determina o pensamento, mas é vista como um processo dinâmico e complexo. Ela é constitutiva e construtiva da realidade social, adaptativa às necessidades sociais dos falantes, que estão inseridos em um contexto regido por normas socioculturais. É esse contexto cultural que implementa, molda e dá forma aos significados codificados nas línguas (OLIVEIRA; SANTOS; SOUZA DIAS, 2013, p. 103).

Dentro de um grupo social, há um nível significativo de concordância sobre como as coisas devem ser categorizadas, o que contribui para a manutenção da ordem e da coesão social. Esses sistemas compartilhados de significados e valores são, em essência, a própria definição de cultura. Eles expressam os acordos implícitos que orientam a percepção e a organização do mundo, moldando as práticas, crenças e identidades de uma comunidade. Assim, a cultura é a estrutura que sustenta e dá sentido às experiências coletivas de uma sociedade.

Segundo Douglas (1966):

[...] a cultura, no sentido dos valores públicos, padronizados, de uma comunidade, serve de intermediação para a experiência dos indivíduos. Ela fornece, antecipadamente, algumas categorias básicas, um padrão positivo, pelo qual as ideias e os valores são higienicamente ordenados. E, sobretudo, ela tem autoridade, uma vez que cada um é induzido a concordar por causa da concordância dos outros (DOUGLAS, 1966:38-39).

A cultura, entendida como o conjunto de valores e padrões compartilhados por uma comunidade, desempenha um papel central na mediação das experiências individuais. Ela atua como um sistema pré-estabelecido que organiza e dá sentido ao mundo, fornecendo categorias básicas e um padrão de referência que orienta a forma como as ideias e os valores são

estruturados e compreendidos. Essa padronização cultural possibilita uma organização “higiênica” dos conceitos, eliminando ambiguidades e promovendo uma percepção ordenada da realidade.

Além de estruturar a experiência individual, a cultura exerce uma forte influência por meio de sua autoridade coletiva. Essa autoridade não é imposta de forma explícita, mas emerge da aceitação tácita dos valores e normas por todos os membros do grupo. Assim, cada indivíduo é levado a concordar com essas normas, influenciado pela conformidade generalizada da comunidade. Em outras palavras, a força da cultura reside no consenso social, no qual a concordância coletiva legitima e reforça os valores que moldam a vida em sociedade.

A cultura pode ser definida como o conjunto de “valores, costumes, crenças e práticas que moldam o modo de vida de um grupo social específico” (Eagleton, 2005, p. 55). Esse conjunto é indissociavelmente vinculado à língua, que atua como o principal meio de expressão, transmissão e perpetuação cultural. A língua não apenas sustenta a cultura, mas também possibilita sua formação e propagação ao longo das gerações. Assim, língua e cultura coexistem em uma relação simbiótica: não há cultura sem língua, nem língua sem a base cultural que a sustenta.

A cultura é fruto da ação humana coletiva, construída a partir do acúmulo de conhecimentos e experiências compartilhadas ao longo do tempo. Ela não é estática, mas está em constante transformação, incorporando novos elementos, enriquecendo-se e adaptando-se às mudanças sociais e históricas. Esse dinamismo reflete o caráter vivo e coletivo da cultura, sempre em evolução.

O ser humano, por sua vez, é essencialmente cultural e social. Desde o momento em que nasce, ele já está inserido em um contexto específico, uma cultura, uma sociedade, e uma língua. Esse contexto sócio-histórico fornece os recursos simbólicos que moldam sua percepção de mundo e suas interações. É por meio da língua que o indivíduo acessa e participa do universo simbólico, construindo significados e inserindo-se na dinâmica cultural que dá forma à sua identidade e às suas relações.

Para Bybee (2016, p. 17), “A língua é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões enquanto, ao mesmo tempo, mostra variação considerável em todos os níveis: as línguas diferem uma das outras, embora sejam notoriamente moldadas pelos mesmos princípios”. De acordo com Bybee (2016), ela segue padrões bem definidos, que conferem estrutura e estabilidade ao seu funcionamento. Esses padrões ajudam a estabelecer regras comuns, permitindo que as pessoas se comuniquem de maneira eficiente. No entanto, a

língua também é marcada por uma diversidade impressionante, que se manifesta em todos os seus níveis, desde a pronúncia e a gramática até o vocabulário e os estilos de expressão.

Essa variação ocorre tanto entre línguas diferentes quanto dentro de uma mesma língua, refletindo as experiências culturais, sociais e históricas de seus falantes. Apesar dessa diversidade, há princípios universais que moldam todas as línguas. Esses princípios estão ligados à capacidade humana de usar a linguagem para transmitir pensamentos, ideias e emoções. É essa base compartilhada que torna possível a comunicação e o entendimento, mesmo diante das diferenças linguísticas.

Portanto, a língua é ao mesmo tempo diversa e comum. Cada idioma carrega a identidade de seu povo, com suas singularidades e nuances, mas todos eles são guiados por regras fundamentais que têm como objetivo atender às necessidades de expressão e interação humana. Essa dualidade – entre o que é único e o que é universal – faz da língua um fenômeno dinâmico e essencial para a vida em sociedade.

1.2 A Língua em perspectiva Intercultural

Descrever uma língua envolve analisar suas estruturas, funções e usos, com o objetivo de compreender como os falantes empregam o idioma para expressar significados em diferentes contextos. Essa análise se torna ainda mais rica quando abordada sob uma perspectiva intercultural, que considera as influências das variações culturais na forma como a língua é utilizada, entendida e interpretada. Assim, ao estudar uma língua, é essencial reconhecer a cultura de cada grupo social que a utiliza, pois língua e cultura estão intrinsecamente conectadas.

Embora seja desafiador conceituar “cultura”, sabemos que ela está diretamente relacionada à identidade, história e valores de uma sociedade. A língua, como veículo primordial de expressão, reflete esses elementos culturais, moldando as percepções e interações dos indivíduos. Ela não apenas transmite conhecimentos e narrativas de um povo, mas também atua como um instrumento de construção e preservação da identidade cultural.

A relação entre língua e cultura é, portanto, uma interconexão complexa e fundamental. Por meio dela, as pessoas não apenas se comunicam, mas também compartilham experiências, interpretam o mundo ao seu redor e constroem significados. Essa dinâmica é particularmente importante para promover o entendimento intercultural, valorizar a diversidade linguística e fomentar o respeito pelas identidades culturais.

Amparados nesses pressupostos, esta pesquisa se fundamenta na Gramática das Construções (Traugott e Trousdale, 2013; Bybee, 2010) para descrever e analisar as construções perifrásticas [começar + VP] mais produtivas no *Corpus Fala Goiana*. Essas construções, formadas por um verbo auxiliar e um verbo lexical em forma nominal, constituem, conforme Paula (2014), um Sintagma no Nível Morfossintático e uma única Propriedade Configuracional no Nível Representacional.

Goldberg (1995) reforça essa perspectiva ao definir as construções como pares forma/sentido, em que o significado não pode ser entendido isoladamente, mas como uma unidade básica da linguagem. Essa abordagem destaca o mapeamento entre sintaxe e semântica, demonstrando que as construções perifrásticas são selecionadas pelos falantes com base em motivações cognitivas e semânticas, dentro de contextos de uso específicos.

Estudos de autores como Tavares (2009), Almeida e Oliveira (2010) e Paula (2014) descrevem construções perifrásticas em uma abordagem funcional, enfatizando como os registros e os contextos de uso influenciam sua constituição. Contudo, ainda não há registros de estudos desse fenômeno no *Corpus Fala Goiana*, o que torna esta pesquisa especialmente relevante.

O *Corpus Fala Goiana* oferece uma oportunidade valiosa para o estudo das características do Português Brasileiro na língua falada em Goiás, bem como práticas sociais da cultura regional espelhadas na interação entre os falantes registrada no *Corpus*. Além disso, essa pesquisa dialoga com o Programa de Interculturalidade, ao buscar descrever particularidades da cultura goiana no uso da gramática por seus falantes.

Nesse contexto, analisaremos qualitativamente as construções perifrásticas [começar + VP], identificando os valores semânticos mais frequentes e relacionando-os aos contextos pragmáticos orais presentes no *Corpus*. Essa abordagem permitirá compreender como as construções perifrásticas refletem as marcas linguísticas e culturais do grupo social representado, reforçando a importância de valorizar a diversidade linguística e cultural de Goiás.

Para Walsh, a interculturalidade é:

[...] um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas

e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. Uma meta a alcançar (Walsh, 2001, apud Candau, 2008, p.52).

Segundo Walsh (2001, apud Candau, 2008), a interculturalidade é um processo contínuo e dinâmico que envolve a relação, a comunicação e o aprendizado entre culturas diferentes. Esse processo acontece com base no respeito mútuo, na legitimidade das diferenças, na busca pela igualdade e em condições de equilíbrio entre as partes. A interculturalidade vai além de simplesmente aceitar as diferenças; ela propõe um intercâmbio ativo entre pessoas, saberes e práticas, valorizando a diversidade cultural e criando novos significados a partir dessas interações.

Além disso, ela exige ações concretas e conscientes que promovam a responsabilidade e a solidariedade entre os diferentes grupos. A interculturalidade não é um estado que se atinge automaticamente, mas uma meta a ser alcançada por meio do esforço coletivo. É um convite para que as pessoas e a sociedade, como um todo, repensem suas práticas e construam relações mais justas, baseadas na compreensão, no diálogo e no respeito às diferenças culturais.

Nesse contexto, a língua constitui-se como um espaço privilegiado da interculturalidade e elas se relacionam, pois torna-se evidente ao se considerar que a análise das construções perifrásticas não está restrita à dimensão formal da língua, mas envolve também a compreensão de como os falantes constroem e compartilham experiências culturalmente situadas.

Diante disso, a pesquisa pode contribuir também para a perspectiva intercultural, ao mostrar que a gramática do português falado é indissociável dos contextos socioculturais em que se manifesta, funcionando como um ponto de encontro entre identidade individual, memória coletiva e experiências universais. Portanto, a interculturalidade, reforça a relevância social desta pesquisa, evidenciando que a análise linguística também é um caminho para compreender os modos diversos pelos quais as culturas constroem e narram a vida.

1.3 A Linguística Cognitiva e a Língua

(....) a linguagem é parte integrante da cognição (e não um módulo separado) e se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, do processamento mental, da interação e da experiência social e cultural. (SILVA, 2004, p. 2).

Silva (2004) aborda a relação entre os processos cognitivos e as construções linguísticas, destacando a importância de categorias prototípicas para analisar fenômenos da linguística cognitiva. Essas categorias ajudam a compreender elementos como a polissemia (múltiplos significados de uma palavra), as metáforas e a introdução de conceitos complexos, conhecidos como espaços mentais.

A interligação entre cognição e linguagem, descrita como algo flexível e dinâmico, forma a base das análises cognitivas. Segundo Silva (2004), esse estudo é guiado por três princípios principais:

- Prioridade da semântica: Como a principal função da linguagem é categorizar o mundo, o significado das palavras e expressões é o foco central das análises linguísticas. Isso significa que a semântica (o estudo dos significados) ocupa uma posição de destaque.
- Interdependência entre linguagem e conhecimento: A linguagem não pode ser separada do conhecimento que temos sobre o mundo. Por isso, o significado linguístico está diretamente associado ao contexto em que as palavras e formas são usadas. Não há uma camada puramente estrutural de significado que esteja isolada do que conhecemos e experienciamos.
- A linguagem como meio de construção e organização: A linguagem não reflete objetivamente a realidade. Em vez disso, ela serve como ferramenta para interpretar, construir e organizar o mundo de acordo com as necessidades, interesses e experiências de indivíduos e culturas.

Esses princípios refletem a abordagem filosófica e epistemológica da linguística cognitiva, conhecida como experiencialismo ou realismo corporificado. Essa perspectiva, apresentada por autores como Lakoff e Johnson, defende que o significado linguístico está fundamentado na experiência humana, seja ela individual, coletiva ou histórica.

Assim, o movimento cognitivo baseia-se na análise do uso real da linguagem, utilizando dados concretos para compreender como as expressões linguísticas estão relacionadas às vivências e às culturas dos falantes. Essa abordagem destaca que a linguagem

não é apenas um reflexo do mundo, mas um instrumento poderoso para moldar e expressar as nossas percepções e interações com ele.

Sobre o olhar de Silva (2004) podemos compreender princípios e aspectos:

Quadro 1: Princípios da Linguística Cognitiva

Princípios e Aspectos	Descrição Resumida
1º Princípio: Significado enciclopédico e perspectivado	O significado da linguagem organiza o conhecimento do mundo com base na perspectiva da sociedade e cultura dos falantes. Linguagem é conhecimento.
2º Princípio: Experiencialismo e realismo corporificado	A linguística cognitiva analisa o uso real da língua, observando sua relação com o sujeito que a utiliza para comunicação e interação. Não pode ser desvinculada da realidade.
3º Princípio: Categorização baseada em experiências compartilhadas	A linguagem reflete as experiências dos indivíduos, permitindo interpretar construções linguísticas em diferentes níveis, do concreto ao abstrato.
Natureza da Linguagem	A linguagem é vista como um instrumento cognitivo, assim como a percepção visual e o raciocínio, acionando processos baseados na memória e no contexto.

(Fonte: Silva, 2004)

Ele destaca que a linguística cognitiva fundamenta-se no experiencialismo, uma visão que considera a linguagem como parte integral da experiência humana. Ela é analisada no contexto real de uso e reflete as perspectivas culturais e sociais dos falantes.

Além disso, a categorização pela linguagem não é fixa, mas moldada por experiências compartilhadas, o que a torna flexível e compreensível em diferentes níveis de abstração.

Essa abordagem entende a linguagem como um instrumento que vai além de um simples reflexo do mundo. Ela organiza, interpreta e projeta a realidade vivida, sendo fundamental para a comunicação e interação humana.

1.3.1 Princípios da Linguística Cognitiva

Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem que busca compreender como as palavras e estruturas linguísticas estão relacionadas aos processos mentais e à maneira como percebemos e interpretamos o mundo. Diferentemente de outras perspectivas que tratam a linguagem como um sistema independente, a Linguística Cognitiva enfatiza que o significado é construído pela mente humana com base nas experiências, percepções e interações com o ambiente. Assim, ela explora como conceitos, categorias e sentidos são formados por meio da cognição, destacando que a linguagem reflete e molda a forma como as pessoas pensam e vivenciam a realidade.

De acordo com Ferrari (2022, p.14):

A Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavras e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido.

Sob essa perspectiva, o significado não é um simples reflexo da realidade. Ele é construído dentro da nossa mente, com base nas nossas experiências e formas de enxergar o que acontece à nossa volta. Por isso, as palavras não carregam um significado único ou pré-definido. Elas servem como guias, orientando a nossa construção de sentidos e ajudando-nos a dar significado às coisas de acordo com o contexto em que estamos.

Essa visão torna o processo de compreensão mais dinâmico e pessoal, já que cada pessoa pode interpretar as palavras de maneira diferente, dependendo de suas vivências, conhecimentos e percepções. Assim, o sentido de uma palavra ou expressão não está nela mesma, mas na forma como cada indivíduo a utiliza para entender e explicar o mundo.

Em concordância com Fauconnier (1997) “...a linguagem é a ponta visível do iceberg da construção invisível do significado”. Segundo ele, a linguagem que usamos no dia a dia é apenas a parte visível de um processo que acontece na nossa mente: a construção do significado. Essa comparação com um iceberg ajuda a entender que, assim como a maior parte do gelo está submersa e invisível, a maior parte do trabalho de dar sentido às palavras e às frases ocorre de maneira interna, nos processos cognitivos.

Quando nos comunicamos, vemos apenas o resultado final das palavras, frases ou expressões que usamos. No entanto, por trás disso, existe um trabalho invisível envolvendo pensamentos, memórias, experiências e contextos que ajudam a moldar o que estamos dizendo e entendendo. Ou seja, a linguagem é uma ferramenta externa, mas o significado que damos a ela vem de um processo mental interno, que muitas vezes não percebemos conscientemente.

Assim, essa metáfora do iceberg nos mostra que a linguagem, apesar de parecer simples e direta, é sustentada por uma base complexa de processos cognitivos que dão forma e sentido ao que comunicamos.

Ainda sobre a compreensão de Ferrari (2022, p.17):

Linguística Cognitiva reconhece a arbitrariedade da dicotomia entre semântica e pragmática: assim como o conhecimento linguístico não pode ser adequadamente separadamente separado do conhecimento de mundo, o conhecimento semântico não pode ser separado, de forma rígida, do conhecimento pragmático.

Segundo Ferrari (2022), a Linguística Cognitiva questiona a divisão rígida entre semântica e pragmática, duas áreas que tradicionalmente são estudadas como se fossem separadas. A semântica está relacionada ao significado das palavras e frases, enquanto a pragmática se refere ao uso dessas palavras e frases no contexto da comunicação. No entanto, Ferrari argumenta que essas duas dimensões não podem ser tratadas como independentes, porque o significado das palavras está ligado ao contexto e às experiências do mundo real.

De maneira simples, a autora explica que o conhecimento que temos da linguagem não é isolado do nosso conhecimento sobre o mundo. Quando usamos palavras ou expressões, levamos em conta não só o significado literal, mas também o contexto, as intenções das pessoas envolvidas na conversa e o propósito da comunicação. Por isso, não faz sentido separar, de forma rígida, o significado fixo de uma palavra (semântica) e o que ela representa em situações específicas (pragmática).

Essa visão reforça que o uso da linguagem é um processo integrado, no qual o significado é construído a partir da interação entre os conhecimentos linguísticos e o nosso entendimento do mundo e das situações em que nos encontramos. Assim, semântica e pragmática são partes de um mesmo todo, funcionando juntas para que a comunicação seja compreensível.

De acordo com Justino (2021, p. 21):

A Linguística Cognitiva traz significativas contribuições para a compreensão do funcionamento da língua e sua correspondência com o aparato cognitivo geral do falante, que não é possível separarmos o sujeito que fala do sujeito que pensa, já que ele vive em sociedade e nela adquire linguagem.

Com isso reforça que a linguagem não é apenas um conjunto de regras ou estruturas isoladas. Ela está diretamente ligada à maneira como percebemos o mundo, interagimos uns com os outros e compartilhamos nossas experiências. Assim, o ato de falar está conectado ao pensamento, e ambos são moldados pelo contexto social em que o indivíduo está inserido. A linguagem, portanto, é mais do que um meio de comunicação é uma ferramenta para construir significado e para nos relacionarmos com o mundo e com as pessoas ao nosso redor.

Em resumo, a Linguística Cognitiva nos revela que a linguagem é conectada aos processos mentais, às experiências humanas e ao contexto, tornando a construção de significados um fenômeno dinâmico e integrado. A partir dessa visão, exploraremos agora os conceitos de categorização e prototipia, elementos importantes para compreender como organizamos e interpretamos o mundo por meio da linguagem.

1.3.2 Categorização e Prototipia

Neste capítulo buscamos em Bybee e outros autores da área da Linguística Cognitiva as investigações a respeito da categorização e prototipia e suas relações com as construções da nossa pesquisa.

Estudos mais recentes revelam que a categorização e a prototipia são conceitos fundamentais na Linguística Cognitiva, pois ajudam a explicar como organizamos o conhecimento e atribuímos significados ao mundo ao nosso redor. Na abordagem da Linguística Cognitiva, a categorização refere-se ao processo mental de agrupar objetos, ideias ou experiências com base em características comuns, permitindo que as pessoas simplifiquem e compreendam a complexidade da realidade. Já a prototipia está relacionada à ideia de que, dentro de uma categoria, alguns membros são considerados mais representativos ou típicos do que outros, funcionando como “modelos mentais” que orientam nossa percepção e uso da linguagem.

Segundo a Linguística Cognitiva, especialmente nos trabalhos de Bybee (2016), “o conceito de categorização está intimamente ligado ao modo como os seres humanos organizam e estruturam o conhecimento linguístico com base na experiência e no uso”. Reforçando essa ideia Bybee (2010) nos diz que “As circunstâncias do uso impactam a representação cognitiva da língua”. Ao negar a concepção da linguagem como um sistema fechado e abstrato, a autora enfatiza que os padrões linguísticos emergem de processos cognitivos gerais.

Neste sentido, podemos observar que nos estudos da Linguística Cognitiva, a categorização refere-se ao processo pelo qual agrupamos e organizamos informações sobre o mundo em categorias, agrupando entidades e conceitos, com base em características comuns ou semelhanças. Este processo é fundamental para o conhecimento e a compreensão do mundo, permitindo-nos simplificar a complexidade da experiência e interagir de forma eficiente.

Além disso, a categorização revela que o significado não é apenas definido por regras fixas, mas é influenciado pela interação entre nossas experiências, cultura e contexto. A partir dessa perspectiva, categorias e protótipos não são rígidos ou absolutos, mas dinâmicos, refletindo a maneira como percebemos e interpretamos o mundo de forma flexível e contextualizada.

De acordo com Justino (2021, p. 26):

Durante a interlocução, o falante é capaz de ordenar estruturas linguísticas, ao tempo em que projeta domínios conceptuais adequados aos propósitos comunicativos. Para que este trabalho simultâneo aconteça, é preciso que se tenha capacidade de distinguir e agrupar conceitos.

O autor destaca que durante uma conversa ou troca de mensagens, o falante não apenas organiza as palavras e frases que utiliza, mas também ativa e projeta conceitos mentais que são adequados ao objetivo de sua comunicação. Em outras palavras, ele é capaz de conectar a linguagem às ideias que deseja transmitir, adaptando-as ao contexto e ao que precisa ser entendido pelo interlocutor.

Essa realização exige uma habilidade importante: a capacidade de distinguir entre diferentes ideias ou conceitos e agrupá-los de forma lógica e compreensível. Tal organização mental é importante para que a comunicação seja produtiva, pois permite que o falante escolha as palavras e expressões certas para expressar o que pensa e alcançar seus propósitos. Assim, a linguagem e o pensamento trabalham juntos, de maneira coordenada, para tornar possível a transmissão de mensagens claras e adequadas às situações de interação social. Não se trata, portanto, de uma função mecânica, mas envolve uma interação dinâmica entre os processos linguísticos e cognitivos, mostrando como a mente humana é fundamental na construção do sentido durante a comunicação.

Acerca disso, de acordo com Lakoff (1987), as categorias são formas que usamos para organizar o mundo ao nosso redor. Não vemos o mundo apenas como um conjunto de objetos individuais, pois, nós, como seres humanos, tendemos a agrupar as coisas em categorias, ou seja, em grupos de itens que compartilham características comuns. Por exemplo, agrupamos seres vivos em categorias como animais e plantas, e dentro desses grupos, temos subcategorias, como mamíferos, répteis, flores, árvores, etc, processo que se repete também com palavras e até mesmo conceitos e ideias.

Lakoff (1987) explica que, uma vez que criamos essas categorias, tendemos a tratá-las como se fossem realidades concretas, com existência própria. Isso significa que, para nós, as categorias não são apenas abstrações mentais, mas algo que vemos como “real”, porque usamos essas classificações para organizar e compreender o mundo. Ele “ainda evidencia as relações intrínsecas de forma como pensamos e significamos no mundo e a maneira com que organizamos e modelamos a língua nas suas estruturas.”

Isso implica que nossas ideias e conhecimentos não são apenas refletidos nas palavras que escolhemos, mas também moldam a própria estrutura da língua. Em outras palavras, nossa cognição e a linguagem estão interconectadas, com a forma de pensar ajudando a

determinar como organizamos as palavras e construímos os significados. Neste sentido, o significado não existe como uma entidade na mente, mas ele é uma função, está sempre em função do contexto de uso e da estrutura de conhecimento a que ele está associado, assim ele vai sendo produzido no contexto a partir de base experiência, se tornando mais centrais do que outros.

Para exemplificarmos melhor esses processos cognitivos podemos dizer que a categorização é um processo mental que nos permite reconhecer, diferenciar e classificar ideias e objetos, ou seja, a mente estrutura o conhecimento, agrupando elementos semelhantes em categorias, facilitando os processos da linguagem e a memória.

Essa ideia encontra respaldo em Ferrari (2022, p. 31), ao dizer que:

A categorização é o processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas. (...) Nossas estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à nossa capacidade de memória. Podemos agrupar objetos em categorias para falarmos do mundo, mas não podemos criar um número infinito de categorias, pois isso acarretaria sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações.

Tendo como referência as semelhanças, as categorias são formadas em critérios semelhantes, ou seja, agrupamento no mundo em categorias específicas e é feita com base no contexto linguístico ou social. E são formadas por meio da exposição repetida a exemplos concretos da linguagem. A mente não forma regras abstratas de imediato, mas armazena e compara instâncias reais de uso, situação na qual os falantes estão envolvidos. Dessa forma, o conceito de algo vai sendo categorizado em nossa mente. A ideia de categorização acaba se relacionando em formas mais prototípicas ou mais marginais.

Reforçando essa perspectiva, Bybee (2016, p. 41-43) destaca que:

[...] na literatura sobre a categorização, debates entre a visão de categorias conforme caracterizadas por abstrações *versus* a visão de categorias como grupos de exemplares levam à mesma questão. Trabalho inicial sobre categorização natural identificou o que veio a ser chamado de efeitos prototípicos. Esses efeitos surgem de graus de pertencimento a uma categoria, em que alguns membros são considerados melhores ou mais centrais do que outros. (...) As pessoas constroem um protótipo abstrato de uma categoria com o qual o membro ou membros centrais compartilham mais traços do que os membros marginais.

Dessa maneira, a Linguística Cognitiva enfatiza a importância da experiência e do conhecimento do falante ao utilizar a categorização. Isso significa que as categorias linguísticas não são apenas definições abstratas, mas também reflexos da forma como percebemos e interagimos com o mundo e sugere que as categorias possuem membros mais

típicos (protótipos) que são considerados mais representativos da categoria do que outros membros.

Além disso, a autora (Bybee 2016, p. 42) cita que ‘os experimentos feitos por Rosch (1973, 1975) demonstraram que, dentro de uma cultura, os indivíduos mostram concordância considerável sobre que itens são considerados bons exemplos de uma categoria’ e aborda sobre algumas descobertas, entre elas, que “a categorização como um dos processos de domínio geral indica que a representação da língua é influenciada por ocorrências específicas de uso da língua” e em outras palavras, o grau de pertencimento a uma categoria pode ser baseado em numerosas ocorrências de experiências de uso da língua.

Com relação à linguagem, o processo de categorização é, de fato, essencial. Essa abordagem teórica contribui muito para a nossa pesquisa, pois os processos de categorização fazem parte do cotidiano do falante e apresenta-se como um dos processos cognitivos mais importantes na linguagem do usuário da língua, pois em muitos momentos do nosso dia estamos categorizando algo, sejam objetos, pessoas, situações ou experiências como é o caso da nossa microconstrução em estudo [começar+VP].

E como nosso *Corpus* de pesquisa é composto de narrativas orais, a categorização se faz presente na estrutura da construção em estudo. Por exemplo, quando o falante usa a construção [começar+VP] o próprio recorte da construção já é uma categorização, ou seja, é uma categoria na estrutura da língua que expressa o início de narrativas, são estruturas que servem para dar início às narrativas, e isso é uma forma de categorizar. Nesse sentido, o falante da fala goiana, quando faz o uso do [começar+VP], agrupa um conjunto de lembranças estruturadas em sua memória para falar das experiências de mundo vivenciadas por ele e agrupadas por ele em classes específicas.

Diante disso, a categorização se faz presente nas estruturas dos trechos das narrativas que possuem a nossa construção em estudo. Assim, observa-se que o falante, ao fazer uso do verbo “começar”, exemplifica trechos de lembranças que fazem parte da sua memória. Conforme Ferrari (2020, p. 31), “nossas estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à nossa capacidade de memória. Podemos agrupar objetos em categorias para falarmos do mundo [...]”. Mais especificamente, o falante usa a construção [começar+VP] para categorizar a narrativa de lembranças de experiências individuais vividas, o início de um acontecimento armazenado em sua memória. O enunciador projeta sua perspectiva temporal ao selecionar representações de início de processo.

Sintetizando, é possível compreender que a categorização linguística desempenha um papel central na organização da experiência do falante, especialmente ao recorrer a

construções que expressam particularidades do que é vivido, como a construção perifrástica [começar+VP]. Essa forma construcional ativa, em muitos contextos, traços de memória e organização sequencial da experiência, agrupando eventos com base em semelhanças perceptivas ou funcionais.

Segundo Bybee (2016), “a categorização é um processo cognitivo fundamental que permite aos falantes agruparem experiências linguísticas similares com base no uso e na frequência”. Dessa forma, ao empregar o verbo auxiliar “começar”, o falante seleciona uma estratégia linguística que não apenas introduz um aspecto inceptivo, mas também contribui para o enquadramento de eventos em categorias cognitivamente acessíveis e recorrentes, revelando uma relação entre estrutura linguística, frequência de uso e memória episódica.

Sob esse paradigma, a análise da construção perifrástica [começar+VP] no *Corpus* do Fala Goiana revela como os falantes recorrem à categorização para organizar e interpretar sequências verbais que expressam valores aspectuais, mais especificamente o aspecto inceptivo, como podemos observar na tabela 3 apresentada na metodologia.

Podemos considerar que a construção [começar+VP] é um exemplo claro de como a categorização funciona, pois os falantes agrupam várias instâncias dessa construção com base em funções semelhantes (marcar o início de um evento). Assim, a categorização se apresenta com base em demonstrações de início de experiências, como por exemplo, as construções como [comecei a trabalhar], [comecei a namorar], [comecei a fazer], [comecei a estudar] e [comecei a tocar] que reforça a forma prototípica da construção, conforme se verifica na descrição dos dados no capítulo de metodologia.

Quando os falantes expressam: “*comecei a fazer*” ou “*começou a trabalhar*”, eles reconhecem essas formas como pertencentes à mesma categoria, mesmo que com verbos diferentes, porque ativam o mesmo padrão categorial. As formas mais frequentes e estruturadas da construção [começar + VP] são representadas por “*comecei a trabalhar*”, “*começou tocar*”, “*começou a namorar*” atuam como protótipos da categoria, apresentando relações mais prototípicas, pois seus usos são mais esperados, e esses usos mais esperados são considerados os mais prototípicos, mais comuns no uso do falante, assim, tais eventos fazem parte do contexto de experiências mais prováveis de acontecer no cotidiano do falante.

Em resumo, a categorização é uma maneira de simplificar e organizar a complexidade do mundo. Através dela, podemos compreender e dar sentido às coisas, agrupando-as em categorias que nos ajudam a lidar com a realidade de forma mais eficiente. Os conceitos de categorização e prototipia mostram como organizamos o conhecimento e damos sentido ao mundo de maneira flexível, baseando-nos em experiências e contextos.

A categorização se torna fundamental para a análise da construção [começar+VP] no Fala Goiana, pois é com base nessa teoria que podemos categorizar os usos das narrativas. E a prototipia também é relevante para a análise dos dados da construção [começar+VP], tendo em vista que quando o falante realiza o processo de categorizar, logo, ele estrutura na fala os elementos mais prototípicos.

Dessa forma, sob a ótica da perspectiva da Linguística Cognitiva, a categorização e a prototipia oferecem ferramentas analíticas eficazes para compreender a gramática como sistema experiencialmente motivado. Observamos ainda que as categorias linguísticas são moldadas pelo uso frequente do falante. Os conceitos de categorização e prototipia mostram como organizamos o conhecimento e damos sentido ao mundo de maneira flexível, baseando-nos em experiências e contextos. Eles revelam que o significado na linguagem não é fixo, mas adaptável, refletindo nossa interação com a realidade e nossas vivências. Com essa base, avançamos agora para a Semântica de *Frames*, uma abordagem que amplia a compreensão dos significados ao explorar as redes de conhecimento ativadas pela linguagem em diferentes contextos.

1.3.3 A Semântica de *Frames*

A Semântica de *Frames* é uma abordagem da Linguística Cognitiva que explora como a linguagem está ligada aos esquemas mentais ou “*frames*” que ativamos ao compreender e comunicar significados. Esses *frames* são estruturas cognitivas que organizam o nosso conhecimento sobre o mundo, moldando a maneira como percebemos e interpretamos diferentes situações.

Essa abordagem foi originalmente desenvolvida por Charles J. Fillmore, um dos principais linguistas da linguística cognitiva. A partir da década de 1970, Fillmore propôs que o significado das palavras não poderia ser compreendido isoladamente, mas sim em relação a estruturas conceituais mais amplas chamadas *frames* (quadros). Esses *frames* representam situações típicas ou esquemas de conhecimento que dão sentido aos elementos linguísticos.

De acordo com essa teoria, ao usar a linguagem, não estamos apenas transmitindo palavras isoladas, mas ativando essas estruturas mentais que nos ajudam a compreender contextos e a dar sentido às nossas experiências. Assim, a Semântica de *Frames* destaca a importância do contexto na formação dos significados, mostrando como a comunicação vai além das palavras e envolve uma rede de conhecimentos, experiências e interpretações compartilhadas.

Seu conceito de acordo com Fillmore (1982) “representa o conjunto de estruturas

usadas para descrever em linguagem nossas experiências na coletividade social”. Ainda segundo o autor, um *frame* é uma estrutura conceitual que organiza situações típicas do mundo real, incluindo seus participantes, papéis e elementos contextuais, ativados lexicalmente nas interações linguísticas. Dessa forma, a compreensão de uma palavra ativa um *frame* conceitual que fornece o contexto interpretativo.

Fillmore (1982) enfatiza que a linguagem não é apenas uma ferramenta isolada de comunicação, mas está profundamente conectada às experiências coletivas. Isso significa que a forma como organizamos as palavras e as frases que usamos é moldada pelas vivências sociais, culturais e históricas das pessoas que compartilham uma mesma língua. Assim, as construções linguísticas funcionam como um reflexo da maneira como entendemos e interagimos com o mundo ao nosso redor, sendo essencialmente influenciadas pelas relações sociais e culturais.

Conforme Justino (2021, p. 31),

Valendo-se da noção de categorização, Fillmore (1982) traz importante contribuições à Linguística Cognitiva, quando discute o conceito de *frame semântico*. Para o autor, o *frame* representa o conjunto de estruturas usadas para descrever em linguagem nossas experiências na coletividade social. Cada *frame* seria a esquematização de determinados princípios semânticos que regem as estruturas linguísticas.

Esse conceito destaca a importância da linguagem como um meio para representar e compartilhar experiências dentro de uma comunidade, sendo um ponto de conexão entre o indivíduo e a coletividade. Através dessas estruturas, conseguimos não só comunicar nossas ideias, mas também criar e reforçar significados que fazem parte da nossa vivência social. Complementando essa ideia, Justino (2021, p. 32) explica que: “[...a cada contexto pragmático em que interagem os falantes, os *frames* emolduram a comunicação, determinando a organização e os sentidos que linguagem adquire na produção de linguagem...]”.

Ainda de acordo com Justino (2021), os *frames* (quadros conceituais) podem ser úteis para entender como ocorrem os processos de mudança na língua, especialmente no que diz respeito à interação entre diferentes domínios conceituais. Isso significa que, ao longo do tempo, a linguagem não é estática, mas passa por transformações que envolvem a troca e o entrelaçamento de ideias e conceitos, o que influencia as formas como expressamos significados.

Justino (2021) também explica que esse “entrecruzamento” de domínios conceituais pode ser observado no eixo sintagmático, que se refere à organização das palavras e frases dentro de uma sentença, e nas relações entre as construções linguísticas em foco e as

estruturas sintáticas ao seu redor. Em outras palavras, a forma como as palavras se combinam em uma frase e como elas interagem umas com as outras pode ser influenciada por mudanças nos conceitos e significados que usamos para compreender o mundo.

Dessa forma, os *frames* ajudam a revelar como a linguagem se adapta e muda ao longo do tempo, refletindo as novas maneiras de entender o mundo e organizar as ideias. Esses quadros mentais, que organizam o conhecimento, estão diretamente conectados com as construções linguísticas e suas relações sintáticas, mostrando como a linguagem evolui de forma dinâmica, à medida que diferentes conceitos se entrelaçam e influenciam as formas de expressão.

Segundo Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985), o *frame* representa uma estrutura cognitiva permanente e estável que designa um sistema estruturado de conhecimento que permanece armazenado na memória a longo prazo e organiza-se por meio da experiência e do conhecimento culturalmente compartilhado. O autor explica que o significado das palavras está subordinado a *frames* e que para interpretar uma palavra ou um conjunto de palavras é necessário acessar a estruturas de conhecimento relacionados a elementos e a entidades que são associadas a cenas da experiência humana sem deixar de considerar as bases físicas e culturais dessa experiência. Nesse sentido, para entender certas expressões e é preciso acionar o *frame* que melhor o representa. De acordo com Charles Fillmore em sua teoria sobre *Frame Semantics* (1976, 1982) apresentamos alguns exemplos relacionados a noção de *frames* (quadros conceituais) que ajudam a entender como organizamos a linguagem e o significado e podem ser usadas de acordo com o contexto, indicando algum tipo de atividade, conforme a existência de enquadres alternativos (*alternative framings*), levando-se em conta os itens lexicais que ativam *frames* para conceptualizar uma mesma situação:

- I. ***Frame de Causa e Efeito***: Esse *frame* é ativado quando falamos sobre causas e consequências. Por exemplo, ao dizer “Ele ficou doente porque comeu algo estragado”, estamos ativando o frame de causa e efeito, onde “comer algo estragado” é a causa e “ficar doente” é o efeito.
- II. ***Frame de Movimento (Motion Frame)***: Quando falamos sobre deslocamentos ou jornadas, ativamos o *frame* de Movimento, que envolve conceitos como ponto de partida, destino e o caminho entre os dois. Integra elementos como: caminho, fonte, mover, meta. Representa a cena de uma entidade que se desloca de um ponto para outro. Por exemplo, “Ela vai de carro para o trabalho todos os dias” ativa o *frame* de movimento, uma pessoa indo de um local (ponto de partida) até outro (destino).

- III. **Frame de Transação:** Esse *frame* é usado quando falamos de trocas ou transações, como compras, vendas ou outras formas de intercâmbio. Por exemplo, em “Eu comprei um presente para minha amiga”, ativamos o *frame* de transação, onde há um comprador, um vendedor, um objeto de troca (o presente) e o valor (dinheiro, por exemplo).
- IV. **Frame de Família:** Ao falar de relações familiares, como “Meu pai é muito carinhoso”, ativamos o *frame* de família. Esse quadro envolve conceitos como pais, filhos, avós, irmãos e as relações entre essas figuras. Ele organiza o entendimento de como as pessoas se relacionam dentro de uma estrutura familiar.
- V. **Frame de Jogo:** Quando usamos termos relacionados a esportes ou jogos, ativamos o *frame* de jogo, com conceitos como regras, jogadores, objetivos e estratégias. Por exemplo, em “Ele está jogando muito bem nesta partida”, ativamos o *frame* de jogo, com o jogador (sujeito) competindo dentro das regras para alcançar um objetivo (vencer).

Em conclusão, os *frames* são importantes para a construção do significado na linguagem, pois organizam e estruturam nossa compreensão do mundo e nossas experiências. Eles permitem que associemos palavras a conceitos e relações, ajudando a dar sentido à comunicação e às interações cotidianas. Através dos *frames*, a linguagem reflete a forma como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor, facilitando a troca de ideias e o entendimento entre os indivíduos. Assim, ao compreender como os *frames* atuam na língua, podemos perceber a complexidade e a flexibilidade da comunicação humana, que vai muito além da simples combinação de palavras.

Assim, a partir da Semântica de *Frames* desenvolvida por Charles Fillmore (1976, 1985), compreende-se que o significado das palavras e construções está ligado a estruturas cognitivas mais amplas chamadas *frames*. Diante disso, um *frame* é um modelo conceitual que representa uma situação típica com seus participantes, cenários e papéis.

Nessa perspectiva, ao evocar a construção [começar+VP], o falante ativa um *frame* de transição ou início de evento, interpretável à luz da experiência. O falante organiza sua narrativa marcando o início de uma nova etapa com a perífrase. Assim, construção perifrástica [começar+VP] ganha função discursiva.

Dessa forma, no contexto da construção [começar + VP], percebe-se que a escolha do verbo lexical está associada à ativação de *frames* de experiências. A partir disso, observa-se

que a construção [começar+Vp] atua como um gatilho para a ativação de *frames* ligados ao início de ações e à organização temporal da narrativa.

Com isso, evidencia-se que a construção perifrástica [começar+VP] contribui para a construção de significados ligados à mudança de estado e à memória experiencial no discurso espontâneo. Sob essa ótica, os dados do Fala Goiana revelam o predomínio da construção [começar+VP] vinculados à memória.

A seguir, apresentamos exemplos da construção [começar+VP] retirados de trechos originais do Fala Goiana que evocam *frames* estruturadores da experiência do falante, conforme teoria abordada:

A. Frame de transformação pessoal / engajamento religioso:

01) “(...) algum lugar onde falam de Deus, de alguma religião e quando a pessoa **começa a se envolver** com aquela religião, então é muito bom isso, eu mesmo fui transformado quando fui pra igreja, (...)”. (FG)

B. Frame de Causa e Efeito / causas e consequências:

02) “...só que aí o quê aconteceu... eu **comecei a melhorar...** com serviço...” (FG)

C. Frame de declínio emocional / coping após perda:

03) “... eu **comecei a matá** aula tipu assim perdi u interressi im tudu assim matá aula pra jogá vídeo game ou ficá atoa fingia qui ia pra escola...” (FG)

D. Frame de inserção no mercado de trabalho / relações sociais:

04) “... quando eu **comecei a trabaiá** de servente ()”. (FG)

E. Frame de mudança relacional / aproximação afetiva:

05) “... ai quando foi num dia ela chamou ai nois **começou a namorar...** foi logo nois amigô ai tá até hoje...” (FG)

Portanto, a construção [começar+VP] funciona como um marcador aspectual que também ativa *frames* discursivos relevantes, especialmente em contextos narrativos orais, como os encontrados no *Corpus* Fala Goiana.

Em conclusão, os *frames* são importantes para a construção do significado na linguagem, pois organizam e estruturam nossa compreensão do mundo e nossas experiências. Eles permitem que associemos palavras a conceitos e relações, ajudando a dar sentido à comunicação e às interações cotidianas. Através dos *frames*, a linguagem reflete a forma como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor, facilitando a troca de ideias e o entendimento entre os indivíduos. Assim, ao compreender como os *frames* atuam na língua, podemos perceber a complexidade e a flexibilidade da comunicação humana, que vai muito

além da simples combinação de palavras.

1.4 A metáfora do caminho nas construções perifrásticas

“A linguagem não é um fenômeno isolado, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos” (NEVES, 2021, p. 28), é mais do que um meio de comunicação: ela é também uma forma de compreender e representar o mundo. Neste sentido, as metáforas ocupam um papel fundamental na construção do pensamento e na expressão da experiência humana. Compreender a vida como um caminho é uma metáfora poderosa que atravessa narrativas orais, escritas e pessoais, permitindo que o sujeito organize suas vivências em sequências de tempo, espaço e sentido.

Nesta reflexão, investigamos como a metáfora do caminho aparece de forma recorrente em expressões linguísticas como [começar+VP], comuns no falar goiano, revelando estruturas fixas que constroem sentidos de movimento, continuidade e transformação. Além disso, exploramos a importância das narrativas orais e pessoais inseridas em contextos discursivos, especialmente em comunidades locais, para evidenciar como o sujeito narra a si mesmo e sua história a partir de tradições e experiências vividas.

Ao longo da vida, formulamos maneiras de compreender o mundo e a nós mesmos. Uma dessas formas é a metáfora, não apenas como figura de linguagem, mas como estrutura essencial do pensamento, ou seja, organiza os processos mentais dentro do contexto cultural. A metáfora “a vida é caminho” atravessa nossa experiência e guia sentidos, escolhas e narrativas. Ela não se limita a uma imagem poética ou a um recurso estilístico, mas se revela como instrumento potente de compreensão e construção da realidade. A linguagem que usamos todos os dias está impregnada de metáforas, que moldam a maneira como pensamos, sentimos e agimos.

Essa perspectiva é estudada por Lakoff e Johnson (1980), que inauguraram a teoria da metáfora conceptual, entendendo a metáfora como fundamental para o pensamento e a ação. Eles afirmam: “*nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica*” (1980), Ferrari (2022, p. 91). Assim, compreender metáforas é compreender os caminhos do pensamento humano, os modos como organizamos nossas experiências e projetamos sentidos.

A metáfora do caminho, tão presente em expressões como “seguir em frente”, “dar um

passo de cada vez” ou “mudar de direção”, permite que compreendamos a vida como uma jornada. Nesse percurso, o sujeito se desloca, aprende, transforma-se. A imagem do caminho traz consigo as ideias de progresso, escolha, esforço, obstáculos e destinos, todos conceitos abstratos que são concretizados por meio dessa estrutura metafórica. Assim, se considerarmos as narrativas como quadros que descrevem travessias da vida, a construção ora estudada aponta o caminho por onde os acontecimentos serão sucedidos.

Segundo Ferrari (2022), a metáfora é um mecanismo cognitivo que permite a compreensão de um domínio de experiência em termos de outro, sendo possível identificar um domínio-fonte (mais concreto) e um domínio-alvo (mais abstrato). Quando dizemos que a vida é um caminho, o domínio-fonte é a experiência concreta do deslocamento espacial; o domínio-alvo é a existência humana, com suas fases, incertezas e descobertas.

Outro exemplo citado por Ferrari (2022), é a metáfora que concebe o tempo como espaço ou movimento. A ideia de que ilustra como projetamos o conhecimento experiencial do espaço para o domínio abstrato do tempo, como nos exemplos:

06). “...**comecei a istudá** nu interior...” (FG);

07). “com treze anos qu/eu **comecei a namorá**...” (FG);

08). “...quando eu **comecei a trabalhá** lá minha menina... tava... a minha caçulinha tava com um ano e quatro meis...” (FG) e

09). “aí quando eu **comecei a custurá** eu conheci muita gente lá na confecção eu aprendi...” (FG).

Isso reforça o argumento de que, quando não conseguimos acessar diretamente um conceito com nossos sentidos, utilizamos experiências físicas conhecidas como ponte de compreensão: “*como não podemos acessá-lo diretamente por meio dos nossos sentidos, recorreremos ao conhecimento de base experiencial relativo ao espaço e o projetamos para o domínio abstrato do tempo*” (Ferrari, 2022, p. 93).

Quando dizemos, por exemplo, “... então eu **comecei a descobrir** aquele mundo ali... logo em seguida eu:... me deparei com uma situação totalmente diferente...”, a expressão idiomática traduz a experiência da travessia de uma jornada espaço/temporal que se encerra e recomeça com outra situação.

Ferrari (2022) aponta:

As metáforas conceptuais podem interagir, gerando sistemas metafóricos complexos. Lakoff (1993), em Ferrari (2022, p. 95) “metáfora de estrutura de evento”, trata de uma série de metáforas que interagem para que se chegue à interpretação de outra metáfora, mais geral. A metáfora vida é viagem pode ser composta pelos seguintes sistemas metafóricos: Estados são locais: Ele chegou a um beco sem saída na vida;

Mudança é movimento: Ele foi dos quarenta aos cinquenta, sem nenhuma crise de meia idade; Causas são forças: Ele teve impulso da família para se posicionar bem na vida; Metas são destinos: Ele vai chegar aonde quiser na vida; Meios são caminhos: Ele seguiu um caminho pouco convencional na vida.

A citação de Ferrari (2022) nos mostra que as metáforas conceptuais não atuam isoladamente. Elas podem se combinar e formar sistemas metafóricos amplos, que ajudam a organizar o pensamento e a dar sentido a experiências humanas variadas. Esse fenômeno é chamado por Lakoff (1993), conforme citado por Ferrari, de “metáfora de estrutura de evento”, ou seja, um conjunto de metáforas menores que, interagindo entre si, sustentam uma metáfora maior.

Um bom exemplo disso é a metáfora “a vida é uma viagem”. Essa metáfora geral não aparece sozinha, ela é formada por várias outras metáforas menores, que se relacionam entre si e colaboram para construir uma visão completa da experiência de viver. Quando dizemos, por exemplo, que alguém “chegou a um beco sem saída na vida”, estamos usando a ideia de que estados são lugares, ou seja, cada fase da vida é entendida como um ponto no espaço.

Por outro lado, ao afirmar que uma pessoa “foi dos quarenta aos cinquenta sem nenhuma crise”, usamos a metáfora de que mudança é movimento, representando o passar do tempo como deslocamento físico. Quando ouvimos que alguém “teve impulso da família para se posicionar bem na vida”, percebemos que causas são forças, ou seja, eventos ou influências externas são vistos como empurrões que nos impulsionam em determinada direção.

Ou ainda, na frase “ele vai chegar aonde quiser na vida”, entendemos que metas são destinos, como se viver fosse traçar um percurso até alcançar um ponto final desejado. Por fim, quando se diz que “ele seguiu um caminho pouco convencional”, temos a metáfora de que meios são caminhos, indicando que as escolhas feitas ao longo da vida são parecidas com rotas ou trilhas que alguém decide percorrer.

Todas essas metáforas se conectam para compor a grande imagem da vida como uma jornada. Essa estrutura metafórica é poderosa porque nos ajuda a entender a vida como algo que exige direção, esforço, escolha e movimento, características que já conhecemos muito bem nas experiências físicas e concretas, como viajar ou caminhar. Assim, os conceitos abstratos se tornam mais compreensíveis e próximos de nossa vivência cotidiana.

A partir da teoria da metáfora conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980) e discutida por Ferrari (2022), vimos que o pensamento humano é construído por meio de sistemas metafóricos que interagem entre si. Esses sistemas permitem que experiências difíceis de entender diretamente com o passar do tempo ou o sentido da vida sejam

compreendidas a partir de vivências físicas, sensoriais e concretas, como se mover no espaço ou seguir uma estrada.

Além disso, observamos que a metáfora não é apenas um modo de falar, mas um modo de pensar. Ela nos oferece perspectivas sobre o mundo e sobre nós mesmos, moldando nossas decisões, interpretações e trajetórias.

Por isso, reconhecer a vida como caminho é, também, reconhecer que estamos sempre em movimento, em processo, em construção. Cada escolha, cada etapa, cada “desvio” ou “parada” fazem parte de uma jornada que é única e que só pode ser compreendida a partir da maneira como organizamos e narramos nossas vivências. A metáfora, nesse sentido, é um recurso importante para narrar a si mesmo e para se situar no mundo. Ela é linguagem, mas também é direção.

A metáfora do caminho constitui uma das formas mais recorrentes e significativas de expressar experiências humanas. Ao pensar a vida como uma jornada, estruturada por partidas, percursos, paradas, obstáculos e chegadas, cria-se uma imagem compreensível e compartilhada da existência. Essa metáfora, ao mesmo tempo conceitual e linguística, permite representar processos abstratos como tempo, mudanças, decisões e transformações pessoais, por meio de elementos concretos e sensoriais. É nesse sentido que Lakoff e Johnson (1980, p. 5) afirmam que “a essência da metáfora é entender e experimentar uma coisa em termos de outra”, ideia que amplia a compreensão da linguagem como prática incorporada e vivida no cotidiano.

Ao serem utilizadas de maneira sistemática, as metáforas tornam-se ferramentas cognitivas fundamentais. A chamada metáfora conceptual, conforme discutida por Lakoff e Johnson (1980), não é apenas um recurso estilístico da linguagem, mas uma estrutura que molda o pensamento e influencia a forma como o sujeito age no mundo. No caso da metáfora vida é caminho, ocorre o mapeamento entre dois domínios de experiência: o domínio-fonte (caminho) que envolve movimento, espaço físico e direção — e o domínio-alvo (vida) um conceito abstrato e subjetivo.

Esse mapeamento permite que o tempo, as emoções, as decisões e os projetos de vida sejam compreendidos como deslocamentos no espaço: seguimos em frente, enfrentamos barreiras, mudamos de direção, tomamos atalhos, retrocedemos ou alcançamos metas. Como afirma Ferrari (2022, p. 92), “a metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas”. Dessa forma, falar da vida como caminho é também falar de escolhas, de percursos formativos e da própria construção da identidade.

Além disso, a construção perifrástica “começar a” recorte da nossa construção de estudo [começar + VP] está fortemente vinculada a essa lógica metafórica de movimento e início de trajetórias. No contexto de narrativas orais e pessoais, especialmente aquelas oriundas do falar goiano, tal expressão ganha ainda mais força ao marcar não apenas o início de uma ação, mas um deslocamento subjetivo e social. Como observa Ferrari (2022, p. 94), “a linguagem usada para falar de conceitos abstratos como o tempo [...] projeta-se para o domínio da experiência sensório-motora”, o que reforça o papel da metáfora como mecanismo central na articulação entre linguagem, pensamento e realidade vivida.

Assim, compreender a metáfora do caminho é essencial para interpretar como os sujeitos constroem sentidos sobre suas vivências e narrativas. Mais do que um recurso de estilo, essa metáfora representa uma forma de organizar cognitivamente as experiências no tempo e no espaço, sendo especialmente produtiva em contextos narrativos e formativos. Nesse percurso, construções como “começar a” não apenas indicam ações, mas revelam deslocamentos simbólicos e estruturais que refletem os modos de ser, estar e se construir no mundo. Ao explorar essas metáforas, a pesquisa linguística e discursiva amplia sua capacidade de interpretar os sentidos que emergem das práticas cotidianas e das trajetórias pessoais.

Dessa forma, a metáfora do caminho não apenas sustenta formas de pensar e agir, mas também aparece de forma recorrente em narrativas orais e pessoais, especialmente quando essas narrativas emergem de contextos marcados por deslocamentos simbólicos ou reais. Portanto, o sentido básico da metáfora do caminho é marcar ponto de partida de trajetória de um ponto A para um ponto B. É nesse ponto que se insere o próximo tópico, que aborda a articulação entre as narrativas orais, as experiências individuais e o contexto discursivo em que são produzidas, ampliando a compreensão da linguagem como prática social.

1.5 Narrativas orais, narrativas pessoais e o contexto discursivo

As narrativas orais acompanham a humanidade desde os tempos mais antigos. Elas foram, e continuam sendo, uma das principais formas de transmissão de saberes, experiências e valores sociais. Contar histórias é mais do que lembrar o passado: é organizar a memória, dar sentido ao presente e projetar o futuro. Quando inseridas em contextos locais, como o da cultura goiana, essas narrativas ganham ainda mais riqueza, pois revelam modos particulares

de viver, de falar e de se relacionar com o mundo. Já as narrativas pessoais, embora marcadas pela individualidade, dialogam com a coletividade e são atravessadas por elementos culturais e sociais. Assim, narrativas e contexto discursivo estão profundamente entrelaçados.

As narrativas orais são construídas na interação entre as pessoas e refletem formas culturais de organizar o pensamento e a linguagem. Para Benjamin (1985), o narrador não apenas relata, mas compartilha experiências vividas, permitindo que o ouvinte participe do acontecimento por meio da escuta. Essa perspectiva mostra que a oralidade é uma forma legítima de conhecimento e expressão, e não apenas um estágio anterior à escrita.

Um exemplo disso pode ser observado quando uma moradora do interior goiano conta: *“Lá pras bandas do sertão, a gente começava o dia com o canto do galo e só parava quando a lua nascia no céu.”* Essa narrativa carrega, além do relato de uma rotina, marcas de uma visão de mundo ligada à natureza, ao trabalho rural e ao tempo não medido por relógios, mas por sinais do ambiente. O modo de falar, as expressões regionais e o ritmo da fala são elementos que constroem o sentido do discurso e marcam a identidade cultural do sujeito.

As narrativas pessoais, por sua vez, trazem à tona a voz de quem viveu determinada experiência. Elas são atravessadas por emoções, memórias e escolhas individuais, mas não se desligam do contexto coletivo. Como explica Orlandi (1996), “o sujeito se constitui na linguagem e pela linguagem”, ou seja, ao contar sua história, ele se posiciona no mundo e revela as influências sociais e culturais que o moldam. Um exemplo disso é o relato de uma professora que diz: *“Comecei a dar aula ainda menina, lá na escola de chão batido. Era mais vontade do que recurso.”* Aqui, a narrativa pessoal revela não apenas um percurso individual, mas também aspecto do contexto histórico e educacional da comunidade.

Além disso, as narrativas se constroem dentro de contextos discursivos, que, conforme Bakhtin (1997), são marcados pelas condições sociais, pelas relações entre os sujeitos e pelos gêneros do discurso. Uma mesma história contada em uma roda de conversa, em uma sala de aula ou em uma postagem nas redes sociais pode ganhar sentidos diferentes. O tom, a linguagem, o foco e os efeitos pretendidos mudam conforme o lugar e o público da enunciação.

No caso da fala goiana, esses contextos são especialmente ricos. A oralidade goiana é marcada por expressões como *“...meu pAi ah:: **começô a trabalhá** em otru serviçu...”* ou *“... com treze anos qu/eu **comecei a namorá...**”* (FG), que carregam a metáfora do caminho (como já discutido no tópico anterior) e revelam um modo particular de organizar o tempo e a experiência. Essas expressões constroem sentidos que vão além da informação direta e ligam o discurso à cultura, à história e à identidade dos falantes.

Pesquisar as narrativas orais e pessoais no contexto discursivo é valorizar a linguagem em sua forma mais viva, situada e humana. Ao considerar as marcas da oralidade, os modos de narrar e as condições de produção do discurso, compreendemos como os sujeitos constroem sentidos sobre si e sobre o mundo. Em regiões como Goiás, essas narrativas revelam não apenas trajetórias de vida, mas também a memória coletiva de um povo. Dar voz a essas histórias é, portanto, reconhecer o valor da diversidade cultural, da linguagem como ação social e do sujeito como agente de significação.

1.6 A construção [começar+VP] e o conceito de figura e fundo

A Linguística Cognitiva surgiu a partir de uma crítica às abordagens formais da linguagem, que a tratavam como um sistema autônomo e desvinculado da cognição. Em oposição a isso, estudiosos como George Lakoff (2003), Ronald Langacker (2008) e Leonard Talmy (2000), passaram a defender que a linguagem é uma parte integrante do pensamento humano e que seu estudo deve considerar atributos da percepção, da experiência e da cultura.

Desse modo, a Linguística Cognitiva propõe uma nova forma de compreender a linguagem, partindo do princípio de que ela está diretamente ligada à maneira como pensamos, percebemos o mundo e organizamos nossas experiências. E também investiga como a experiência humana geral influencia a linguagem, incluindo a compreensão da relação entre figura e fundo.

Nesse campo de estudos, o linguista George Lakoff se destaca por trazer importantes contribuições, entre elas o conceito de figura e fundo. Esse conceito, inicialmente associado à percepção visual, foi ampliado por Lakoff (1987) para explicar como estruturamos cognitivamente nossas experiências linguísticas. Segundo ele, ao comunicarmos algo, sempre destacamos certas informações (figura) sobre um fundo, e essa escolha influencia diretamente o significado que construímos.

Outro autor fundamental para a Linguística Cognitiva é Ronald Langacker (2008), que desenvolveu a Gramática Cognitiva. Para ele, a linguagem é uma manifestação da cognição humana e os significados não residem apenas nas palavras, mas são formados a partir das interações entre forma linguística, contexto e conhecimento prévio do falante. Langacker explica:

O significado linguístico é definido em termos de estruturas cognitivas, ou seja, é

dependente da experiência humana e das capacidades mentais do indivíduo. O uso da linguagem envolve destacar certas informações dentro de um quadro de referência maior, ativado cognitivamente (LANGACKER, 2008, p. 5).

Esse destaque mencionado por Langacker prepara o terreno para a compreensão do conceito de figura e fundo, desenvolvido por Lakoff. É importante reforçar que, para a Linguística Cognitiva, a linguagem é indissociável do modo como as pessoas percebem e interpretam o mundo.

Para ilustrar essa ideia, Talmy (2000), outro autor expressivo na área, enfatiza que a estrutura linguística revela padrões de pensamento e percepção. Ele argumenta que a gramática, longe de ser um mero conjunto de regras, reflete modelos conceituais que orientam a forma como falamos, pensamos e interagimos. Assim, a linguagem se mostra como uma janela para os processos cognitivos.

Dessa maneira, o conceito de figura e fundo tem origem na psicologia da Gestalt, área que estuda os processos de percepção visual e cognitiva. Segundo essa teoria, ao percebermos uma imagem, tendemos a identificar uma parte como figura mais destacada e com contornos definidos e outra como fundo menos destacada e mais difusa. Lakoff (2003) adapta essa noção à Linguística Cognitiva, afirmando que a mesma lógica ocorre na linguagem: ao falarmos, organizamos os sentidos dando maior evidência a certas informações (figura) em relação a outras que ficam em segundo plano (fundo), mesmo estando presentes na comunicação.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), a linguagem não apenas reflete a realidade, mas participa ativamente da construção do que entendemos por realidade. Eles afirmam que:

Nosso sistema conceitual, em termos do qual pensamos e agimos, é em grande parte metafórico. E os conceitos que estruturam nosso pensamento cotidiano surgem, em sua maior parte, da experiência corporal que temos no mundo (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Esse entendimento coloca a linguagem em uma relação direta com o corpo e com o ambiente. Ou seja, a forma como organizamos nossas ideias, interpretamos o mundo e nos comunicamos está ancorada em nossas experiências sensoriais, sociais e culturais. Dessa maneira, a construção de sentido não é algo fixo, mas um processo dinâmico, contextual e subjetivo. Um exemplo disso pode ser observado em expressões como “...a partir daí que eu **comecei a estranhar...**” (FG). Nos eventos da narrativa anterior, comum no cotidiano, a construção perifrástica [começar + VP] representada por “comecei a estranhar” é usada com um sentido metafórico, pois se trata da emergência de uma percepção de mudança,

desconforto ou suspeita em relação a algo que até então era considerado normal ou esperado ou pode sinalizar que o falante está reavaliando eventos, colocando-se numa posição reflexiva e construindo o sentido de um acontecimento marcante, ou seja, em termos pragmáticos, a construção marca o início da mudança de perspectiva do falante, funcionando como um gatilho para a reinterpretação dos acontecimentos passados à luz de novas evidências.

Com base na análise da estrutura desses eventos podemos observar como a linguagem é moldada por estruturas corporais, o que confirma a ideia de que a cognição e a experiência sensorial influenciam diretamente o modo como falamos e compreendemos o mundo. Conforme Langacker (1987), a relação figura-fundo envolve a proeminência de um elemento (a figura), que é percebido ou conceptualizado com base em outro elemento mais estável ou menos destacado (o fundo). Uma das características da figura e do fundo é que a figura se caracteriza como um elemento mais móvel, enquanto o fundo é o elemento mais fixo. O fundo dá suporte à figura e esta necessita do fundo para fazer sentido.

Lakoff (2003) explica que a cognição humana opera por meio de molduras conceituais, isto é, estruturas mentais que organizam nossa visão de mundo. Ao utilizarmos a linguagem, ativamos essas molduras, que selecionam e destacam elementos da experiência. De acordo com ele:

A estrutura conceitual é, em parte, uma questão de figura e fundo. A linguagem pode tornar um elemento mais proeminente do que outro, dando-lhe o papel de figura em relação ao fundo. Isso é fundamental para entender como funcionam as metáforas, as categorias e a comunicação em geral (LAKOFF, 2003, p. 14).

Na prática, isso significa que, quando o usuário da língua escolhe determinadas palavras ou construções, ele está orientando o interlocutor sobre onde deve concentrar sua atenção. Essa escolha não é neutra, pois revela intenções, interesses e visões de mundo.

Ronald Langacker (2008), ao tratar da Gramática Cognitiva, também reconhece a centralidade da distinção figura/fundo na construção do significado. Para ele, compreender uma expressão linguística envolve identificar qual elemento se sobressai em relação aos demais. Nas suas palavras:

A figura é o elemento focal de uma cena, aquele que atrai atenção e se movimenta ou muda de estado em relação a um campo mais estável, o fundo. Esse contraste entre figura e fundo é uma das formas mais fundamentais de organização da experiência (LANGACKER, 2008, p. 55).

Além disso, o próprio Talmy (2000), ao investigar a semântica cognitiva, mostra que as relações espaciais, temporais e causais entre eventos e entidades na linguagem são

estruturadas com base nessa distinção. Ele argumenta que a mente humana tende a organizar a experiência priorizando certos elementos em detrimento de outros, de modo que a linguagem natural reflete essa priorização.

Compreender esse funcionamento é importante para o estudo da língua, pois revela que as escolhas linguísticas feitas por falantes não são apenas estilísticas, mas cognitivas e discursivas.

Desse modo, a teoria de Lakoff (1987) contribui para uma compreensão mais crítica da linguagem, ao mostrar que todo enunciado implica uma organização mental que guia a atenção e influencia as interpretações possíveis do falante, conscientes dos efeitos de sentido promovidos por suas escolhas discursivas. De acordo com essa abordagem, o conceito de figura e fundo, originalmente oriundo da psicologia da percepção, revela-se importante para compreender os processos de destaque e apagamento que ocorrem na linguagem. Ao selecionar o que será colocado em evidência (figura) e o que servirá de fundo, os falantes orientam a construção de sentido e influenciam a interpretação dos interlocutores. Esse mecanismo, embora muitas vezes inconsciente, tem implicações significativas para o uso da linguagem em contextos sociais e culturais.

Dessa forma, podemos observar que na perspectiva da Gramática Cognitiva de acordo com Langacker (1987), a construção perifrástica [começar + Vp] pode ser analisada com base na distinção entre figura e fundo, considerando a organização da narrativa em relação ao evento que está sendo descrito pelo falante.

Nesta mesma perspectiva, Cunha, Oliveira e Martelotta (2015, p. 31) nos explicam que:

Para que a comunicação se processe satisfatoriamente, ou seja, para que os interlocutores possam partilhar a mesma perspectiva, o emissor orienta o receptor a respeito do grau de centralidade e de perifericidade dos enunciados que constituem seu discurso. Em termos da estrutura do texto narrativo, ou de *planos discursivos*, a divisão entre central e periférico corresponde à distinção entre *figura e fundo*.

Assim, a Linguística Cognitiva, ao integrar cognição, linguagem e experiência, oferece um importante referencial teórico para pensar o estudo da estrutura da língua em uso. Os conceitos de figura e fundo podem ser instrumentos valiosos para analisar a construção perifrástica [começar +VP]. Assim, a construção [começar +VP] forma o fundo para a predicação que é a figura no texto narrativo, ela é considerada uma construção fixa porque delimita o que é o fundo do texto narrativo para trazer a figura. Diante disso, o fundo é o cenário e a figura é composta pelos elementos que compõem o cenário narrativo. Logo, quando se coloca a construção [começar +VP], o falante está formando o fundo da narrativa.

E a figura é a predicação que vem a seguir.

Essa distinção mostra como a linguagem é estruturada a partir da atenção seletiva do falante, como propõe Langacker (1987), e como mesmo elementos gramaticais são cruciais na construção do significado experiencial.

Com base na Linguística Cognitiva, tanto a noção de figura e fundo, proposta por Langacker (1987), quanto a teoria dos *frames*, desenvolvida por Fillmore (1982, 1985), são fundamentais para entender como o significado emerge a partir da interação entre linguagem, cognição e experiência. Dessa forma, observamos que existe uma relação entre figura e fundo e os *frames* na análise da construção perifrástica [começar +VP], pois, embora tratem de aspecto, diferente da cognição linguística, esses conceitos são complementares e frequentemente interagem no processo de construção de sentido.

Vejamos alguns exemplos de trechos com a construção perifrástica [começar +VP] que tem em estrutura a figura e fundo (modelo de quadro de Figura e Fundo conforme Cunha, Oliveira e Martelotta, 2015):

10. “...eu **começava a ter** aqueles pesadelo...” (Fala Goiana)

Figura	Fundo
...eu começava a teraqueles pesadelo...

11. “...Uai... porque nós **começava a rezá** o TERÇO... aí logo vinha o sono né...? A gente vivia tão cansada né sô...?” (Fala Goiana)

Figura	Fundo
... começava a rezá o TERÇO...	“...Uai... porque nós

Na frase “...eu **começava a ter** aqueles pesadelo...” (FG), o elemento figura é expresso pela perífrase “*começava a ter*”, que traz o verbo principal *ter* combinado ao auxiliar *começar*, criando um sentido aspectual inceptivo. Esse núcleo verbal constitui a figura, pois representa o evento que se destaca cognitivamente e avança a narrativa, e com isso, o início da experiência dos pesadelos. A figura, portanto, é o ponto em que a atenção do ouvinte é concentrada, indicando a emergência de um novo estado ou processo relevante dentro da história. Por outro lado, a expressão “aqueles pesadelo” compõe o fundo, pois funciona como o cenário experiencial que qualifica e dá suporte interpretativo ao evento principal. Trata-se de um elemento que acompanha a ação, mas não recebe o foco narrativo; é uma informação

que contextualiza o que estava sendo vivenciado, sem constituir o motor do avanço temporal. Em termos cognitivos, o fundo mantém a estabilidade da cena, oferecendo conteúdo para a compreensão, enquanto a figura marca o início do processo “*começava a ter*”.

A distinção entre figura e fundo permite uma análise mais refinada do modo como os falantes estruturam suas experiências através da linguagem. No caso das construções com [começar + VP], observa-se que os eventos introduzidos pelo verbo principal constituem a figura, pois representam a ação que avança a narrativa. Já os cenários, ligados à memória e à organização temporal do relato, funcionam como fundo, oferecendo o enquadramento experiencial no qual a ação ganha sentido. A construção [começar + VP] fornece um fundo aspectual que marca o ponto inicial da ação, sobre o qual a figura o evento em si, se destaca cognitivamente.

Sob essa ótica, os conceitos de figura e fundo constituem instrumentos analíticos produtivos para compreender o funcionamento da construção perifrástica [começar + VP] no discurso narrativo. Neste enquadramento, os verbos de ação que compõem o predicado principal assumem a posição de figura, isto é, o elemento que se destaca cognitivamente e orienta a progressão do evento. Já o fundo é formado pelos cenários, circunstâncias e enquadramentos situacionais que sustentam a compreensão da cena, mas não recebem foco explícito. Quando o falante utiliza a construção [começar + VP], o aspecto inceptivo projeta a entrada em curso de uma nova ação que se torna a figura central naquele momento da narrativa, enquanto o contexto, social ou emocional permanece ao fundo, fornecendo estabilidade interpretativa. Desse modo, a construção perifrástica opera como um recurso que realça a emergência de um novo evento relevante, reorganizando a saliência entre figura e fundo e contribuindo para o dinamismo típico das sequências narrativas.

Portanto, a construção perifrástica [começar + VP], comum nas falas orais do *Corpus Fala Goiana*, funciona como um marcador de fundo, chamando a atenção para o ponto de virada em uma narrativa pessoal. No entanto, esse ponto de virada só faz sentido dentro de um *frame* experiencial que o sustenta, seja uma infância marcada por trabalho, uma perda emocional, ou um cotidiano familiar. Desse modo, a análise de [começar + VP] sob a perspectiva da Linguística Cognitiva mostra-se enriquecida quando reconhecemos que a figura emerge sempre em relação a um fundo, e que esse fundo está organizado conceitualmente por meio de *frames* que estruturam a memória, a cultura e a linguagem.

CAPÍTULO 2 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

A gramática de construções é uma abordagem linguística que propõe que a língua seja composta por construções, que são unidades de linguagem formadas pela combinação inseparável de forma e significado. Essas construções incluem desde palavras simples até frases mais complexas, e cada uma delas carrega um significado específico em um determinado contexto.

Ao contrário de teorias que dividem a língua em categorias rígidas, como gramática e vocabulário, a gramática de construções entende a linguagem como um sistema integrado. Nesse sistema, as construções são organizadas em uma rede interconectada, onde cada elemento desempenha um papel dentro do todo. Essa visão permite analisar como os falantes combinam palavras e frases para criar novos significados, de forma natural e contextual.

Além disso, a gramática de construções enfatiza que as estruturas linguísticas, desde as mais simples até as mais elaboradas, são construções. Por exemplo: *Uma palavra isolada* (como “sol”) é uma construção, pois combina um som específico com um conceito; *Uma expressão idiomática* (como “matar dois coelhos com uma cajadada só”) também é uma construção, já que seu significado vai além da soma literal das palavras que a compõem.

Essa abordagem reflete o uso cotidiano da linguagem pelos falantes. A gramática de construções reconhece que a língua não é apenas um conjunto de regras fixas, mas um recurso flexível, adaptável e sensível ao contexto. Isso significa que as construções se adaptam às necessidades comunicativas e culturais dos indivíduos, evoluindo ao longo do tempo.

Essa visão é particularmente importante para entender como aprendemos e usamos a língua. Quando aprendemos uma nova língua, não memorizamos apenas palavras e regras isoladas, mas sim padrões completos de uso, ou seja, construções. Além disso, essa abordagem ajuda a explicar fenômenos como a criação de novas expressões e a adaptação de estruturas antigas a novos contextos sociais e culturais. Ela apresenta uma maneira de compreender a língua como um sistema dinâmico e interligado, onde cada construção desempenha um papel importante na comunicação.

Para Traugott (2021, p. 25) “... em um modelo construcional a língua é conceitualizada como sendo construída de pareamentos de forma significado, ou construções, organizadas em rede”. O conceito de um modelo construcional, que é uma maneira de compreender a língua como um sistema de elementos interligados. Nesse modelo, a língua é formada por “construções”, que são combinações inseparáveis de forma e significado. Essas construções não são entendidas como unidades isoladas, mas sim como partes de uma rede maior e

organizada.

Por exemplo, cada palavra, frase ou expressão na língua é uma construção, pois ela combina uma forma (como o som ou a escrita) com um significado específico que é compreendido pelos falantes. Essas construções se conectam de maneira sistemática, formando um conjunto estruturado que dá sentido à língua e permite sua utilização na comunicação.

O modelo construcional enfatiza que a língua não é um conjunto de regras fixas ou abstrações teóricas, mas sim um sistema dinâmico, composto de padrões que surgem e se modificam ao longo do tempo, de acordo com o uso real pelos falantes. Assim, a linguagem é vista como um reflexo de práticas sociais, culturais e cognitivas, organizadas em uma rede de relações.

A ideia de pareamento forma-significado é essencial para compreender como nos comunicamos. Quando ouvimos ou lemos uma palavra, associamos imediatamente sua forma (som ou escrita) a um conceito ou significado em nossa mente. Essa associação é o que permite que a comunicação seja eficaz. Além disso, as redes de construções refletem como nosso cérebro organiza e armazena essas informações, mostrando como o conhecimento linguístico é estruturado.

Esse modelo valoriza a interação entre diferentes construções, destacando que a linguagem é um processo vivo e em constante evolução. Isso nos ajuda a entender como novas expressões surgem e como os significados podem mudar com o tempo, dependendo do contexto social e cultural em que são usados.

Ainda sobre os olhares de Traugott (2021, p. 25):

As construções são convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg, 1995) ou tão frequente (Goldberg, 2006) que o signo é fixado como um pareamento forma-significado na mente do usuário da língua.

As construções linguísticas são elementos da linguagem porque cumprem três características principais: convencionalidade, simbolismo e unidade. Essas características ajudam a explicar como a língua é usada, aprendida e armazenada na mente humana, conforme discutido por Goldberg (1995, 2006) e reafirmado por Traugott (2021).

As construções são consideradas convencionais porque são compartilhadas por uma comunidade de falantes. Isso significa que o grupo concorda, de forma implícita, sobre o uso e o significado dessas construções, tornando-as ferramentas eficazes para a comunicação. Por

exemplo, expressões como "bom dia" ou "como vai?" têm significados amplamente reconhecidos e são usadas com regularidade dentro de uma cultura ou sociedade.

As construções também são simbólicas porque funcionam como signos. Isso quer dizer que elas associam uma forma específica (sons, palavras ou estruturas) a um significado. Essa associação, codifica a experiência de mundo e a relação entre forma e função.

Por fim, as construções são tratadas como unidades porque algum aspecto delas é peculiar ou frequente o suficiente para ser fixado na mente do falante. Isso pode ocorrer devido à singularidade da construção (como expressões idiomáticas, que têm significados não literais) ou à sua repetição constante em situações de uso cotidiano. Por exemplo, uma expressão como "tudo bem?" é tão comum que se torna uma unidade de comunicação quase automática.

A ideia é que as construções são padrões linguísticos que, além de conectarem forma e significado, desempenham um papel essencial na organização e no funcionamento da linguagem. Esses padrões não existem isoladamente, eles dependem de sua aceitação e uso contínuo pelos falantes, garantindo sua persistência e relevância ao longo do tempo.

Ao compreender as construções como convenções simbólicas e unidades mentais, os estudiosos destacam que a linguagem é um fenômeno dinâmico, moldado tanto pela estrutura interna das construções quanto pelo contexto social e cultural em que elas são usadas.

De acordo com a abordagem cognitiva as construções são as peças importantes da comunicação humana, conectando a mente individual à experiência coletiva, e demonstrando como a linguagem é um fenômeno social e cognitivo.

De acordo com Ferrari (2001, p. 144):

Na perspectiva da Gramática das construções, portanto, não se assume uma divisão estrita entre construções sintáticas e lexicais. A hipótese é que essas construções diferem em complexidade interna, mas ambas estabelecem pareamentos de forma e significado. Além disso, rejeita-se uma divisão rígida entre semântica e pragmática, na medida em que as construções representam ao mesmo tempo informações semânticas e informações a respeito de topicalidade, registro.

De acordo com Ferrari (2001), a Gramática das Construções propõe uma visão integrada da linguagem, onde não existe uma separação rígida entre as construções sintáticas (relacionadas à estrutura das frases) e as lexicais (relacionadas às palavras e seus significados). Em vez disso, essas construções são vistas como parte de um mesmo sistema, diferenciando-se apenas em relação à complexidade interna. Ambas compartilham uma característica essencial: estabelecem uma relação entre forma (como algo é dito) e significado

(o que algo significa).

Ferrari (2022) também argumenta que a Gramática das Construções rejeita uma divisão estrita entre semântica (o estudo do significado) e pragmática (o estudo do uso da linguagem em contextos específicos). Isso ocorre porque as construções linguísticas, além de transmitirem informações sobre o significado das palavras e frases, também carregam atributos relacionados ao contexto, como a relevância de determinados tópicos (topicalidade) e o nível de formalidade ou informalidade (registro) de uma interação.

Essa abordagem mostra que a linguagem é um sistema integrado e flexível, no qual as formas de expressão e os significados estão conectados, não apenas ao conteúdo das mensagens, mas também às situações em que elas são usadas. Assim, a Gramática das Construções oferece uma perspectiva ampla e dinâmica para entender como a linguagem funciona, reconhecendo que ela está sempre vinculada tanto à estrutura quanto ao contexto.

Em síntese, a Gramática das Construções apresenta a compreensão da linguagem, enfatizando a interconexão entre forma, significado e contexto. Essa perspectiva rejeita divisões rígidas entre aspecto estrutural e interpretativos da língua, reconhecendo que todas as construções, sejam elas sintáticas ou lexicais, carregam pareamentos de forma e significado que refletem tanto o conteúdo quanto o uso situacional. Ao considerar a linguagem como um sistema integrado e dinâmico, a Gramática das Construções oferece uma visão mais abrangente sobre os processos linguísticos, destacando a importância das interações sociais e contextuais na construção do sentido.

2.1 Processos cognitivos de domínio geral

Os processos cognitivos de domínio geral referem-se às capacidades mentais amplas e flexíveis que utilizamos para lidar com diversas tarefas, situações e desafios no dia a dia. Diferentemente dos processos específicos, que são voltados para habilidades particulares, os processos de domínio geral incluem funções como memória, atenção, raciocínio, tomada de decisão e resolução de problemas. Esses mecanismos são fundamentais porque não se limitam a um único contexto ou área de conhecimento, mas são aplicáveis em uma ampla gama de atividades, tanto linguísticas quanto não linguísticas. No campo da Linguística Cognitiva, esses processos desempenham um papel central, pois ajudam a explicar como organizamos, interpretamos e comunicamos nossas experiências, conectando linguagem, pensamento e ação em um sistema integrado e funcional.

De acordo com Bybee (2016), a linguagem é considerada uma das manifestações mais organizadas do comportamento humano, marcada por elevado grau de complexidade e sistematicidade e estruturada por padrões sistemáticos de uso. Isso significa que, ao usarmos a linguagem, estamos realizando uma atividade extremamente sofisticada, que envolve uma série de processos mentais e sociais. Ela não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo da capacidade humana de pensar, estruturar ideias e interagir com o mundo ao nosso redor.

O caráter sistemático da linguagem está na maneira como ela se organiza em padrões, com regras e estruturas que facilitam sua compreensão e produção. Apesar dessa organização, a linguagem também é incrivelmente flexível, permitindo adaptações às mais diversas situações e contextos. É essa combinação de ordem e adaptabilidade que torna a linguagem uma ferramenta única e importante para a interação humana.

Além disso, a linguagem reflete a interação de diferentes processos cognitivos de domínio geral, como a memória, a percepção, a atenção e o raciocínio. Esses processos trabalham juntos para permitir que os indivíduos aprendam, compreendam e utilizem a língua de forma eficiente. Assim, a linguagem é não apenas um instrumento de comunicação, mas também uma expressão das habilidades cognitivas avançadas que caracterizam os seres humanos.

Para Bybee (2016, p. 28):

Os processos cognitivos de domínio geral são categorização, *chunking* (Agrupamento), memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Categorização é o mais difundido desses processos. Refere-se à similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico. Categorização é de domínio geral, no sentido de que as categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência, independente da língua.

Ainda de acordo com Bybee (2016), os processos cognitivos de domínio geral desempenham um papel importante no funcionamento da linguagem e incluem categorização, agrupamento (*chunking*), memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Esses processos são chamados de “domínio geral” porque não se restringem apenas à linguagem, mas também ocorrem em outras áreas da cognição humana.

Dentre esses processos, a categorização é o mais importante e amplamente difundido. Esse processo envolve a capacidade de identificar semelhanças ou emparelhar elementos semelhantes com base em características comuns. Na linguagem, isso ocorre quando

reconhecemos palavras, sintagmas ou partes de uma frase e as associamos a representações armazenadas em nossa mente. Essas representações, ou categorias, servem como base para o funcionamento do sistema linguístico, ajudando-nos a entender e produzir enunciados.

Além disso, a categorização é um processo de domínio geral porque não está limitada apenas à linguagem. Ela também é utilizada para criar categorias perceptuais em diferentes áreas da experiência humana, como reconhecer objetos, sons ou padrões visuais. Essas categorias são formadas com base na experiência acumulada, independentemente do idioma falado.

Em resumo, os processos cognitivos de domínio geral, especialmente a categorização, são importantes para compreender como organizamos e utilizamos a linguagem. Eles mostram como a interação entre experiência, memória e associação nos permite interpretar e produzir enunciados de maneira eficiente, conectando o funcionamento da linguagem a outras peculiaridades da cognição humana.

“É a interação de *chunking* com categorização que dá a sequências convencionais graus variados de analisabilidade e composicionalidade” (Bybee, p. 28, 2016). Ainda segundo Bybee (2016), a interação entre os processos cognitivos de *chunking* (agrupamento) e categorização é importante para compreender como organizamos e processamos as estruturas linguísticas. Esses dois processos trabalham juntos para determinar o grau de analisabilidade e composicionalidade das sequências convencionais na linguagem.

O processo de *chunking* refere-se à habilidade de agrupar elementos menores em unidades maiores e mais significativas. Por exemplo, na linguagem, palavras individuais podem ser combinadas em expressões fixas ou frases idiomáticas que, com o uso frequente, passam a ser armazenadas como um todo em nossa mente. Já a categorização envolve identificar e organizar esses agrupamentos com base em características comuns, ajudando-nos a reconhecer padrões e associá-los a significados previamente armazenados.

A interação desses processos permite que algumas sequências sejam analisáveis, ou seja, possam ser divididas em partes menores para entender seus significados. Por outro lado, outras sequências podem se tornar menos analisáveis, pois são compreendidas como um todo único, com seu próprio significado, sem a necessidade de decomposição. Por exemplo, uma expressão como “chutar o balde” é geralmente interpretada pelo seu significado figurativo, sem analisar cada palavra isoladamente.

Dessa forma, essa interação não apenas contribui para a organização do sistema linguístico, mas também para a eficiência do processamento da linguagem. Ela explica por que algumas estruturas são percebidas como compostas por partes independentes, enquanto

outras são vistas como blocos indivisíveis, dependendo da experiência, frequência de uso e contexto comunicativo. A organização desses blocos de linguagem é dada por meio dos processos cognitivos de domínio geral.

Conforme Bybee (2016), entre os processos cognitivos de domínio geral, destaca-se a capacidade de realizar associações transmodais. Esse processo desempenha um papel importante ao estabelecer conexões entre diferentes formas de representação, como sons, imagens mentais, palavras e seus significados. Em outras palavras, ele cria a ponte entre o que percebemos, pensamos e expressamos linguisticamente.

Por exemplo, quando aprendemos uma nova palavra, nossa mente relaciona o som dessa palavra (forma) ao que ela representa (significado). Essa associação não é limitada apenas à linguagem verbal, mas também inclui estímulos visuais, gestuais ou táteis que complementam a compreensão. Assim, o processo transmodal permite que diferentes sentidos colaborem para construir o entendimento de algo.

Esse elo entre forma e significado é o que torna possível a comunicação. Ele explica como conseguimos não apenas identificar palavras ou sons isolados, mas também compreender frases completas e seus contextos, culturais e situacionais. Por meio dessas associações, as pessoas conseguem dar sentido ao que ouvem, veem e experimentam, conectando os elementos da língua a experiências reais.

Em resumo, a capacidade de fazer associações transmodais é uma habilidade cognitiva poderosa, fundamental para o funcionamento do sistema linguístico e para a maneira como interpretamos e usamos a linguagem no dia a dia. Ela conecta nossos sentidos às palavras e expressões que usamos, tornando o aprendizado e o uso da língua possíveis.

Os processos cognitivos de domínio geral são importantes para explicar como a linguagem emerge, evolui e é utilizada em nossas interações diárias. Eles mostram que a comunicação humana vai além de regras gramaticais fixas, envolvendo habilidades como categorização, agrupamento, memória, analogia e associações transmodais. Esses processos interagem de forma dinâmica, permitindo que experiências individuais e coletivas modem tanto a forma quanto o significado da língua.

Ao destacar a flexibilidade e a criatividade inerentes à linguagem, esses processos ajudam a entender como construímos sentidos, adaptamos estruturas linguísticas ao contexto e incorporamos novas expressões em nosso repertório. Assim, os processos cognitivos de domínio geral revelam que a língua é um reflexo direto da nossa capacidade de aprender, inovar e conectar significados a formas, no pensamento e na interação social.

2.2 - Construção e Construto

O conceito de construção e construto é fundamental para a compreensão de como a linguagem e o pensamento humano estão interligados. Construção que refere-se a unidades linguísticas que representam padrões de significados e estruturas que os falantes utilizam para expressar ideias. Essas construções não se limitam a frases ou palavras isoladas, mas envolvem maneiras complexas e variadas de organizar e transmitir o conhecimento. Já o termo “construto” está relacionado aos conceitos ou representações mentais que as pessoas formam sobre o mundo, sendo influenciados por suas experiências e contextos culturais. Ao abordar esse tema, exploraremos como a linguagem constrói e é construída por esses padrões, refletindo o modo como compreendemos e nos relacionamos com a realidade.

Nesse sentido é notável que:

A vitalidade da língua em uso é atualizada pelas relações de herança entre as estruturas otimizadas e coloca em primeiro plano nos estudos da mudança linguística aspectos sociointerativos e cognitivos, evidenciando as motivações estruturais e semânticas que se estendem de antigos e novos padrões de construções (JUSTINO, 2021, p.38).

Ainda em conformidade com Justino (2021), a língua é um sistema vivo, que se mantém em constante transformação e adaptação ao longo do tempo. As construções mais antigas influenciam as mais recentes, criando um contínuo entre o passado e o presente da linguagem. Essas estruturas são otimizadas para se adequar às necessidades comunicativas dos falantes e aos contextos em que são utilizadas.

Além disso, o autor destaca que os estudos sobre mudanças linguísticas colocam em evidência dois aspectos principais: o sociointerativo e o cognitivo. O aspecto sociointerativo refere-se à maneira como os falantes usam a língua em situações de interação social, enquanto o aspecto cognitivo está relacionado aos processos mentais que organizam e interpretam o uso da linguagem. Esses dois elementos trabalham juntos para moldar e transformar as formas linguísticas.

Por fim, o autor ressalta que essas mudanças não ocorrem de forma aleatória, mas são motivadas tanto por fatores estruturais (como a necessidade de simplificação ou reorganização das construções) quanto por fatores semânticos (relacionados ao significado das palavras e expressões). Assim, a língua evolui continuamente, adaptando-se às demandas dos falantes e incorporando novos padrões que dialogam com as tradições linguísticas herdadas do passado.

De acordo com as interpretações de Justino (2021), baseadas nos estudos de Langacker

(1987), as construções linguísticas desempenham um papel importante na maneira como representamos e organizamos nossas experiências humanas. Essas construções são ferramentas que condensam, ou seja, sintetizam, nossas vivências em formas linguísticas que carregam tanto significado quanto estrutura. Elas não apenas traduzem as experiências em palavras e frases, mas também ajudam a estruturar o léxico (as palavras que conhecemos) e a gramática (as regras que organizam essas palavras) dentro de padrões cognitivos.

Esses padrões cognitivos permitem que as construções sirvam como pontes entre diferentes experiências, facilitando a interação entre falantes. Ao mesmo tempo, as construções interligam forma e sentido, mostrando como elementos aparentemente distintos da língua estão conectados de maneira integrada. Por exemplo, ao utilizar uma expressão, estamos traduzindo uma experiência específica e organizando-a dentro de uma estrutura que faz sentido tanto para nós quanto para quem nos ouve.

Langacker também enfatiza que essas construções aproximam diferentes domínios conceituais. Isso significa que, ao usar a linguagem, criamos conexões entre ideias ou conceitos que podem parecer separados, mas que, na prática, são permeáveis e podem se influenciar mutuamente. Assim, a linguagem funciona como um sistema dinâmico, que não só organiza nossas experiências, mas também facilita a comunicação e o entendimento entre pessoas, aproximando diferentes perspectivas e significados.

As construções na língua são combinações entre forma (como as palavras são estruturadas) e sentido (o significado que elas carregam). Essas combinações não são aleatórias; elas seguem padrões que ajudam a organizar e transmitir informações de maneira coerente. No entanto, nem sempre uma mesma forma tem o mesmo significado, pois o contexto pode alterar o sentido. Isso quer dizer que, mesmo que uma palavra ou expressão pareça igual, ela pode fazer parte de construções diferentes dependendo do uso.

Da mesma forma, os padrões gramaticais não funcionam isoladamente. Eles estão conectados em uma espécie de rede, onde diferentes elementos da gramática interagem uns com os outros. Essa conexão em rede permite que a língua seja flexível e dinâmica, adaptando-se às necessidades de comunicação dos falantes. Por exemplo, um verbo pode mudar de sentido dependendo da estrutura em que está inserido, mostrando como a forma e o significado se ajustam às exigências do contexto.

Assim, as construções linguísticas não só refletem a organização interna da língua, mas também mostram como ela está em constante evolução, adaptando-se às diferentes situações e contextos de uso. Essa visão ressalta a complexidade e a riqueza da linguagem, ao mesmo tempo em que destaca a importância das interações entre forma, significado e

gramática no processo comunicativo. Nesse sentido, as microconstruções desempenham um papel central na identificação de padrões de uso:

Microconstruções, por sua vez, são instanciadas no uso por “construtos”. Construtos são ocorrências empiricamente atestadas. Os construtos são muito ricos, imbuídos de muito significado pragmático, do qual grande parte pode não ser recuperável fora do evento de fala particular (TRAUGOTT, 2021, p.48).

Ainda segundo Traugott (2021), as microconstruções são pequenas estruturas linguísticas que ganham forma no uso real da linguagem por meio dos construtos. Esses construtos são ocorrências concretas da linguagem que podem ser observadas na prática, ou seja, são exemplos específicos de como as pessoas utilizam a língua em contextos reais.

Os construtos não são apenas combinações de palavras ou frases; eles carregam significados muito ricos, que vão além do conteúdo literal. Esse significado é influenciado pelo contexto em que ocorrem, incluindo fatores como a situação do discurso, a intenção do falante e as relações entre os interlocutores. Grande parte dessa riqueza de significado, no entanto, pode se perder quando o construto é analisado fora do evento específico de fala em que foi produzido.

Em outras palavras, os construtos são marcados pelo seu caráter único e dinâmico, pois refletem a comunicação humana em momentos particulares. Eles são importantes para compreender como a língua se adapta às situações e como as microconstruções são usadas para atender às necessidades comunicativas de cada interação. Essa perspectiva destaca a relação intrínseca entre linguagem, contexto e pragmática, mostrando que o significado linguístico está sempre em movimento, moldado pelo uso real.

Traugott (2021, p. 49) explica que:

A consequência da produção e do processamento é que o construto é o locus de inovação individual e subsequente convencionalização (adoção por uma população de falantes). A mudança construcional começa quando novas associações entre construtos e construções emergem ao longo do tempo. Quando replicação de ocorrências leva a categorizações provisórias que não estavam disponíveis aos usuários da língua antes e podem, portanto, ser chamadas de “novas”.

Assim, o construto ocupa um papel central no processo de transformação e inovação linguística. Ele é considerado o ponto de partida onde ideias individuais ganham forma e, com o tempo, podem se tornar aceitas por uma comunidade de falantes. Isso acontece porque os falantes, ao interagir e processar a língua, criam novos padrões ou associações entre os construtos (formas ou unidades linguísticas) e as construções (as combinações de forma e sentido que estruturam a linguagem).

Essas inovações linguísticas, inicialmente individuais, começam a se espalhar quando

são utilizadas repetidamente por diferentes pessoas e em diferentes contextos. A repetição leva à criação de novas categorias linguísticas que antes não existiam. Esses novos padrões, chamados de categorizações provisórias, começam como algo experimental ou inovador, mas, à medida que se tornam mais frequentes, podem ser incorporados como parte do sistema convencional da língua.

Esse processo, chamado de mudança construcional, demonstra como a língua está em constante evolução, moldada pela criatividade e adaptação dos falantes. Novas associações entre construtos e construções emergem ao longo do tempo, enriquecendo o repertório linguístico e tornando possível a criação de formas de expressão que atendem a novas demandas comunicativas. Assim, o construto é uma peça fundamental na dinâmica entre inovação individual e adoção coletiva, refletindo a natureza viva e adaptativa da linguagem.

Nesse sentido, Bybbe (2010) afirma que “Os construtos ajudam a modelar a representação mental da língua.” e desempenham um papel essencial na organização e estruturação da nossa representação mental da língua. Isso significa que eles ajudam a formar os modelos internos que usamos para compreender e produzir linguagem no dia a dia. Essas representações mentais são como “mapas” na nossa mente, que nos permitem conectar palavras, frases e significados, organizando o uso da língua de forma eficiente.

Os construtos, que são combinações de forma e sentido, não apenas refletem a maneira como usamos a linguagem, mas também influenciam como pensamos sobre ela. Por exemplo, ao aprendermos um novo idioma ou ampliarmos nosso vocabulário, os construtos ajudam a estruturar essas informações de forma que elas façam sentido no contexto da nossa experiência linguística. Assim, eles funcionam como ferramentas cognitivas que modelam a forma como processamos a língua, tanto no nível do significado quanto da estrutura.

Além disso, esses construtos são moldados e reforçados pela prática e repetição no uso da língua. Cada vez que utilizamos uma expressão ou construção linguística, estamos fortalecendo nossa capacidade de representar mentalmente essa construção e usá-la de forma mais fluida e natural. Em resumo, os construtos são fundamentais para a aprendizagem, compreensão e evolução da linguagem, porque ajudam a conectar o que falamos e entendemos com a maneira como organizamos mentalmente essas informações.

Em conclusão, os conceitos de construção e construto são importantes para compreender a dinâmica da língua e seu funcionamento cognitivo. As construções linguísticas não são apenas padrões fixos de palavras e significados, mas representam formas flexíveis que refletem como a mente humana organiza e transmite informações. Já os construtos, ao moldar as representações mentais da linguagem, desempenham um papel importante na

adaptação e inovação linguística, pois são responsáveis pela criação de novos significados e formas de expressão que surgem e são adotados socialmente. Esse processo de interação entre as construções e os construtos demonstra a natureza dinâmica da linguagem, que é constantemente reformulada e enriquecida pelos falantes, respondendo às necessidades comunicativas e ao contexto social em que ela é utilizada. Desse modo, as construções e os construtos desempenham um papel crucial na identificação de padrões recorrentes no uso linguístico.

2.3 Frequência *type* e *token*

O estudo da linguagem envolve diversas abordagens para analisar e entender como as palavras e suas estruturas se organizam em uma língua. Entre os conceitos fundamentais para essa análise, destacam-se os termos frequência *type* e *token*, que são importantes para a descrição e compreensão do uso das palavras em diferentes contextos linguísticos. A frequência refere-se à quantidade de vezes que uma palavra ou estrutura aparece em um determinado *Corpus* ou contexto. Por sua vez, o *type* diz respeito à distinção entre as palavras únicas (ou formas distintas) em um conjunto de dados, enquanto o *token* refere-se ao número total de ocorrências dessas palavras, independentemente de sua repetição. Estes conceitos são importantes para medir a diversidade lexical e a distribuição das palavras dentro de um *Corpus* linguístico, e sua análise pode oferecer insights valiosos sobre os padrões de uso da linguagem, sua variação e evolução, conforme cabe destacar:

Uma inovação linguística de um falante é um construto e sua frequência *token* será determinada pelos contextos pragmáticos de uso da construção. A frequência *type* poderá aumentar se a eficiência do construto convencionalizar a construção dentro da rede de sentidos que ela pertence (JUSTINO, 2021, p.53).

Ainda segundo Justino (2021), a inovação linguística ocorre quando um falante cria algo novo na língua, chamado de construto. Esse construto é uma manifestação concreta de uso linguístico que surge em um contexto específico e atende a uma necessidade pragmática naquele momento. A frequência com que esse construto é usada, chamada de frequência *token*, depende diretamente dos contextos em que ele é utilizado e de sua relevância para a comunicação.

Por outro lado, se essa inovação se mostrar útil para a comunicação, ela pode ser incorporada à língua de forma duradoura. Isso acontece quando a construção associada ao

construto se torna parte do repertório geral dos falantes, passando a ser utilizada em diferentes contextos e ampliando sua frequência *type*. Em outras palavras, a frequência *type* reflete o número de contextos variados em que a construção pode ser aplicada.

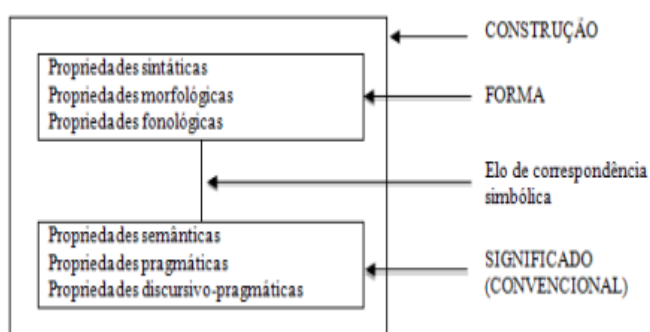
Nessa perspectiva, Justino (2021) enfatiza que o sucesso de uma inovação linguística depende tanto do seu uso prático inicial quanto de sua capacidade de se adaptar e se integrar à rede de sentidos e padrões já existentes na língua. Essa dinâmica mostra como a língua é viva e está em constante transformação, moldada pelo uso e pelas necessidades comunicativas dos falantes.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as frequências *type* e *token* são critérios importantes para medir o grau de esquematicidade de uma construção linguística. Esquematicidade refere-se ao nível de generalização ou abstração de uma construção dentro da língua, ou seja, o quanto ela pode ser aplicada em diferentes contextos ou situações comunicativas.

2.4 A perífrase verbal e as construções perifrásticas

A pesquisa desenvolvida neste trabalho fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Gramática das Construções, que concebe a língua como uma rede dinâmica e interligada de construções linguísticas. Essa abordagem compreende a gramática como um sistema em constante atualização, no qual os falantes reproduzem e adaptam padrões cognitivos observados na interação linguística. Cada construção é entendida como uma unidade simbólica que estabelece um vínculo inseparável entre forma e função (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2010).

Segundo Croft (2001), as construções linguísticas integram propriedades formais, como características fonéticas, morfológicas e sintáticas, às propriedades funcionais, que abrangem aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos. Essa perspectiva permite compreender a gramática como um espaço de inter-relações simbólicas, no qual forma e função atuam de maneira indissociável na produção e interpretação do significado linguístico. Assim, as construções podem ser definidas como unidades que associam elementos sintáticos e fonéticos (forma) a componentes semânticos, contextuais e discursivos (função), conforme apresentado por Croft (2001):



Fonte: Croft (2001, p. 18)

Com base no esquema da construção proposto por Croft (2001), a estrutura sintática aparece como o arranjo formal das unidades; a semântica corresponde ao evento, estado ou relação conceitual codificada; e a pragmática envolve o uso, a intenção e o contexto comunicativo. Desse modo, o esquema de Croft (2001) permite visualizar como um falante, ao utilizar uma construção, ativa simultaneamente uma forma linguística, um conteúdo conceitual e uma função comunicativa, reforçando a ideia de que a gramática é, antes de tudo, um sistema de construções ligadas ao uso real da língua.

No âmbito do funcionalismo, a linguagem é compreendida como um instrumento essencial de interação social utilizado para estabelecer comunicação entre interlocutores reais. A interação verbal, nesse contexto, é considerada uma atividade cooperativa estruturada em termos de normas, regras sociais e convenções. As expressões linguísticas, enquanto instrumentos dessa atividade, também são sistemáticas e regidas por regras que integram tanto aspecto de interação social quanto o sistema linguístico subjacente à comunicação. Assim, a língua é entendida como um sistema complexo, moldado por constantes mudanças que refletem o uso real pelos falantes.

Estudos sobre línguas tipologicamente próximas, como o Português do Brasil (PB), indicam que diferentes fenômenos linguísticos podem apresentar maior ou menor distanciamento, como o uso de predicados perifrásticos em relação a predicados formados por verbos plenos. Goldberg (1995) define as construções como pares de forma e sentido cujo significado não pode ser inteiramente derivado dos significados individuais de seus componentes. Dessa forma, as construções são reconhecidas como as unidades básicas da linguagem, abrangendo tanto propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais quanto o contexto de uso e as particularidades situacionais descritas no enunciado. A forma das construções reflete, portanto, o mapeamento entre sintaxe e semântica.

Com base nessa fundamentação, conclui-se que o conhecimento linguístico dos

falantes é constituído por uma rede de construções interconectadas. A língua, como um todo, é vista como uma rede que se ajusta ao aparato teórico da Linguística Cognitiva, segundo o qual outras especificidades da cognição também apresentam organização em rede. Consequentemente, a Gramática das Construções ressalta a relação entre a estrutura da língua e o uso que os falantes fazem dela em contextos reais de interação, afirmando que a organização gramatical é moldada diretamente pelo uso da língua.

As construções perifrásticas são construções verbais formadas por um verbo principal e um verbo auxiliar, formando um bloco de significado próprio, não codificável apenas pela separação dos seus elementos. Elas são frequentemente usadas para evitar repetições, tornar o discurso mais elaborado ou, até mesmo, para destacar um determinado aspecto de uma situação. Além disso, as construções perifrásticas recorrem a uma descrição ou a uma combinação de palavras que ampliam a compreensão de uma ideia. Esse recurso é muito comum tanto na língua falada quanto na escrita, sendo utilizado em diversos contextos para dar ênfase, esclarecer ou enriquecer a comunicação. Neste tópico, exploraremos, a partir da explicação do funcionamento da perífrase em perspectiva funcional, como as construções perifrásticas contribuem para a flexibilidade e riqueza da linguagem.

Para Castilho (2020, p. 447) :

As primeiras perífrases descritas nas gramáticas foram as dos tempos compostos do passado e da voz passiva “analítica”. Esse fato assenta numa intuição correta dos gramáticos: de fato, as perífrases em que a um verbo se segue um particípio são mais gramaticalizadas do que as perífrases de gerúndio e de infinitivo.

De acordo com Castilho (2020), as primeiras perífrases mencionadas nas gramáticas eram aquelas que envolviam os tempos compostos do passado e a voz passiva “analítica”. Essas estruturas foram observadas pelos gramáticos como uma forma de combinação de verbos e particípios que cumpriam funções gramaticais importantes. Castilho afirma que essa observação inicial dos gramáticos foi bastante acertada, pois, de fato, as perífrases que envolvem a combinação de um verbo com um particípio (como, por exemplo, em “tinha estudado” ou “foi feito”) são mais gramaticalizadas. Isso significa que essas construções já estão integradas na estrutura da língua e são formais, tendo uma relação direta com regras gramaticais rígidas.

Por outro lado, as perífrases que utilizam o gerúndio ou o infinitivo (como em “está trabalhando” ou “vai estudar”) ainda são mais flexíveis e, em certo sentido, menos “fechadas” do ponto de vista gramatical. Elas não estão tão fortemente ligadas a um sistema específico de conjugação verbal e podem ser usadas de maneira mais livre, dependendo do contexto.

Essa análise de Castilho nos ajuda a entender como as perífrases evoluíram na língua portuguesa. Elas começam de formas simples e diretas, mas com o tempo se tornam mais complexas e estruturadas, refletindo a formalização da língua e a necessidade de expressar tempo e aspecto de maneira mais precisa e complexa. A diferença entre as perífrases com particípio e aquelas com gerúndio ou infinitivo demonstra como a língua pode variar em termos de rigidez gramatical, dependendo da forma de expressão utilizada.

As perífrases verbais constituem um fenômeno importante na gramática da língua portuguesa, envolvendo a combinação de dois ou mais verbos que, juntos, exprimem uma única ideia ou ação. Para Castilho (2020), as perífrases verbais devem ser entendidas como um “todo indivisível”, no qual o verbo auxiliar e o verbo principal desempenham papéis complementares e bem definidos. O verbo auxiliar tem a função de marcar o tempo verbal e as categorias flexionais, como pessoa e número, enquanto o verbo principal é responsável por particularizar o evento, a ação ou o estado descrito na oração.

Por sua vez, Neves (2018, p.13) conceitua ao definir as perífrases como uma estrutura unitária que engloba um verbo principal acompanhado por uma forma verbal no infinitivo, gerúndio ou particípio, ambos articulados dentro de uma mesma predicação. Essa interação entre os verbos não é aleatória, mas obedece a um princípio de coesão semântica e funcionalidade gramatical. Um aspecto interessante e amplamente observado na língua portuguesa é a alta produtividade das perífrases verbais em construções que envolvem dois verbos conectados por uma preposição, em que o segundo verbo aparece invariavelmente no infinitivo.

Por exemplo, expressões como “vou estudar”, “estava lendo” ou “tinha terminado” ilustram a riqueza e a funcionalidade das perífrases na comunicação cotidiana. Essas combinações permitem uma grande variedade de nuances temporais, aspectuais e modais, oferecendo ferramentas linguísticas valiosas para a expressão de intenções, ações em desenvolvimento, continuidade, conclusão e outras dimensões do significado verbal.

Estudar as perífrases verbais no contexto da aprendizagem da língua portuguesa é essencial, pois elas desempenham um papel central na construção do sentido e na organização do discurso. A exploração desse recurso gramatical visa fomentar o uso consciente e eficaz dos verbos plenos, ou seja, daqueles que possuem significado lexical próprio, no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, compreende-se que a dependência morfossemântica entre os componentes das perífrases é crucial para elucidar suas diferentes formas e aplicações. Essa relação permite distinguir os tipos de perífrases, como as que indicam tempo (ex.: “vou

partir”), modo (ex.: “deve ser verdade”) ou aspecto (ex.: “estava chovendo”), e oferece subsídios para o aprofundamento da compreensão e do uso dessas estruturas pelos falantes da língua portuguesa.

Uma vez que a junção entre verbo auxiliar e verbo principal constituem um todo de forma e significado, compreendemos nesta dissertação as construções perifrásticas, que são estruturas formadas por um verbo auxiliar e um verbo lexical em forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Essas construções constituem, segundo Paula (2014), um Sintagma no Nível Morfossintático e uma única Propriedade Configuracional no Nível Representacional, evidenciando sua organização estrutural e funcional no sistema linguístico.

É importante destacar que a definição das construções perifrásticas ultrapassa os limites da análise morfossintática, envolvendo também aspecto semântico e pragmático. Essa complexidade é um dos motivos pelos quais não há consenso entre gramáticos e linguistas quanto à delimitação exata do conceito. Alguns autores consideram as construções perifrásticas como um grupo bem definido e fechado de combinações entre um verbo auxiliar e um verbo principal, enquanto outros defendem que a variedade dessas construções é tão ampla quanto as combinações possíveis no uso cotidiano da língua.

Exemplos comuns de construções perifrásticas incluem combinações como:

- I. Um verbo auxiliar seguido por um verbo principal no infinitivo:
 - João pode sair do hospital ainda hoje.
- II. Um verbo auxiliar seguido por um verbo principal no gerúndio:
 - Estou começando a entender melhor o mundo.

Essas construções possuem significados específicos que diferem dos verbos plenos, os quais geralmente indicam ações concretas. Por exemplo, na frase "Se você não estudar, pode reprovar", a construção perifrástica formada por "pode reprovar" expressa a ideia de possibilidade. Por outro lado, no exemplo "O candidato reprovou no exame", o verbo pleno "reprovou" indica uma ação direta, sem nuances modais ou temporais adicionais.

Essa diferença de significado destaca a riqueza interpretativa das construções perifrásticas. Enquanto os verbos plenos são semanticamente autônomos, as construções perifrásticas introduzem possibilidade, obrigação, continuidade, início, conclusão, entre outras. Além disso, um mesmo par forma-significado pode adquirir interpretações variadas, dependendo do contexto pragmático e semântico em que é empregado.

Por exemplo, na construção perifrástica “pode reprovar”, o verbo auxiliar “pode”

adiciona uma marca de possibilidade à ação de reprovar, sem alterar a forma do verbo principal “reprovar”. Por outro lado, em “Estou começando a entender”, o verbo auxiliar “estou começando” indica o início de uma ação contínua, complementando o significado do verbo principal “entender”.

Essas características demonstram que, embora a forma da construção se mantenha estável, o significado pode variar de acordo com o contexto. Essa variabilidade reforça a ideia de que os elementos do par forma-significado não possuem o mesmo estatuto: a forma pode permanecer inalterada, enquanto o significado se ajusta às condições discursivas e contextuais.

Em resumo, as perífrases desempenham um papel importante na flexibilidade e complexidade da linguagem, permitindo expressões detalhadas e variadas. Elas são ferramentas linguísticas que vão além do uso direto de uma palavra ou verbo, ampliando o significado e proporcionando uma forma mais rica de comunicação. A partir da combinação de verbos e outros elementos, como particípio, infinitivo ou gerúndio, as perífrases possibilitam a construção de tempos verbais mais precisos ou a intensificação de ideias. Assim, essas estruturas não apenas enriquecem a língua, mas também refletem a evolução gramatical e a adaptabilidade da linguagem ao longo do tempo.

2.2.1 Tempo e aspecto nas construções perifrásticas

O tempo

É interessante destacar que o tempo verbal é uma das categorias fundamentais da gramática, pois permite ao falante situar os acontecimentos narrados em relação ao momento da enunciação ou a outro ponto de referência estabelecido no discurso.

Segundo Ilari (2010) para entendermos o tempo é necessário explorar, intuitivamente, os mecanismos linguísticos com os quais localizamos os fatos no tempo, ou seja, os fatos de que tratam os falantes. E ainda explica que os tempos do verbo, além de indicar tempo, atribuem simultaneamente à frase uma modalidade e um aspecto. Desse modo, o tempo verbal torna-se uma das categorias fundamentais da gramática, pois permite ao falante situar os acontecimentos narrados em relação ao momento da enunciação ou a outro ponto de referência estabelecido no discurso. Além disso, Ilari (2010, p. 193) afirma que,

[...] o tempo quando é expresso pelo verbo, é eminentemente dêitico, ou seja, os “tempos do verbo” situam sempre os acontecimentos em um “tempo de evento”

(TE) que está caracterizado como simultâneo, anterior ou posterior ao tempo da fala (TF). Essa localização pode ser direta ou indireta. É direta, por exemplo, no caso do perfeito do indicativo, que situa o acontecimento descrito pela frase em um momento anterior ao da fala. É indireta, por exemplo, no caso do futuro do pretérito, que localiza o evento num momento posterior a uma referência (TR) situada no passado.

Ilari (2010, p. 194) também nos explica que “a localização indireta obriga a considerar, além do tempo de fala o tempo de evento, um terceiro momento, que tem sido chamado o “momento de referência (TR)”. O autor destaca ainda, que, “para localizar acontecimentos no tempo, a língua utiliza, além da flexão do verbo, os auxiliares de tempo”.

Segundo Castilho (2020, p. 418) “embora aspecto e tempo possam ser concebidos como propriedades da predicação, existe uma divisão dos campos linguísticos em simbólico e dêitico”, pois para ele, o aspecto integra o campo simbólico, e o tempo, o campo dêitico.

Em continuidade, o tempo, como dimensão da predicação, só se interpreta em relação ao contexto enunciativo, visto que é a partir da situação de fala que distinguimos anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Assim, esses recortes temporais se compreendem tomando o falante como ponto de ancoragem dêitica. Além disso, a temporalidade envolve intervalos ou durações que se estendem entre marcos distintos.

Nesse sentido, para Castilho (2020, p. 418):

O tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que se pode representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade. Só podemos entender essas fatias do tempo tomando como ponto de referência o sujeito falante. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro. Por outras palavras, o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele.

Ainda falando de tempo, Neves (2018) ressalta que a apresentação inicial do tempo verbal apresenta três tempos: presente, passado (ou pretérito) e futuro. E explica que qualquer análise dessa categoria deve reconhecer seu caráter dêitico, ou seja, a interpretação do tempo depende da enunciação e do ponto de vista do locutor e ancora-se no eu do momento do enunciado. Como se nota na afirmação a seguir, conforme Neves (2018, p. 167):

A primeira informação sobre tempo VERBAL sempre se refere à existência de três tempos: o presente; o passado, ou pretérito; o futuro. E que qualquer estudo sobre o tempo VERBAL também aponta, como lição básica, o fato de tratar-se de uma categoria dêitica, isto é, uma categoria que se relaciona com a enunciação, com a situação da fala, com o “eu” (e, assim, com o “hoje”, o “aqui”, e o “agora”) da produção do enunciado.

Também de acordo com Neves (2018), os tempos verbais devem ser interpretados pela relação entre o tempo (momento da fala, ou da enunciação), ou seja, é o agora do momento da fala; o tempo (momento da referência, simultâneo ou não simultâneo) e pode ocorrer antes ou depois do momento da enunciação; o tempo (momento do evento, do estado de coisas, processo ou estado) e que pode ser simultâneo ou não simultâneo e também pode ser anterior ou posterior ao tempo de referência.

Nesse sentido, o aspecto descreve o modo de desenvolvimento interno do processo narrado, sem o envolvimento dos participantes e sem se ancorar no momento da enunciação. Em termos funcionais, ele dimensiona o evento: indica sua delimitação ou continuidade, duração, habitualidade e eventual repetição. Enquanto, o tempo que apresenta natureza dêitica, caracteriza esse mesmo processo em relação ao ato de fala, estabelecendo vínculos de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade. Logo, o aspecto organiza a estrutura interna do evento, já o tempo o situa no eixo enunciativo.

Corroborando com essas ideias, Castilho (2020, p. 418) afirma que foi Jakobson (1957: 134-135) quem primeiro formulou com clareza as diferenças entre aspecto e tempo. O autor citado explica que o aspecto caracteriza o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao evento de fala. [...] O aspecto quantifica o evento narrado. O tempo caracteriza o evento narrado com referência ao evento de fala. Assim, o pretérito nos informa que o evento narrado é anterior ao evento da fala’.

Neves (2018) ressalta ainda, que a apresentação inicial do tempo verbal apresenta três tempos: presente, passado (ou pretérito) e futuro. E explica que qualquer análise dessa categoria deve reconhecer seu caráter dêitico, ou seja, a interpretação do tempo depende da enunciação e do ponto de vista do locutor e ancora-se no eu do momento do enunciado. Como se nota na afirmação a seguir, conforme Neves (2018, p. 167):

A primeira informação sobre tempo VERBAL sempre se refere à existência de três tempos: o presente; o passado, ou pretérito; o futuro”. E que qualquer estudo sobre o tempo VERBAL também aponta, como lição básica, o fato de tratar-se de uma categoria dêitica, isto é, uma categoria que se relaciona com a enunciação, com a situação da fala, com o “eu” (e, assim, com o “hoje”, o “aqui”, e o “agora”) da produção do enunciado.

Ainda de acordo com Neves (2018) os tempos verbais devem ser interpretados pela relação entre o tempo (momento da fala, ou da enunciação), ou seja, é o agora do momento da fala; o tempo (momento da referência, simultâneo ou não simultâneo) e pode ocorrer antes ou depois do momento da enunciação; o tempo (momento do evento, do estado de coisas,

processo ou estado) e que pode ser simultâneo ou não simultâneo e também pode ser anterior ou posterior ao tempo de referência. Como ocorre no exemplo em Neves (2018, p. 167): “Não pude ir à estação ontem. (TV-R)”. Nessa frase, o tempo da enunciação é o momento da fala, o que acontece agora; o tempo de referência é ontem, ou seja, anterior ao do momento da enunciação; e o tempo do evento é o mesmo do tempo da referência, isto é, ontem. O que resulta da relação direta dos acontecimentos, que ocorre no tempo do evento com o momento da fala que se realiza pelo tempo da enunciação. Dessa forma, os acontecimentos ou enunciados relatados no pretérito perfeito ocorrem antes do momento da fala. “Assim, o pretérito nos informa que o evento narrado é anterior ao evento da fala” (TRAVAGLIA, 2016, p. 418).

Travaglia (2016) em concordância com os outros autores, também diz que o tempo é uma categoria dêitica, pois sua interpretação se baseia no agora da enunciação e nos pontos de referência que o discurso estabelece. Assim, as formas verbais localizam o processo em relação ao momento de fala (anterioridade, simultaneidade, posterioridade), porém, essa localização não se confunde com a cronometria física; trata-se de uma representação linguística do tempo, construída na interação e orientada conforme o sentido do texto.

Dessa forma, Travaglia (2016, p. 40) nos apresenta o termo tempo em três sentidos básicos, conforme a seguir:

Tempo 1: trata-se da categoria verbal (correspondente às épocas: passado, presente e futuro); ou seja, o tempo;

Tempo 2: flexão temporal que refere-se aos agrupamentos das flexões de conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do subjuntivo etc, considerados tempos flexionais;

Tempo 3: TEMPO (destacado pelo autor com letras maiúsculas) que aborda a ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase.

Nesse sentido, do ponto de vista da expressão do tempo, o português brasileiro codifica tempo por flexão verbal e por construções perifrásticas. Nas perífrases, a flexão recai tipicamente sobre o verbo auxiliar, pois é o suporte das marcas temporais. Além disso, o auxiliar fixa o tempo da perífrase. Enquanto, o verbo principal, nas formas nominais no infinitivo, gerúndio ou particípio, fornece o conteúdo lexical.

O Aspecto

O aspecto verbal tem se consolidado como campo fundamental no português brasileiro para compreender a organização temporal dos eventos nos discursos narrativos. Entre as várias contribuições, destaca-se o trabalho de Travaglia (2016), que descreve o aspecto como a categoria gramatical e semântico-discursiva responsável por indicar a estrutura interna da ação, focalizando o seu desenvolvimento, duração e o processo/ estado que podem ser expressos pelo verbo.

Ao contrário do tempo, que localiza o evento na linha temporal, o aspecto evidencia como o evento se desenrola pelo ao falante e/ou se apresenta ao ouvinte. No contexto da oralidade, presentes especialmente em narrativas, a escolha aspectual interfere diretamente na interpretação do evento e das fases das situações expressas. Dessa forma, para analisar o aspecto de acordo com Travaglia (2016), torna-se necessário investigar as estratégias discursivas que os falantes mobilizam para marcar o momento em que a situação entra em realização. E “a partir do momento em que a situação entra em realização, dizemos que ela está em desenvolvimento e aí temos suas fases do ponto de vista do desenvolvimento: início, meio e fim.” (Travaglia, 2016, pg. 50).

De acordo com Travaglia (2016), o aspecto verbal deve ser compreendido como uma categoria gramatical independente do tempo, embora ambos se relacionem, embora as duas sejam, muitas vezes expressas pelo mesmo elemento, assim, tanto tempo quanto aspecto são categorias de “TEMPO”. Ambos são categorias de temporalidade, mas não são a mesma coisa, pois é possível mudar o tempo sem mudar o aspecto e também é permitido mudar o aspecto mantendo o tempo. Enquanto, o tempo tem a função de localizar a situação verbal em relação a um ponto de referência, quase sempre o momento da fala, o aspecto volta-se para o interior do processo, mostrando como ele se desenrola, entretanto as duas não se confundem.

Nesse sentido, o aspecto verbal é uma categoria gramatical que se distingue do tempo, que não se preocupa em localizar a ação em relação ao momento da fala, mas em mostrar como a situação se desenvolve no seu interior. Como nos explica (TRAVAGLIA, 2016, p. 41):

“O aspecto é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”, pois antes de mais nada, ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização.”

Assim, o autor refere-se ao modo como o processo verbal é visto ou apresentado pelo falante, em sua duração, conclusão, início, repetição ou em sua globalidade, pois para ele, o

aspecto também indica algo sobre o grau de desenvolvimento, de realização da situação. “[...] Muitos dos aspectos falam em término (acabado)/ não término (não acabado) e em noções como início, meio e fim” (TRAVAGLIA, 2016, p. 41).

O aspecto é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”, pois antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado/expresso pela situação apresentada em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, ou seja, o tempo gasto pela situação em sua realização concreta, com o objetivo de mostrar como a situação se desenvolve no seu interior.

Dessa forma, conforme Travaglia (2016, p. 41):

“O aspecto é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”, pois antes de mais nada, ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização”.

Nesse sentido, observamos como o processo verbal é visto ou apresentado pelo falante, se em sua duração, conclusão, início, repetição ou em sua globalidade, pois o aspecto também indica algo sobre o grau de desenvolvimento, de realização da situação. “[...] Muitos dos aspectos falam em término (acabado)/ não término (não acabado) e em noções como início, meio e fim” (TRAVAGLIA, 2016, p. 41).

Desse modo, enquanto o tempo verbal situa a ação em passado, presente ou futuro e representa o tempo externo, o aspecto destaca fases e formas de realização do evento (tempo interno).

2.2.2 A semântica do verbo começar

O verbo começar é um forte indicador do aspecto inceptivo, mas o contexto da frase pode influenciar a interpretação. Podemos observar que, geralmente, as construções perifrásticas com começar indicam o início da ação, ou seja, apresenta aspecto inceptivo/incoativo. Assim, as perífrases verbais que começam com o verbo começar (ou suas formas conjugadas) geralmente indicam o início de uma ação, o que é característico do aspecto inceptivo.

No entanto, é importante analisar o contexto para confirmar essa interpretação, pois nem sempre o verbo começar por si só garante o aspecto inceptivo. A maioria das construções perifrásticas com [começar+VP] apresenta o aspecto verbal incoativo. Isso significa que ela marca o início da ação em que o falante relata o início de processos

importantes como eventos situados no passado, mas que funcionam como episódios biográficos significativos, como o início de trabalhar, estudar, namorar etc. Dessa forma, o começar foca no ponto de partida do trabalho e de outros eventos vivenciados pelo falante, e não na sua duração ou na sua conclusão.

Portanto, o verbo começar é, semanticamente, um indicador de fase inceptiva, pois ele aponta o marco inicial de eventos e estados, quer como verbo pleno, quer como auxiliar em perífrases (indicando o início da ação expressa pelo verbo principal). E por isso é tão produtivo e estratégico nas narrativas orais como as do Fala Goiana.

2.2.3 Verbo principal

O quadro a seguir apresenta o levantamento das construções perifrásticas encontrados no fala Goiana, possibilitando visualizar os padrões de uso predominantes:

Tabela 1: Construções perifrásticas e verbo principal

Construção Perifrástica	Número de Ocorrências	Percentual
[começar+Vp]		
[Começar+trabalhar]	29	13,30
[Começar + namorar]	17	7,79
[Começar+fazer]	11	5,04
[Começar+estudar]	09	4,12
[Começar+tocar]	09	4,12
[Começar+orar]	07	3,21
[Começar+arrumar]	06	2,75
[Começar+brigar]	06	2,75
[Começar+chorar]	06	2,75
[Começar+pegar]	05	2,29
[Começar+querer]	05	2,29
[Começar+ter]	05	2,29
[Começar+conversar]	04	1,83
[Começar+dar]	04	1,83
[Começar+gritar]	04	1,83
[Começar+sair]	04	1,83
[Começar+conhecer]	03	1,37
[Começar+falar]	03	1,37
[Começar+ir]	03	1,37
[Começar+melhorar]	03	1,37
[Começar+passar]	03	1,37
[Começar+sentir]	03	1,37
[Começar+acreditar]	02	0,91

[Começar+beber]	02	0,91
[Começar+costurar]	02	0,91
[Começar+comprar]	02	0,91
[Começar+cuidar]	02	0,91
[Começar+envolver]	02	0,91
[Começar+ficar]	02	0,91
[Começar+machucar]	02	0,91
[Começar+mexer]	02	0,91
[Começar+parar]	02	0,91
[Começar+procurar]	02	0,91
[Começar+xingar]	02	0,91
[Começar+adoecer]	01	0,45
[Começar+andar]	01	0,45
[Começar+agarrar]	01	0,45
[Começar+aprender]	01	0,45
[Começar+aprontar]	01	0,45
[Começar+aproximar]	01	0,45
[Começar+buscar]	01	0,45
[Começar+crescer]	01	0,45
[Começar+criar]	01	0,45
[Começar+cochilar]	01	0,45
[Começar+colocar]	01	0,45
[Começar+complicar]	01	0,45
[Começar+consertar]	01	0,45
[Começar+controlar]	01	0,45
[Começar+correr]	01	0,45
[Começar+cortar]	01	0,45
[Começar+curtir]	01	0,45
[Começar+deixar]	01	0,45
[Começar+descobrir]	01	0,45
[Começar+descençar]	01	0,45
[Começar+desenvolver]	01	0,45
[Começar+desviar]	01	0,45
[Começar+ensaiar]	01	0,45
[Começar+enturmar]	01	0,45
[Começar+estranhar]	01	0,45
[Começar+gastar]	01	0,45
[Começar+gravar]	01	0,45
[Começar+incentivar]	01	0,45
[Começar+inventar]	01	0,45
[Começar+ler]	01	0,45
[Começar+matar]	01	0,45
[Começar+ouvir]	01	0,45
[Começar+pôr]	01	0,45
[Começar+queimar]	01	0,45
[Começar+reclamar]	01	0,45

[Começar+reparar]	01	0,45
[Começar+rezar]	01	0,45
[Começar+rir]	01	0,45
[Começar+sair]	01	0,45
[Começar+separar]	01	0,45
[Começar+usar]	01	0,45
[Começar+vender]	01	0,45
[Começar+ver]	01	0,45
Total	218	100%

(Fonte: elaboração própria)

As ocorrências revelam que as construções perifrásticas mais prototípicas são [começou a trabalhar], [começou a namorar], [começou a fazer] e [começou a estudar]. De acordo com os estudos apresentados, essas formas não são aleatórias, pois refletem padrões recorrentes de expressão de experiências fundamentais na trajetória de vida dos falantes. Conforme exemplos a seguir:

12) ... eu mais minha irmã come... **começô a trabalhá** muito cedo...(Fala Goiana).

13... ai eles foi... **começo a namora** com ela... ai... teve um dia ai que ele resolveu mora com ela...(Fala Goiana).

14) ...aí beleza aí a genti **começô fazê** u cursu feiz i tal aí eu a genti vamu u meu objetivo é trabalhá lá na telemont é entrá lá...(Fala Goiana).

15) ...a genti voltô di férias aí eli falô “ó a genti vai mudá pra Goiânia” eu falei pra lá i continuá estudanu aí eu ah é brincadera aí passô um meis meu irmão vei pra cá morá com uma tia tipu **começô a estuda**...(Fala Goiana).

Assim, o contexto descrito por essas construções é, na maioria das vezes, de transformação identitária, em que o falante situa-se em uma narrativa de passagem, onde o início de uma atividade marca também o ingresso em novas responsabilidades e papéis sociais. Então, dizer [comecei a trabalhar] não apenas relata um fato pontual, mas constrói discursivamente a ideia de entrada no mundo adulto e no espaço da produtividade. Por sua vez, [comecei a namorar] projeta a transição para a esfera da afetividade juvenil e [comecei a estudar] enfatiza a inserção em um percurso formativo que molda perspectivas futuras do falante.

Noutra perspectiva, a construção perifrástica [começar a fazer] relata o início de uma prática concreta de ação, ou seja, o ingresso em uma prática de capacitação profissional, situada no passado, mas que é projetada como um passo decisivo rumo ao futuro laboral na

vida do falante.

Nesse contexto, os verbos principais assumem papel importante para a interpretação semântico-pragmática, enquanto o verbo auxiliar [começar] define o domínio de experiência no qual esse início se inscreve. Em outras palavras, o verbo principal é responsável por ancorar a perífrase em um campo específico da vida social e cognitiva do falante.

Portanto, as construções perifrásticas mais prototípicas, ou seja, de uso recorrente no *Corpus Fala Goiana*, não se limitam a expressar apenas o início de processos, mas assumem um valor narrativo e sociocultural mais amplo, pois são pontos de virada que estruturam o relato oral, funcionando como marcadores de experiências vividas.

CAPÍTULO 3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

O *Corpus* Fala Goiana constitui um banco de dados composto por 21 inquéritos, distribuídos entre 9 falantes do sexo masculino e 12 do sexo feminino. A organização do corpus baseia-se em registros de fala monitorada, nos quais os informantes são entrevistados por documentadores e induzidos a relatar suas experiências, criando um ambiente que favorece a coleta de dados espontâneos e contextualizados.

Nesta pesquisa qualitativa, utilizamos o *Corpus* Fala Goiana como base para investigar as construções perifrásticas formadas pelo padrão [começar + VP]. O levantamento inicial identifica todas as ocorrências dessa construção no *Corpus*, as quais serão agrupadas de acordo com as formas nominais dos verbos principais, tais como infinitivo, gerúndio ou particípio.

Na etapa seguinte, analisaremos os valores semânticos predominantes nas formas mais frequentes, buscando compreender os significados que emergem dessas combinações. Finalmente, esses valores são relacionados aos contextos pragmáticos característicos das interações orais presentes no *Corpus*, permitindo identificar como os sentidos das construções perifrásticas se ajustam às situações comunicativas específicas.

Essa abordagem metodológica possibilita uma análise das relações entre forma, função e contexto, contribuindo para o entendimento das construções perifrásticas no uso real da língua no português brasileiro.

3.1 Procedimentos de coleta de dados

Neste tópico, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados desta pesquisa, buscando garantir clareza, sistematicidade e fundamentação científica em todas as etapas realizadas.

Inicialmente, descrevemos o banco de dados selecionado, que constitui a base da pesquisa. Foram analisadas construções coletadas no *Corpus* do Fala Goiana, que reúne manifestações linguísticas significativas para o contexto investigado. O processo de construção de tabelas foi realizado, com o objetivo de organizar as informações para análises posteriores.

Na sequência, apresentamos a constituição da amostragem, que envolveu a definição dos critérios de seleção e inclusão dos participantes. Este processo buscou garantir a

representatividade do *Corpus*, considerando as particularidades sociolinguísticas e regionais do Fala Goiana. A delimitação da amostra foi realizada com base em parâmetros previamente estabelecidos, de modo a assegurar a validade e a relevância dos dados coletados.

Por fim, detalhamos os passos adotados para a análise do *Corpus*. Esse processo foi fundamentado em abordagens teóricas e envolveu o uso de ferramentas específicas para a sistematização e interpretação dos dados. Cada etapa foi planejada com o propósito de alcançar os objetivos da pesquisa, garantindo que os resultados obtidos reflitam as características e nuances do objeto de estudo.

A seguir vamos analisar o aspecto estrutural da microconstrução [começar + VP], conforme exemplos retirados do *Corpus* Fala Goiana (segue em anexos todos os exemplares da microconstrução [começar + Vp] encontradas no *Corpus*). A linguagem característica do *Corpus* é coloquial e regional, refletindo um estilo de fala oral.

3.1.2 Tempo verbal

O quadro abaixo representa a relação entre os tempos verbais do auxiliar *começar*, as construções perifrásticas verbais registradas no *Corpus* e o percentual de ocorrência de cada tempo, possibilitando visualizar os padrões mais recorrentes na Fala Goiana:

Tabela 2: Tempo verbal de começar, Construções Perifrásticas verbais encontradas e percentual dos tempos apresentados pelo verbo auxiliar.

Tempo verbal (começar)	Construção Perifrástica (exemplo)	Total de ocorrências (construtos)	Percentual
Pretérito perfeito do Indicativo	[começou a trabalhar] 13) ...eh:: meu pAi ah:: começô a trabalhá em otru serviçu e tivemos qui mudá pru interior... (FG).	187	187/218%= 85,7
Presente indicativo	[começamos a trabalhar] 113) ...maisi aí nós continuamo só nós mesmo... né... os irmão... e começamo a trabalhá ...ç todo mundo trabalhando... de acordo com que foi crescendo foi todo mundo trabalhando... (FG).	19	19/218%= 8,7

Pretérito imperfeito Indicativo	do	[começava a brigar] 87) ... quando eu ia em festa assim eu quais num dançava com medo disso porque eu ia dança com um depois ia dança com outro e num dava certo aí começava a briga (FG).	6	6/218%= 2,7
Futuro presente Indicativo	do do	[começar a estudar] 164) ...é eu nasci im Taguatinga Norte Brasília BR i minha infância meu pai num dexava eu fazê quasi nada vivia meu qui fexadu im casa numtinha muito amigu até eu começá a estuda... (FG).	4	4/218%= 1,8
Presente Subjuntivo	do	[comece a trabalhar] 9) ... mais eu num quero qu/ele comece a trabalhá cedo assim não...(FG).	1	1/218%= 0,45
Futuro Pretérito Indicativo	do do	[começar dando] 2) ... acho que nós poderíamos começar dando educação pro povo né... que apesar desse projeto que tá aí pra que todo mundo estude... mesmo assim essa educação tá sendo meio fraca... (FG).	1	1/218%= 0,45

Total de ocorrências das construções perifrásticas **[começar+Vp] = 218**

(Fonte: elaboração própria)

Nos dados levantados no *Corpus Fala Goiana*, observamos que o tempo verbal predominante nas construções perifrásticas verbais [começar +VP] usada pelos falantes do Fala Goiana é o pretérito perfeito do indicativo, tempo verbal que expressa uma ação concluída num passado específico. Essa predominância não é casual, pois revela o modo como os falantes organizam suas experiências passadas, referindo-se a fatos que já aconteceram, também a ações/ eventos que começaram e terminaram em evento finalizado antes do momento da fala e que fazem parte de suas memórias.

Dessa forma, podemos observar que a preferência dos falantes pelo pretérito perfeito, ou seja, o uso recorrente, indica que os falantes estão, na maioria das vezes, narrando eventos passados, situando-os na sequência da experiência e apresentação dos eventos vivenciados, e portanto, tem a influência na narrativa.

Por outro lado, os tempos verbais com menor frequência de usos encontrado nas narrativas do Fala Goiana foram o pretérito perfeito do indicativo, futuro do pretérito e o

presente do subjuntivo. Entendemos que, ao contrário dos usos prototípicos prevalentes, nos quais o foco recai sobre acontecimentos efetivamente realizados, estes tempos anotados expressam possibilidades de eventos não realizados ou, ainda, realizáveis em futuro não delimitado.

Já as construções no futuro do pretérito e no presente do subjuntivo são tempos que produzem hipótese, planejamento, conselho etc e que possuem funções que não avançam o tempo da cronologia principal, mas apenas comentam sobre ela. Neste contexto, o falante busca usar a economia cognitiva e tem como preferência o efeito de evidência, conectando a trajetória dos fatos aos acontecimentos que estruturam sua memória. Por tais motivos, são encontrados menos construtos no futuro do pretérito e no presente do subjuntivo, pois estes enfraquecem a ancoragem dos fatos e deslocam a fala para o terreno da possibilidade.

Assim, as construções perifrásticas verbais não apenas localizam a ação no passado, mas a apresenta como um ponto de transição, ou seja, algo se iniciou em um momento específico e reorganizou o curso da narrativa. Neste contexto, o verbo auxiliar *começar* influencia diretamente essa predominância, pois sua semântica inceptiva favorece relatos de eventos que se inauguram em determinado ponto temporal, funcionando como gatilho para novos quadros narrativos. Veremos adiante, algumas noções que caracterizam aspecto.

3.1.3 *Aspecto Verbal*

Nesta seção vamos apresentar algumas noções aspectuais baseadas no português brasileiro. Logo de início é necessário deixar claro que existem inúmeras noções presentes nos verbos, no português brasileiro que são apresentadas como aspectuais, mas nada têm a ver com aspecto, pois nada dizem da duração da situação ou de suas fases (TRAVAGLIA, 2016).

Ressaltamos que não consta em nossa pesquisa todos os aspectos verbais tradicionalmente descritos pelas gramáticas normativas e descritivas. A análise privilegia aqueles que se mostraram mais recorrentes nas construções perifrásticas do *Corpus* em análise, sem a pretensão de esgotar a complexidade do sistema aspectual do português.

O aspecto verbal tem se consolidado como campo fundamental no português brasileiro para compreender a organização temporal dos eventos nos discursos narrativos. Entre as várias contribuições, destaca-se o trabalho de Travaglia (2016), que descreve o aspecto como a categoria gramatical e semântico-discursiva responsável por indicar a estrutura interna da

ação, focalizando o seu desenvolvimento, duração e o processo ou estado que podem ser expressos pelo verbo.

Embora, as categoria de tempo e aspecto possam ser muitas vezes expressas pelo mesmo elemento, as duas são categorias de TEMPO, entretanto, não se confundem (TRAVAGLIA, 2016).

“O aspecto é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”, pois, antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização” (Travaglia, 2016, p. 41). O autor ainda explica que o aspecto é uma categoria verbal, não dêitica, pela qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser examinadas por diferentes perspectivas, tais como: a do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (TRAVAGLIA, 2016).

Para Neves (2018, p. 194), além da flexão temporal, a língua tem muitos recursos para expressar o aspecto. “Em primeiro lugar, em todos os casos, o próprio VERBO usado tem seu papel na determinação do aspecto expresso, porque seu radical já traz em si unidades semânticas que se ligam a noções aspectuais (duração, completamento etc.)”. A autora ainda reforça que mesmo fora de contexto, em certos casos é possível ocorrer a ligação entre a expressão de um determinado aspecto a um determinado VERBO. São exemplos os verbos de duração; pontualidade e repetição.

Segundo Neves (2018, p. 195) verifica-se, afinal, que no “aspecto VERBAL se mesclam fatores de qualificação e de quantificação dos eventos, e que, por isso mesmo, muitos meios de expressão estão envolvidos”.

Em relação à auxiliaridade VERBAL, Neves (2018, p. 204) nos explica que “os VERBOS auxiliares constroem-se com outros VERBOS para expressar tempo e/ou aspecto VERBAL”. E considera ainda, que os verbos auxiliares de tempo “são VERBOS que se constroem com outros VERBOS (os VERBOS nucleares, ou principais) para indicar um determinado tempo VERBAL”.

Para entendermos melhor o aspecto, Neves (2018, p. 204) ressalta que no português brasileiro podemos encontrar duas formas para o verbo auxiliar “um VERBO auxiliar de tempo forma, com um VERBO que é núcleo do PREDICADO (o VERBO principal), uma perífrase ou uma locução”. E destaca ainda, que “os VERBOS auxiliares de aspecto são VERBOS que se constroem com outros verbos (os VERBOS nucleares, ou principais) para indicar o ASPECTO ligado à ação, ao processo, ao estado” (NEVES, 2018, p. 206).

Nesse sentido, Neves (2018), acrescenta que os verbos auxiliares se constroem com

outros verbos na função de expressar tempo e aspecto. E conforme a construção perifrástica [começar+VP] de nossa pesquisa, o auxiliar *começar* leva flexão (tempo, modo, pessoa) e o verbo principal em infinitivo carrega o conteúdo lexical. Assim, o tempo só localiza quando o início ocorre, enquanto o aspecto inceptivo diz como o evento é recortado internamente no seu ponto de movimento inicial.

Ainda discorrendo sobre o aspecto, Neves (2018, p. 206) argumenta que “um VERBO aspectual forma, juntamente com um VERBO que é núcleo do PREDICADO (o VERBO principal) em forma nominal (gerúndio, particípio ou infinitivo precedido de preposição), uma perífrase, ou locução”, situação que a autora explica, conforme a seguir:

- Início do evento (aspecto inceptivo ou incoativo);
- Desenvolvimento do evento (aspecto cursivo): o curso do evento pode configurar: simples duração [aspecto (cursivo) durativo]; [hábito (cursivo) habitual]; progressão [aspecto (cursivo) progressivo];
- Término ou cessão do evento (aspecto terminativo ou cessativo);
- Resultado do evento (aspecto resultativo);
- Repetição de evento (aspecto iterativo): com noção de frequência (aspecto frequentativo); sem noção de frequência;
- Consecução;
- Aquisição de estado.

Nesse sentido, a construção perifrástica verbal [começar+VP] faz parte das perífrases inceptivas. E com base em Travaglia (2016), o aspecto inceptivo se caracteriza por apresentar situação que marca o início do evento ou em seus primeiros momentos. E ainda, conforme, Travaglia (2016, p. 237) “o aspecto presente em frases com essas perífrases não depende delas, mas de outros fatores, principalmente a flexão verbal de “começar” [...]. A situação expressa pelo gerúndio não apresenta qualquer aspecto”.

Podemos ressaltar, então, conforme Travaglia (2016) para não confundirmos propriedades semânticas do verbo que não são aspectuais com verdadeiras noções aspectuais, é necessário verificarmos se a noção semântica em questão é uma noção temporal não dêitica, e se descreve a duração da situação ou uma de suas fases. Se não atender a esse parâmetro, não será considerada uma noção aspectual.

Dessa forma, como o nosso objeto de pesquisa é a construção perifrástica verbal [começar+VP], para descrevermos e para categorizarmos essas construções com base no *Corpus Fala Goiana*, adotamos a descrição aspectual do português propostas por Travaglia (2016), com base no quadro aspectual abaixo:

Quadro 3 – Quadro aspectual do português

I - DURAÇÃO	Noções Aspectuais			Aspectos
	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada	Durativo
			b. Ilimitada	Indeterminado
		B. Descontínua	a. Limitada	Iterativo
			b. Ilimitada	Habitual
	2. Não duração ou Pontualidade			Pontual
II-FASES	1. Fases de realização	A. Por começar A'. Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		Não começado
		B. Começado ou não acabado		Começado ou não acabado
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		Acabado
		C. Acabado		
	2. Fases de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		Inceptivo
		B. Meio		Cursivo
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		Terminativo
	3. Fases de completamento	A. Completo		Perfectivo
		B. Incompleto		Imperfectivo
	Ausência de noções aspectuais			

Fonte: Travaglia (2016, p.83)

No quadro 3, Travaglia (2016) sintetiza os tipos aspectuais do português e suas implicações para a descrição de dados de fala e com base nele, organiza os valores aspectuais em cinco blocos interdependentes que são: duração, pontualidade, estado de realização, fases

de desenvolvimento e completude, enfatizando que o aspecto não diz respeito ao “quando” cronológico do evento, mas, como o evento é recortado cognitivamente e apresentado no discurso. No eixo da duração, distinguem-se leituras durativas (que representa processo em curso por um intervalo), indeterminadas (que apresenta valor genérico, sem fronteiras temporais nítidas), iterativas (que expressa repetição delimitada) e habituais (que expõe repetição não delimitada). Esse bloco captura a textura temporal do evento e, em dados de fala, costuma emergir por marcas lexicais e adverbiais e por construções como *costumar + Vinf* (habitual) ou *ir/andar + gerúndio* (distribuição/progressão) etc.

Como nos demonstra Travaglia (2016), o aspecto inceptivo introduzido por *começar* focaliza o momento de transição, o marco inaugural de um processo que se estende no tempo, ainda que o falante não se detenha em suas fases subsequentes. Assim, no estudo do aspecto verbal nas narrativas orais do *Corpus Fala Goiana*, observamos a relevância do aspecto inceptivo introduzido pelo auxiliar *começar*. Ao relatar “eu comecei a trabalhar” ou “comecei a namorar”, o falante não apenas situa o evento no passado, mas destaca um momento do início de algo importante que vivenciou, ou seja, o marco inaugural de uma experiência de vida significativa.

Cabe ainda observar que, em diversos contextos, os valores aspectuais não aparecem de forma isolada, mas se sobrepõem, revelando a natureza dinâmica e multifuncional das perífrases. Assim, uma mesma construção pode simultaneamente mobilizar traços de inceptividade, duratividade ou perfectividade, demonstrando que o aspecto verbal é um fenômeno de fronteiras fluidas e interpretativas, por isso, se torna o mais compreendido na relação entre gramática e uso.

Com base nas experiências centrais refletidas nos verbos principais das construções perifrásticas com o verbo auxiliar *começar*, podemos observar que os verbos principais mostram que os falantes recorrem ao aspecto inceptivo para marcar experiências pessoais que se configuram como eventos decisivos de suas experiências vividas. Assim, *trabalhar* remete ao ingresso no mundo laboral e a uma perspectiva de responsabilidades sociais; já o *namorar* projeta a entrada no campo afetivo e na construção de relacionamentos; *estudar* reflete o processo de formação escolar e um futuro profissional; e *conversar* demonstra o início de vínculos sociais e de práticas de comunicação que são significativas na interação social.

Neste sentido, ao ativar o aspecto inceptivo usando o verbo auxiliar *começar*, o falante destaca momentos que reconfiguram seu percurso de vida, legitimando-os como episódios memoráveis no fluxo da narrativa oral. Conforme podemos observar nos dados da tabela:

Tabela 3: Aspecto verbal das Construções Perifrásticas encontradas e percentual

Aspecto verbal	construtos	percentual
Inceptivo	108	49,54%
Perfectivo	73	33,48%
Ingressivo	29	13,30%
Imperfectivo	6	2,75%
Habitual	3	1,37%

(Fonte: elaboração própria)

Conforme dados da tabela de aspecto encontrados nas construções perifrásticas verbais [começar+VP] apresentados no *Corpus* Fala Goiana, a distribuição aponta como mais prototípico o inceptivo (início de eventos) que corresponde por 49,54%. E temos também o ingressivo com (13,30%). Em seguida, temos o perfectivo com 33,48%, enquanto, o imperfectivo (2,75%) e habitual (1,37%) aparecem mais marginais. Em termos de organização discursiva, os dados apresentados indicam que as narrativas do *Corpus* privilegiam pontos de inícios e viradas importantes da vida do falante, deixando relativamente pouco espaço para a manutenção do processo em curso (imperfectivo) ou para a generalização por hábito.

Portanto, o aspecto inceptivo é o aspecto mais usado pelos falantes para narrar os fatos, ou seja, os primeiros momentos dos processos vivenciados por eles.

Assim, a tabela em análise descreve uma gramática de eventos orientada conforme narrativas e aspecto que se organizam por entradas como o inceptivo e o ingressivo, e também por fechos (perfectivo), com pouca permanência no “durante” (imperfectivo) e raras generalizações (habitual) e por isso apresenta uma amostra perfeitamente compatível com as expectativas teóricas de Travaglia (2016) e com a leitura cognitiva de como perfis aspectuais modelam a intenção do falante. E apresenta como tarefa comunicativa: relatos de vida/acontecimentos que favorecem episódios com início nítido e encerramentos reconhecíveis, e com isso, a proeminência do aspecto inceptivo/ingressivo e do aspecto perfectivo.

3.2 Análise dos dados

Para a análise das propriedades formais e funcionais da construção perifrástica verbal [começar + VP], foram considerados todos os 218 construtos que utilizam o verbo auxiliar

começar. A inclusão integral desses dados permitiu uma investigação com o objetivo de descrever e compreender o maior número possível de propriedades associadas a essa construção no Fala Goiana.

A análise seguiu uma abordagem equilibrada entre aspecto descritivo e aspecto interpretativo. No âmbito descritivo, foram observadas as frequências e os padrões de uso, com foco nas regularidades estruturais e na distribuição da construção perifrástica [começar+Vp] em diferentes contextos linguísticos apresentados pelos falantes. Já na dimensão interpretativa, exploramos os valores semânticos e pragmáticos atribuídos à construção, buscando compreender como ela opera em termos de sentido e função dentro do *Corpus* analisado.

Portanto, quando aplicamos as informações do quadro 3 de Travaglia (2016) sobre aspecto às construções perifrásticas verbais [começar+VP] coletadas no Fala Goiana, compreendemos que a construção perifrástica [começar+VP] é o expoente prototípico do inceptivo, situação em que o auxiliar realiza a âncora temporal (tempo/modo/pessoa), enquanto, o infinitivo fornece o conteúdo lexical e o efeito aspectual nasce do pareamento construcional (forma-função). Também é possível notarmos que em *Corpus* de fala é esperado que o inceptivo atue como gatilho de progressão, e com isso, introduz novos episódios, e que o cursivo estabilize o desenvolvimento e o terminativo feche unidades informacionais. Já a ocorrência da alternância entre perfectivo e imperfectivo realiza a regulação da relação figura–fundo da narrativa. Assim, o Quadro 3 não é apenas uma taxonomia, pois ele oferece um protocolo analítico para anotar, interpretar e explicar como as escolhas aspectuais estruturam o fluxo dos relatos narrativos do falante se dá com o uso da construção perifrástica verbal [começar+VP], servindo como meio de expressar o início do evento no discurso.

3.2.1 Aspecto estrutural da construção

A construção perifrástica [começar+VP] é uma estrutura verbal que combina um verbo auxiliar *começar* com um verbo principal no infinitivo. Essa construção tem como função indicar o início de uma ação ou processo. Com base na análise do aspecto estrutural da construção em estudo, observamos que a estrutura da construção perifrástica verbal [começar+VP] segue o seguinte padrão sintático: Sujeito + verbo auxiliar (começar) + preposição (“a” ou “a + se”) ou sem preposição + verbo principal (infinitivo).

Na construção perifrástica verbal [começar + VP], o verbo principal apresenta as seguintes particularidades formais: a sua forma nominal aparece sempre no infinitivo, com

ausência de flexão, o verbo principal não recebe marcações de tempo, modo, número ou pessoa. Essa função é desempenhada pelo verbo auxiliar, pois depende do verbo *começar* para indicar o tempo da ação. E também temos a complementaridade, ou completo verbal, situação em que o verbo principal depende do verbo auxiliar para formar a perífrase, indicar a temporalidade da ação e completar o sentido do verbo transitivo.

Já o aspecto do verbo *começar*, na função de verbo auxiliar é representado da seguinte forma: verbo flexionado, *começar* é um verbo auxiliar que pode ser flexionado em tempo, modo, número e pessoa. Ele indica o aspecto inceptivo, ou seja, o verbo *começar* na perífrase expressa o início da ação descrita pelo verbo principal. Forma parte de uma construção perifrástica verbal: o verbo auxiliar *começar* e o verbo principal, juntos formam uma única unidade de significado. E pode ser conjugado em diferentes tempos verbais, pois como verbo auxiliar, *começar* pode aparecer em diferentes tempos para expressar variações no início da ação. O verbo *começar* se comporta como um verbo transitivo indireto, pois exige um complemento regido pela preposição “a” para construir o significado da ação iniciada.

A seguir apresentamos alguns exemplos do aspecto do verbo auxiliar na construção perifrástica verbal [começar + VP] retirados do *Corpus*:

16)... *meu irmão vei pra cá morá com uma tia tipu **começô a estuda**...* (FG).

No exemplo anterior, *começar* é um verbo auxiliar que pode ser flexionado em tempo, modo, número e pessoa. O verbo *começar* está no pretérito perfeito do indicativo (começou), enquanto o verbo principal (estudar) permanece no infinitivo. O verbo *começar* na construção perifrástica expressa o início da ação descrita pelo verbo principal. O verbo auxiliar *começar* e o verbo principal, juntos formam uma única unidade de significado.

17)... *q/eu ele vê que vem chuva ele já **começa... a... a gritá**...* (FG).

No exemplo apresentado acima, podemos analisar o tempo verbal e o aspecto verbal da construção perifrástica da seguinte forma: o verbo *começar* (parte da da construção perifrástica “começa a gritar”) está no presente do indicativo, indicando uma ação que ocorre no momento da fala. O verbo *começar* está formando uma construção perifrástica com o verbo principal “gritar” no infinitivo. Esse uso do verbo *começar* indica o início de uma ação, ou seja, a pessoa começa a gritar (não está gritando ainda, mas está prestes a começar essa ação). O aspecto inceptivo (de início) está claramente marcado por esse verbo auxiliar. O

verbo principal “gritar” da construção perifrástica está no infinitivo, como é característico nas perífrases verbais com o verbo auxiliar *começar*. Já em seu aspecto verbal, o verbo “gritar” não traz uma nuance de aspecto temporal por si só, pois está no infinitivo. O aspecto da ação (início da ação) vem do verbo auxiliar *começar*, e o verbo “gritar” apenas descreve a ação que será iniciada.

18)...*quando eu comecei a estudá primera séri...*(FG).

No exemplo acima o verbo auxiliar está no pretérito perfeito do indicativo, indicando ação que ocorreu em um momento específico do passado, com aspecto pontual de início de uma ação em um ponto específico no passado.

A construção perifrástica verbal [começar + VP] desempenha um papel importante na expressão do aspecto inceptivo das ações na língua portuguesa. Sua estrutura sintática apresenta um verbo auxiliar flexionado e um verbo principal no infinitivo, configurando uma unidade de significado. A análise desse aspecto evidencia a relevância da construção perifrástica verbal [começar + VP] na organização do discurso, permitindo expressar com precisão o momento de início de uma ação.

3.2.2 Aspectos funcionais da construção

A escolha entre as formas “começar + a + infinitivo” e “começar + gerúndio” pode depender de fatores pragmáticos e discursivos, como a intenção comunicativa do falante e o contexto da enunciação. Enquanto “começar + a + infinitivo” tende a ser usado em registros mais formais e enfatiza a entrada em um novo estado, “começar + gerúndio” ocorre com mais frequência na oralidade e reforça a continuidade do evento iniciado.

Podemos observar que a função semântica do verbo *começar* é marcar o início de um processo ou ação, ou seja, ele indica que a ação está sendo iniciada ou que uma mudança de estado está ocorrendo. E o verbo principal vem sempre no infinitivo, sem conjugação. Este verbo é o que define a ação ou processo que está sendo iniciado. Dessa forma, a combinação do verbo *começar* com o verbo principal no infinitivo cria uma construção perifrástica verbal que transmite a ideia de início de uma ação contínua ou progressiva.

Em relação ao aspecto semântico, o verbo *começar*, em sua função de auxiliar aspectual, projeta semanticamente o início de um processo, destacando o momento inaugural da ação representada pelo verbo principal. Essa característica semântica torna-se relevante

nas interações cotidianas e informais, pois o falante utiliza esse recurso para organizar o relato a partir de marcos significativos de suas vivências.

Dessa forma, o valor inceptivo exerce influência direta na interação entre falantes em contextos informais, pois possibilita destacar o momento inicial de experiências compartilhadas, criando interação comunicativa e social.

Nesse sentido, nas narrativas orais, o uso de *começar* não é apenas uma escolha gramatical, mas um procedimento discursivo, orientado pela necessidade de destacar o ponto inicial de experiências biográficas que estruturam a memória e sustentam a interação comunicativa. Como nos exemplos a seguir: “...*perdi praticamente minha juventude todinha... porque aí foi quando eu comecei a trabalhar também né... FG*” ou “... *eu era muito amiga dela também nessi tempu quando agente começou a namora... FG*”, o falante não apenas narra fatos, mas também oferece ao interlocutor um ponto de entrada para a memória discursiva, o que favorece a troca de experiências e a construção de uma identidade coletiva.

Assim, nas narrativas orais, essa forma de construção é determinada pelo próprio contexto comunicativo, pois o foco não recai sobre a descrição completa do processo, mas sobre o seu marco inicial, e com isso, adquire tanto relevância cultural quanto biográfica.

E a oração com essa construção perifrástica verbal pode ser estruturada de várias formas, mas sempre envolve o verbo *começar* seguido do verbo principal, com ou sem complementos.

Exemplos da construção presente no *Corpus* e os aspectos expressos, conforme Travaglia (2016):

19) *Depois mudou pra cá passou uns quinze dia ela **começou** a sentir dor de cabeça...* (FG).

Nesse caso, a construção perifrástica verbal [*começou a sentir*] marca o início de uma ação (sentir dor de cabeça) em um momento específico no passado. O verbo “*começar*” carrega os seguintes traços semânticos principais:

Início de uma Ação ou Estado: o verbo “*começar*” é inceptivo. Isso significa que ele marca o ponto de início de uma ação ou processo. Na frase “Ela começou a sentir dor de cabeça”, “*começar*” indica que o processo de sentir dor de cabeça teve um início, mas não descreve a ação em si. Apenas aponta para o momento em que a dor começou.

Ponto de Transição: O verbo também indica uma mudança de estado ou condição. Antes de *começar* a sentir dor de cabeça, a pessoa provavelmente não sentia nada. Com “*começar*”, há a transição para o estado de sentir dor.

Neste caso, o verbo “começar” como auxiliar, focaliza o início de um evento, permitindo ao falante destacar que a ação de “sentir dor de cabeça” teve um ponto de partida, sem especificar sua duração ou finalização. A construção perifrástica também sugere que o verbo “começar” não carrega, por si só, a totalidade da ação, mas apenas a transição para o seu início, o que alinha o verbo ao aspecto inceptivo.

Na análise da oração “Ela começou a sentir dor de cabeça”, o verbo “começar” marca o início de uma ação e caracteriza o aspecto inceptivo da ação (começar a sentir). A perífrase com “começar a + infinitivo” implica que o processo de sentir dor de cabeça foi iniciado, mas não completado ou finalizado. A estrutura permite que o falante foque no momento de transição entre o estado de não sentir dor e o de começar a senti-la, sem fornecer detalhes sobre sua duração ou término.

No exemplo a seguir, a construção expressa outras características de sentido.

20)... *eu era muito amiga dela também nessi tempu quando agente **começó a namora**...* (FG).

Neste caso, nota-se traços semânticos específicos de início de uma ação ou estado, indicando o ponto de transição em que a ação de namorar iniciou. Assim, o verbo implica que algo está sendo iniciado e a ação de namorar começa naquele momento específico. É uma mudança de estado (de não namorar para começar a namorar) e o uso do infinitivo reflete que a ação é entendida como não delimitada em termos de tempo.

Em relação às implicações no aspecto verbal da construção perifrástica [começar a namorar] podemos observar um contraste entre os aspectos dos dois verbos. O aspecto pontual (pretérito perfeito) do verbo “começar” indica o início de uma ação em um ponto específico no passado. E o aspecto contínuo (infinitivo) do verbo “namorar” sugere que a ação de namorar se prolonga para além do momento do início, tornando-se uma atividade que se estende no tempo. Dessa forma, descreve-se o início de uma ação contínua, no caso, o namoro, que tem um ponto de partida (começo), mas que continua ao longo do tempo.

Outra nuance semântica da construção perifrástica podemos observar no exemplo a seguir:

21) ... *“às vezes **começam a reclamar** de alguma coisa...”* (FG).

O verbo auxiliar está no presente do indicativo e implica o início de uma ação. Por outro lado, o verbo principal sugere uma ação contínua ou habitual que se estende ao longo do

tempo.

De acordo com Travaglia (2016), essa combinação de verbos transmite a ideia de que a ação de reclamar começa pontualmente (indicado pelo verbo “começar”), mas, uma vez iniciada, ela tende a ocorrer de forma contínua ou habitual, o que é reforçado pelo uso da construção satélite “às vezes”.

Assim, a análise funcionalista da construção perifrástica verbal demonstra que essa estrutura não apenas marca o início de uma ação ou estado, mas também influencia a interpretação semântica da oração, dependendo do contexto discursivo e das escolhas sintáticas dos falantes. No *Corpus Fala Goiana*, a predominância da combinação na forma do verbo auxiliar com o verbo principal no infinitivo reforça seu papel na organização temporal e sequencial do discurso, destacando a transição para um novo estado ou processo.

Além disso, a variação entre [começar + a + infinitivo] e [começar + gerúndio] demonstra como fatores pragmáticos podem impactar o uso da construção perifrástica verbal, refletindo registros formais e informais que permitem aos falantes expressar com precisão o momento inicial das ações e seus desdobramentos no tempo.

Destaca-se também a marca de oralidade e léxico coloquial na análise dos dados, com repetições que reforçam o tom informal e espontâneo, descrevendo ações habituais e recorrentes, que fazem parte do cotidiano dos falantes. Por conseguinte, as estruturas observadas fazem parte de contextos discursivos que retratam situações do dia a dia e hábitos familiares, enfatizando ações recorrentes e rotineiras. A ação expressa pelo verbo principal não é compreendida como pontual, mas como algo que tem início e continuidade.

Nesse sentido, os valores aspectuais do verbo *começar* ganham destaque, especialmente o aspecto incoativo, que indica o início de uma ação. Enquanto isso, o verbo principal, que segue o auxiliar, carrega o significado da ação sendo iniciada. Essa combinação sugere que a ação descrita não ocorre imediatamente, mas é iniciada em momentos específicos e, muitas vezes, de forma recorrente.

Além disso, verifica-se que essas construções são frequentemente usadas para descrever ações habituais ou recorrentes, como “começar a trabalhar”, “começar a namorar” ou “começar a estudar”. Tais expressões denotam uma rotina ou sequência de atividades que fazem parte do cotidiano dos falantes.

Por outro lado, a preposição “a” exerce uma função semântica relevante, ao conectar o verbo auxiliar *começar* ao verbo principal, criando uma unidade semântica que relaciona o início da ação a um propósito ou direção. Assim, a preposição funciona como um elo que orienta a ação para algo específico.

Outro ponto a ser considerado é a sensação de continuidade que essas construções transmitem. Ainda que a ação esteja sendo iniciada, há uma expectativa implícita de que ela continuará. Essa continuidade é essencial para a representação de processos diários e hábitos, sendo refletida na escolha de verbos que indicam atividades recorrentes.

Desse modo, ao descrever ações costumeiras, como “começar a trabalhar” ou “começar a namorar”, o falante conecta seu discurso a experiências familiares e próximas da realidade do ouvinte, reforçando essas estruturas como representação de práticas culturais populares, conforme quadro 1 em anexo.

Por fim, considerando os aspectos morfosintáticos, observa-se que a conjugação do verbo auxiliar *começar* varia de acordo com o sujeito e o contexto discursivo, enquanto o verbo principal permanece no infinitivo impessoal, indicando a ação específica que está sendo iniciada.

No contexto comunicativo e pragmático, é evidente a presença da oralidade e da informalidade característicos do *Corpus* Fala Goiana, com traços regionais e coloquiais, como reduções fonéticas (começô a trabalhar) e a omissão da preposição “a” em falas rápidas “comecei trabalhar cedo”, refletindo o dinamismo da língua falada do português brasileiro. Elas desempenham um papel relevante na estruturação de narrativas e na expressão de hábitos e rotinas, consolidando-se como marcas evidentes da oralidade goiana.

Ao serem confrontados os dados da tabela 1, referentes aos verbos principais, com os da tabela 2, que apresentam os tempos verbais do auxiliar *começar*, observa-se um contraste significativo entre diversidade e uniformidade. Enquanto os verbos principais revelam ampla variação temática, ativando lembranças de momentos distintos como trabalho, educação, relacionamento e interação social, o auxiliar mantém relativa estabilidade na expressão aspectual, predominando no Pretérito Perfeito do Indicativo.

Essa configuração demonstra que a riqueza semântica das narrativas do *Corpus* Fala Goiana emerge prioritariamente do conteúdo lexical dos verbos principais, ao passo que o auxiliar funciona como operador gramatical que ancora os eventos no tempo e projeta o valor inceptivo. Assim, a complementaridade entre diversidade lexical e estabilidade gramatical garante coesão às narrativas orais, reforçando a ideia de Travaglia (2016) de que o aspecto e o tempo verbal devem ser entendidos em interação com o contexto discursivo e com os domínios de experiência mobilizados pelo falante.

Portanto, observamos que o objeto central das narrativas não é a simples sequência cronológica dos fatos, mas os momentos inaugurais que definem a trajetória do falante. Esses marcos de início, ao serem expressos pelo aspecto inceptivo, revelam como a língua articula

categorias gramaticais (tempo e aspecto) a processos cognitivos de categorização e à construção social da memória.

3.3 Metáfora do deslocamento espaço-temporal na constituição das construções perifrásticas

A construção perifrástica verbal [começar +VP] é uma construção linguística bastante presente nas narrativas orais, especialmente no falar goiano, onde desempenha um papel fundamental na organização do discurso. Essa expressão vai além do simples sentido de início, pois indica a passagem do tempo, marca transições e deslocamentos tanto temporais quanto espaciais. Assim, contribui para a sequência dos acontecimentos na narrativa, criando um fluxo que acompanha o percurso da vida e das experiências pessoais dos falantes.

No contexto do falar goiano, [começar +VP] pode ser usada em diversas situações para indicar não apenas o início de uma ação, mas também um deslocamento ou transformação, como em exemplos reais das narrativas locais: *“Ela começou a trabalhar na roça logo cedo”* ou *“A gente começou a mudar de cidade quando ele conseguiu emprego”*. Esses exemplos mostram que “começar a” pode representar um ponto de partida temporal (início do trabalho) e um deslocamento espacial (mudança de cidade).

Além disso, a expressão ajuda a criar uma linha do tempo que conecta eventos, como explica Bakhtin (1992) sobre o discurso oral:

“O discurso humano, especialmente o discurso oral, não é apenas uma simples sucessão de enunciados, mas uma cadeia temporal que traz em si as marcas do tempo vivido, do movimento e da transformação.” (BAKTIN, 1992, p. 65).

Essa noção do discurso como tempo vivido reforça o papel de “começar a” em narrativas que exprimem trajetórias pessoais e coletivas. A expressão contribui para dar ritmo à fala, organizando os fatos de forma que o ouvinte acompanhe o desenvolvimento da história e se situe nos acontecimentos.

A construção [começar + gerúndio] também pode indicar uma transição no espaço-tempo, uma espécie de movimento narrativo, que simboliza a progressão da vida do sujeito. A metáfora do caminho, já abordada em tópico anterior, está relacionada a isso: o começo de uma ação é como um passo dado numa jornada, um deslocamento que avança na narrativa e na experiência do narrador.

Um exemplo prático é a fala de um agricultor que diz: *“Eu comecei a plantar milho*

depois que meu pai me ensinou.” Essa simples frase aponta um início que envolve passagem de conhecimento, mudança de rotina e inserção em um ciclo produtivo, um deslocamento no tempo (da vida do agricultor) e no espaço (no contexto rural).

A construção perifrástica verbal [começar +VP] desempenha um papel fundamental nas narrativas orais, especialmente no falar goiano, pois organiza a sequência dos acontecimentos, marca o tempo e o espaço da fala e constrói um ritmo narrativo que reflete a experiência humana como um percurso. Ela não é apenas uma indicação de início, mas um mecanismo linguístico que permite aos sujeitos expressar transformações, deslocamentos e trajetórias de vida. Compreender essa construção é essencial para valorizar a riqueza do discurso oral e sua capacidade de representar a complexidade do tempo e do espaço na linguagem cotidiana.

Dessa forma, a relevância funcional da construção perifrástica verbal [começar a + VP] decorre da articulação entre o sentido dos verbos principais, a marcação temporal do auxiliar e o valor aspectual inceptivo. Em relação ao ponto de vista semântico, verbos como *trabalhar*, *estudar*, *namorar* e *conversar* concentram os maiores percentuais de ocorrência no *Corpus*, funcionando como *types* prototípicos que representam domínios centrais da experiência humana. Além disso, a repetição desses mesmos verbos em diferentes narrativas gera altas frequências de *tokens*, conforme quadro 3, confirmando sua relevância como marcos na vida dos falantes. Na mesma perspectiva, em termos de tempo verbal, predomina o pretérito perfeito do indicativo, responsável por ancorar a narrativa em episódios concluídos no passado, embora também se registrem usos no presente (atualidade, generalização) e no futuro (projeção de expectativas). O aspecto inceptivo introduzido por *começar* reforça a ideia de transição, focalizando o marco inaugural do processo. E por meio da interação entre tempo e aspecto conecta-se às metáforas conceituais que estruturam as narrativas, assim, o trabalho insere-se na metáfora da vida como caminho; os estudos, na metáfora do conhecimento como percurso; os relacionamentos, na metáfora do amor como construção; e a sociabilidade, na metáfora da interação como ligação. Portanto, conforme os dados levantados, a construção perifrástica verbal [começar a + VP] mostra-se eficaz, pois combina a força semântica dos verbos principais com a regularidade temporal e aspectual do auxiliar, organizando a memória discursiva dos falantes em torno de experiências pessoais marcantes e que são culturalmente reconhecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal descrever as características da construção perifrástica verbal [começar + VP], com base no *Corpus* Fala Goiana, e fundamentada na Gramática das Construções. A partir da análise detalhada de 218 amostras dessa construção, buscou-se compreender seus padrões sintáticos, valores semânticos e os contextos discursivo-pragmáticos em que é utilizada, além de examinar as características funcionais das construções mais frequentes. A pesquisa foi orientada por teóricos como Bybee, Castilho, Neves, Croft, Goldberg, entre outros, que contribuem para a concepção de língua como uma rede de construções interligadas. O método qualitativo adotado permitiu uma análise das interações entre forma e função, considerando a especificidade dos dados e a complexidade dos fenômenos linguísticos. Com isso, espera-se que os resultados ofereçam contribuição para a compreensão das funções pragmáticas e discursivas dessa construção no português brasileiro falado.

O primeiro capítulo deste trabalho abordou teorias fundamentais sobre o uso da língua e sua relação com a cultura, na integração da linguagem e seus processos cognitivos. A partir das discussões sobre a língua e cultura, evidenciamos a importância de compreender a linguagem não apenas como um sistema de signos, mas também como uma prática social e cultural que reflete e influencia as interações entre os indivíduos e as diferentes culturas. Nesse sentido, a descrição da língua em perspectiva intercultural se torna essencial, pois reconhece a diversidade de práticas linguísticas e as interações entre elas em contextos distintos.

Além disso, a exploração da Linguística Cognitiva como um campo de estudo da linguagem no qual a língua se materializa na integração da nossa cognição e interação com o mundo, fornece importantes ferramentas de análise, como categorização e prototipia. Estes conceitos contribuem para o entendimento sobre a maneira com que organizamos e interpretamos as informações no nosso ambiente, na construção de significados na comunicação.

Da mesma forma também a semântica de *frames*, que evidencia a forma como as estruturas cognitivas moldam nossa compreensão dos eventos e das situações que descrevemos em linguagem. Conforme o exemplo retirado do *Corpus*: “eh:: meu pai **começô a trabalhá** em otru serviçu e tivemos qui mudá pru interior...” (FG), observa-se a ativação do *Frame* de experiências que evocam Causa e Efeito, conforme proposto por Fillmore, segundo o qual a compreensão de um evento depende da rede conceitual que relaciona causas

antecedentes e efeitos subsequentes. Nesse trecho, o início de uma nova atividade laboral por parte do pai funciona como o evento causador, isto é, o fator que desencadeia uma mudança significativa na rotina familiar. Com isso, instaura-se a necessidade de deslocamento para o interior, consequência diretamente inferida a partir da nova condição profissional. A construção perifrástica “*começô a trabalhá*” contribui para a construção desse *frame* ao marcar o ponto inicial de uma mudança de estado, permitindo ao ouvinte organizar cognitivamente a sequência lógica que liga o surgimento do novo trabalho à ação subsequente de mudança de residência. Dessa maneira, a interpretação do trecho não se limita ao conteúdo lexical, mas envolve a ativação de um modelo experiencial em que causas motivam efeitos, estruturando a narrativa do falante. Em continuidade à análise, no trecho “...eu saía da aula, ia pra casa di amigu meu jogá futebol, jogá vídeo game, jogá... **comecei a saí** de casa, minha mãe brigava, meu pai também...” (FG), observa-se a ativação do *Frame* de experiências de jogo. A recorrência dos verbos “jogar” associados a atividades específicas, como futebol e videogame, convoca esse *frame* e permite ao ouvinte interpretar a cena como um período da rotina marcado pela busca de lazer e interação social com amigos. Em correlação, a construção “*comecei a sair*” de casa introduz um ponto de mudança na dinâmica cotidiana, revelando que a intensificação das atividades de jogo produz efeitos no ambiente familiar, como as repreensões dos pais mencionadas no exemplo. Assim, a organização do enunciado não apenas descreve ações isoladas, mas estrutura uma experiência reconhecível culturalmente, como o envolvimento de um jovem em práticas de jogo e os conflitos domésticos decorrentes desse comportamento, ativando um modelo cognitivo compartilhado que facilita a compreensão total da narrativa. Outro enquadramento conceitual de *frame* pode ser visto em “...fingia qui ia pra escola inum ia aí eu lembu qui acabei reprovandu pur falta aí minha mãe “u que qui tá acontecenu cê vai na aula” i tal falei com a professora aí não aí minha mãe **começô a mi dexá** nu colégio pra tê certeza qui eu ia aí eu entrava nu colégio...” (FG), situação em que temos a ativação do *Frame* de Família, responsável por organizar experiências em que os papéis sociais e expectativas culturalmente atribuídas aos membros do núcleo familiar, especialmente no que se refere ao cuidado e à supervisão. A construção perifrástica “*começou a me deixar*” desempenha papel central na cena, pois marca o início de uma nova prática materna adotada para garantir que o filho frequentasse a escola. O aspecto inceptivo, expresso pelo auxiliar “*começar*”, sinaliza a transição para um comportamento contínuo de vigilância, característico de responsabilidades parentais. Nesse enquadramento, a mãe assume o papel de agente controlador e protetor, enquanto o filho ocupa a posição de alguém que necessita de acompanhamento mais direto. Assim, o *Frame* de Família fornece a

moldura interpretativa que torna coerente a ação narrada, ou seja, a mudança de conduta da mãe não é um evento isolado, mas parte de um padrão culturalmente esperado de cuidado, correção e acompanhamento no ambiente familiar.

No segundo capítulo, a abordagem da gramática de construções e os processos cognitivos de domínio geral ampliam a visão de que a linguagem está intrinsecamente ligada a uma série de processos mentais, que envolvem percepção, memória e aprendizado. Neste contexto, analisamos as construções perifrásticas verbais, a partir das discussões sobre as perífrases, as construções e o conceito de construto, além das noções de frequência *type* e *token*, procurando reconhecer que essas estruturas são fundamentais para a análise dos processos de letramento e das práticas linguísticas.

As construções perifrásticas verbais, como formas de expressar ideias de maneira mais elaborada ou indireta, revelam a flexibilidade e riqueza da língua, permitindo ao falante adaptar sua comunicação a diferentes contextos e necessidades. A distinção entre construção e construto, por sua vez, favorece uma compreensão mais profunda sobre a formação de significados. As construções linguísticas, ao se articularem dentro de um sistema de regras e padrões, contribuem para a formação de sentidos que podem ser ajustados conforme o uso e as interações sociais. Já o conceito de construto amplia o horizonte de análise, pois envolve a ideia de que os significados não são fixos, mas dependem do contexto de uso e das práticas de letramento que envolvem cada sujeito e situação.

Além disso, as noções de frequência, *type* e *token* são importantes para entender a dinâmica do vocabulário em uso. A frequência refere-se à repetição de palavras em um determinado *Corpus*, enquanto, *type* e *token* ajudam a diferenciar entre a variedade de palavras e o número de ocorrências dessas palavras.

A pesquisa, de natureza qualitativa, parte de um banco de dados robusto composto por 21 inquéritos, com falantes de diferentes gêneros, o que permite uma análise representativa e equilibrada das variações linguísticas presentes na comunidade, com foco específico na construção perifrástica [começar + VP] dentro do *Corpus* Fala Goiana.

A construção perifrástica verbal [começar + VP] constitui uma categoria produtiva e cognitivamente consolidada. Seus dados confirmam que o valor inceptivo emerge da interação entre forma gramatical e experiência discursiva. No terceiro capítulo conseguimos compreender que a construção analisada é representada de modo prototípico no uso espontâneo do português goiano. Dessa forma, sob a ótica da perspectiva da Linguística Cognitiva, a categorização e a prototipia oferecem ferramentas analíticas eficazes para compreender a gramática como sistema experiencialmente motivado.

Assim, as categorias linguísticas são moldadas pelo uso frequente do falante, uma vez que mantém-se a função aspectual de início de processo na construção. A construção perifrástica [começar + VP] desempenha papel categorial no discurso dos falantes. Com base na articulação entre aspecto e tempo na construção perifrástica em estudo é possível perceber como os falantes constroem sentido ao destacar eventos relevantes dentro de contextos mais amplos, culturalmente e emocionalmente situados.

Quando analisamos a construção perifrástica verbal [começar + Vp] na perspectiva da Linguística Cognitiva, percebemos que ela organiza a narrativa a partir de figura e fundo. A figura representa o processo iniciado, ou seja, o evento que *começa*, destacado na narrativa e o fundo apresenta o fundo experiencial ou biográfico que dá sentido ao marco inicial. Os principais cenários evocativos de figura e fundo são: trabalho, relacionamentos afetivos, sociabilidade/interação, mudança de estado emocional. Portanto, a construção perifrástica [começar + Vp] não é apenas um recurso gramatical, mas uma forma de organizar a memória narrativa, a partir de marcos inaugurais que se destacam como figura e fundo da experiência humana.

Dessa maneira, a construção perifrástica verbal [começar + VP] articula-se a diferentes níveis de análise, seja na forma ou na função, pois do ponto de vista da figura/fundo, ela destaca o início de um processo como figura contra o fundo da trajetória experiencial. E do ponto de vista cognitivo, ativa frames culturais como trabalho, educação, relacionamento e sociabilidade.

No que diz respeito ao ponto de vista metafórico, a construção perifrástica verbal [começar + VP] projeta as experiências narradas em esquemas universais, como a vida concebida como caminho ou o amor como construção. Evidenciamos, pelo cruzamento entre frequência *type* e *token*, que determinadas experiências inaugurais como trabalho, estudo e namoro são prototípicas no *Corpus*. Dessa forma, a construção não é apenas uma expressão aspectual do português brasileiro falado, mas também é um recurso discursivo e cognitivo que organiza a memória e a identidade dos falantes, como nos mostra os dados do Fala Goiana.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, Henrique. **O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional / sincrónica**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BETANIA, Nadia (2010). **Língua e linguagem**. Disponível em: <<https://educandoatravesdalinguagem.blogspot.com/2011/11/lingua-e-linguagem.html>> Acesso em 15/05/2024.
- BYBEE, J. A usagebased perspective on language In: BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição/ Joan Bybee**; . Trad. Furtado da Cunha, M. A. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. Língua, uso e cognição. Trad. Furtado da Cunha, M. A. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. – 1. ed., 6ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, educação e interculturalidade: **as tensões entre igualdade e diferença**. In: Revista Brasileira de Educação, v.13, n.37, jan./abr., 2008, p.45-55.
- Casseb-Galvão, Vânia Cristina. **Sintaxe da oração básica da língua portuguesa** [Ebook] / Vânia Cristina Casseb-Galvão. - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). – Goiânia: Cegraf UFG, 2023.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. – 1. ed., 6ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020.
- CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, USA, 2001.
- CROFT, William; CRUSE. D. A. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FAUCONNIER, G. **Espaces Mentaux**. Les Editions De Minuit: Paris 1994.
 _____ - **Mental Spaces**, Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, Lilian. **Construções gramaticais e a gramática das construções adicionais**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 143-150, 2º sem. 2001

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva** / Lilian Ferrrari. 1º ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

FERRARI, P. **Linguística Cognitiva e ensino de língua portuguesa: uma introdução**. Campinas, SP: Parábola Editorial, 2022.

FERRARI, Patrícia. **Metáforas no Pensamento e na Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2022.

FILLMORE, Charles J. **Frame Semantics**. In: **The Linguistic Society of Korea** (Ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

Grupo de Estudo Funcionalistas. Universidade Estadual de Goiás. **Bancos de dados**. Disponível em: <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>. Acesso em 17/10/2024.

JUSTINO, Agameton Ramsés. **Construções focalizadoras que só no português brasileiro** / Agameton Ramsés Justino; editoração, Juliana Aleixo. Goiânia: Cegraf UFG. 2021.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago, University of Chicago, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação da tradução de Mara Sophia Zanotto; tradução de Vera Maluf. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Sandra Mara Corazza. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald W. (1987). **Foundations of Cognitive Grammar**, Vol. I: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press.

NEVES. M. H.M. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA; SANTOS; SOUZA DIAS (2013). **Língua-cultura: teorias e implicações para**

o ensino de línguas. Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 15 (jul. – dez. 2013), Feira de Santana – Bahia (Brasil), dez./2013.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Pontes, 1996.

RAFAEL, Giovanna Cristina Rodrigues Alves; COELHO, Sueli Maria. **As construções com o verbo começar no Português do Brasil e a noção de inceptividade aspectual.** *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 245–261, 2016.

SENA, Raiani Sena. **Aspectualidade da microconstrução [IRauxVp] na fala goiana.** 2024. 140f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

SILVA, A. S. Linguagem, cultura e cognição ou a linguística cognitiva. In: SILVA, A. S., TORRES, A. & GONÇALVES, M. (orgs.) **Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva.** v.1 Coimbra, Almedina, 2004, pp.1-18.

SOUZA, Rejane Vieira. **A auxiliaridade do verbo ir na constituição do tempo: uma descrição centrada no uso.** 2025. 155f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2025.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics.** Vol. 1: Concept Structuring Systems. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT. Elizabeth Closs, **Graeme Trousdale:** tradução Taisa Peres de Oliveira e Angelica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

WIEDEMER, Marcos Luiz; SIQUEIRA, Evelyn Moraes de. **A construção assimilativa aditiva numa visão construcionista da gramática.** *Liceu Literário Português, Rio de Janeiro*, n. 68, p. 109–142, jan./jun. 2025.

ANEXO

Apresentamos a seguir a tabela com todas as construções formadas pela microconstrução [Começar + Vp] encontradas no *Corpus* do Fala Goiana:

Quadro 2: Parâmetros de análise construção [começar X]:

CONSTRUÇÃO	TRECHOS DO TEXTO	IDADE
começam a reclamar	<p>Doc. e que locais são esses?</p> <p>Inf. bom... eu venho aqui pra faculdade... também tem a paróquia...onde eu trabalhei... e nessa paróquia tem várias comunidades... e cada comunidade que eu vou tem pessoas que me recebem bem...</p> <p>Doc. outros lugares..</p> <p>Inf. que eu vou...uhn... é nos ônibus mesmo... que até no momento do embarque né de entrar no ônibus... os motoristas na maioria das vezes... são gentis... cumprimento eles... eles me cumprimentam também... e às vezes...as pessoas que estão dentro do próprio ônibus... às vezes começam a reclamar de alguma coisa... mas nesse reclama de alguma coisa...já cede o lugar pra outra... é gentil de alguma forma...</p>	20 anos
começar dando	<p>Doc. agora a última pergunta... no Brasil... que mudança você considera assim... mais urgente no Brasil pra que haja mais justiça mais igualdade?... </p> <p>Inf. uhn... acho que nós poderíamos começar dando educação pro povo né... que apesar desse projeto que tá aí pra que todo mundo estude... mesmo assim essa educação tá sendo meio fraca...</p>	20 anos
começo a trabalha	<p>Doc. ((risos)) Tá certo... e aí foi crescendo... é... começo a namorá:::?</p> <p>Inf. É foi cresce:::no... sim...namorá nós num namorô mui:::to rápido não né? que::: nós era sim mei vergonhosa quais num saía né? aí logo... primero foi trabalhá... eu mais minha irmã come... começo a trabalhá muito cedo... eu comecei a trabalhá eu tava com uns... deis ano quando eu comecei a trabaia né? aí eu trabalhei de babá por um tempo... aí depois qu/eu fui trabaiano assim de doméstica... mais... namorá... num... num namor... namorô muito cedo não... com treze anos qu/eu comecei a namorá...</p>	28 anos
comecei a trabalhá	<p>Doc. ((risos)) Tá certo... e aí foi crescendo... é... começo a namorá:::?</p> <p>Inf. É foi cresce:::no... sim...namorá nós num namorô mui:::to rápido não né? que::: nós era sim mei vergonhosa quais num saía né? aí logo... primero foi trabalhá... eu mais minha irmã come... começo a trabalhá muito cedo... eu comecei a trabalhá eu tava com uns... deis ano quando eu comecei a trabaia né? aí eu trabalhei de babá por um tempo... aí depois qu/eu fui trabaiano assim de doméstica... mais... namorá... num... num namor... namorô muito cedo não... com treze anos qu/eu comecei a namorá...</p>	28 anos

comecei a namorá	<p>Doc. ((risos)) Tá certo... e aí foi crescendo... é... começô a namorá...?</p> <p>Inf. É foi cresce::no... sim...namorá nós num namorô mui::to rápido não né? que:: nós era sim mei vergonhosa quais num saía né? aí logo... primero foi trabalhá... eu mais minha irmã come... começô a trabalhá muito cedo... eu comecei a trabalhá eu tava com uns... deis ano quando eu comecei a trabaia né? aí eu trabalhei de babá por um tempo... aí depois qu/eu fui trabaiano assim de doméstica... mais... namorá... num... num namor... namorô muito cedo não... com treze anos qu/eu comecei a namorá...</p>	28 anos
começô a namorá	<p>Doc. Mais teve um que marcô mais do que outros?</p> <p>Inf. Teve... teve sim... qu/eu namorei um rapais... é quase um ano né? aí eu gostava muito dele... aí:: té que um dia eu... nós dois brigô... aí peguei e... nesse dia... no dia mesmo que nós brigô eu conheci esse... que é meu marido agora né? aí a gente encontrô... ele ficava mim oiano... sim nasceu aquela paixão né? aí a gente começô... eu terminei com o outro rapais... nós começô a namorá... aí:: namorô um ano e pôco até nós casá...</p>	28 anos
comecei a namorá	<p>Doc. Foi por causa da dificuldade também né?</p> <p>Inf. Pois é... trabaia::va... e num... num dava conta de comprá meus trem... as muchila né... qu/eu queria... que via as criança tudo::... cas coisa né? e num podia comprá... é... foi... aí foi difícil mais foi superano tudo... agora ah:: falei assim... ah:: não vô... trabaia... parei de estudá ... aí parei... falei vô só trabaia... minha mãe num queria qu/eu saísse da aula não... falei ah:: não num quero estudá não... num gosto de estudá... num quero... aí fui só tirano nota ruim... nota ruim... nota ruim... até qu/eu saí... falei não um dia eu volto... aí:: nunca mai voltei estudá:: mais... trabaia... trabaiei todo... todo tempo... aí cê vê a dificuldade da vida... falei... ah:: não vô casá... vô casá... acho... comecei a namorá com esse rapais né? gostei muito... nós gostava muito um do outro né? aí nós... pegô i:: casô... foi morá junto... falei assim ah:: agora vô tê uma vida melhor né? Ah:: aí vei os fii... vem as dificuldade do mesmo jeito ((risos)) aí sê tem trabaia pr/ocê... num qué vê seu fii... sem as coisa dento de casa né? cê qué... qué ajudá... qu/eu toda vida gostei de trabaia... de comprá minhas coisa... nunca falei assim pro meu marido... me dá:: um dinheiro aí... qu/eu tô precisano comprá aquilo... sempre quando ele vê... eu já comprei... porque eu num peço... igual eu falo pra ele... cê cuida das coisa dento de casa... que:: o qu/eu dé conta eu compro... pro meus fii eu compro... num ganho bem não mais... assim... a gente ganha... paga as prestação né? vai comprano os poquim... ganha um do de um jeito... outro... outro dá uma coisa... é... vai vivoeno...</p>	28 anos
comece a trabalhá	<p>Doc. Acha bom né?</p> <p>Inf. Acha bom... mais eu num quero qu/ele comece a trabalhá cedo assim não...</p>	28 anos
começa pô	<p>Doc. E lenha vocês buscam também ô não?</p> <p>Inf. Não sempre compra né? agora assim quando tem um... as pessoa que co... que mexe com construção... aí dá os... as maderá né? aí a gente pega... mais sempre compra de carrocero... tem os carrocero que vende né? que junta a lenha pra vendê... é difícil que... ficá berano aquele forno ali queimano... que Nossa Senhora cê sapeca todo pa mexê com a... aquele forno... que cê tem que tê o ponto certo né? nós coloca ela a vazia no forno de manhã... vai ela... até a noite... lá p/elas seis hora que começa pô fogo mesmo sabe? durante o dia é só quele foguim... só pra i aqueceno</p>	28 anos

começa a trabaiaá	<p>Inf. Pois é... e agora tá mais difícil pra ela né? por que... meu irmão fez dezoito anos... cortô a pensão né? agora ela num pega pensão mais... agora fica mais difíci né?</p> <p>Doc. É...</p> <p>Inf. Né? Que</p> <p>Doc. É um dinheiro a menos né?</p> <p>Inf. No::ssa Senhora que era uma ajuda e tanto né? que:: ela recebia esse dinheiro... bão que agora meu irmão tá trabalhano né? já ajuda ela</p> <p>Doc. É...</p> <p>Inf. Mais tem o outro que num trabaiaá... esse que tem trem... é só ele começa a trabaiaá ele desmaia no serviço... num tem nem como trabaiaá... e num consegue aposentá ele... que se conseguisse né? era mais fácil pra ajudá... ajudá ela</p>	28 anos
comecei a trabalhá	<p>Inf. Mais eu num quero... num quero saí de lá de jeito nenhum... eu tenho até:: teve um dia eu... ano passado eu tirei fêrias minha prima ficô no meu lugá...e ela falô assim... Sidinéia se ocê quisé descansá um tempo... se ocê quisé dexá a () no seu lugar... eu... eu num importo não... aí quando cê quisé vortá... eu dispenso ela e cê volta... falei assim... senhora num tá achamo bão meu serviço mais não Dona Margarida... senhora qué mandá eu im/bora... fiquei até com raiva né? ela não... aí minha prima falô precisa tê medo não comade... num vô tomá o serviço da senhora não... falei num vai memo... ((risos))</p> <p>Doc. ((risos))</p> <p>Inf. Qu/eu já acostumei lá...quando eu comecei a trabalhá lá minha menina... tava... a minha caçulinha tava com um ano e quatro meis...</p>	28 anos
começô a trabalhá	...via fantasma na nossa casa i eu i meus irmãos morríamus di medu di morá nessa casa...eh:: meu pAi ah:: começô a trabalhá em otru serviço e tivemos qui mudá prui interior...	29
comecei a istudá	...moramus lá durani um anu i meio com/i/ comecei a istudá nu interior... depois voltamus pra pra Goiania... ondi:: meus irmãos si formAram i eu terminei eh::eu fiz até a sétima séri...Fiz um cursu di/quandu fazia a sétima séri fiz um cursu di informática nu SENA::/nu SENAC...	29
comecei a fazê	...eu tinha vontadi di ser veterinária o cabilerera... infelizmenti veterinária eu não consegui sê talvez um dia eu consiga... comecei a fazê um cursu di cabilereira, fiz u cursu di corti i isco::va... pela prefeitu::ra...	29 F
comecei a trabalhá	...eu tinha vontadi di ser veterinária o cabilerera... infelizmenti veterinária eu não consegui sê talvez um dia eu consiga... comecei a fazê um cursu di cabilereira, fiz u cursu di corti i isco::va... pela prefeitu::ra... i comecei a trabalhá ::... eh:: usan/eh:: com as minhas amigas::...	29
começô a chorá	juntô eu i uns amigus meus compramus uns produs passamus nu cabelu dela cortei fiz um CORti... fiz uma mudança toTAL maquiei ela quandu ela si viu nu ispelhu ela começô a chorá... ela falô assim qui ninguém nunca na vida tinha conseguidu arrumá u cabelu dela comu e::u...	29 F
começô si sinti	...i qui::ela tava si sintindu muito bem... daí pra frenti ela começô si sinti uma moça/...	29 F
começôa si cuidá	...i qui::ela tava si sintindu muito bem... daí pra frenti ela começô si sinti uma moça/ começôa si cuidá mais	29 F

começô a si arrumá	... começô a si arrumá mais...	29 F
começô a si sinti	... começô a si sinti melhor... i... ficô uma moça muito mais bunita du qui ela já era... aí ela sim conseguiu inxergá qui ela poderi:a... um dia... qui ela poderia ser bunita... que ela não tava conseguidu inxergá a beleza qui ela tinha...	29 F
comecei a custurá	Inf. (cum) essa segunda oportunidade serviu tamém pra muita coisa eu conheci muita gente... muitas pessoas né... e tamém não foi pa frente não aí deixa esse negócio de Iscola pra lá... aí eu fui i comecei a custurá pra seguí enfrente... aí veio a separação minha do pai do meu filho... qui nossa foi duido dimais: : porque eu amava ele dimais: :	33 F
comecei a custurá	...mais... nada dura para sempre... aí quando eu comecei a custurá eu conheci muita gente lá na confecção eu aprendi... porque eles mi deram uma oportunidade...eu aprendi a custurá trabalhei/trabalho em todas as máquinas e nisso tá ino até hoje... hoje eu faço facção em casa... a C... me ajuda a V... me ajuda o F. tamém me ajuda... apesar do bicaô mais ele me ajuda ele é obrIGAdo a me ajuda...	33 F
começou com as pergunta...	Doc. E com as crianças já teve algum fato engraçado... relevante? Inf. olha... engraçado não foi né... mais foi diferenci... porque eu tenho meu filho e meu filho assim... ele já fez algumas perguntinhas sobre sexo mais nada dimais...mais isso aconteceu semana passada eu fui trabalhá com o mininu que eu tô/tava olhano ele e ele tem assim seis anos ai ele começou com as pergunta...	33 F
cumeça a querê	Inf. já tentei... só porque ela não fala... ela parece um bichim du matu.. tanto qui cê cumeça a querê cunversá cum ela ela já cumeça a chorá... aí u como que cê vai cunversá com uma pessoa que te olha de cara feia e começa a chora... i o mais engraçadu é que eu não sei por quem ela puxô porque eu converso que nem o home da cobra e o pai dela tamém... e a minina é uma coi: : sa... agora o terceiro não ele cunversa dimais da conta tamém	33 F
cumeça a chorá	Inf. já tentei... só porque ela não fala... ela parece um bichim du matu.. tanto qui cê cumeça a querê cunversá cum ela ela já cumeça a chorá ... aí u como que cê vai cunversá com uma pessoa que te olha de cara feia e começa a chora... i o mais engraçadu é que eu não sei por quem ela puxô porque eu converso que nem o home da cobra e o pai dela tamém... e a minina é uma coi: : sa... agora o terceiro não ele cunversa dimais da conta tamém...	33 F
começa a chora	Inf. já tentei... só porque ela não fala... ela parece um bichim du matu.. tanto qui cê cumeça a querê cunversá cum ela ela já cumeça a chorá... aí u como que cê vai cunversá com uma pessoa que te olha de cara feia e começa a chora ... i o mais engraçadu é que eu não sei por quem ela puxô porque eu converso que nem o home da cobra e o pai dela tamém... e a minina é uma coi: : sa... agora o terceiro não ele cunversa dimais da conta tamém...	33 F
começô a namora	Doc. e você contava as coisas que aconteciam com você? sobre seu primeiro namorado? essas coisas, assim, você se abria com ela ? Inf. me abria... nessi tempu eu já conhecia a outra/era a D... hoje ela faleceu/ ela já é falecida... mais nesse tempo era com a D. () quela é irmã da E... eu era muito amiga dela tamém nessi tempu quando agente começô a namora ... inclusive até meu primero beijo foi com um vizim dela chamado o Luís uma gracinha de pessoa também i tudu eu contava pra ela...	33 F

começÁ a lê	<p>Doc.- é porque você viu que tem momentos que o estudo faz falta, você viu que pra preencher o formulário você precisava uma coisa tão simples... então você reconhece que estuda é muito bom?</p> <p>Inf. reconheço... demais porque sem estudo agente não é nada... as vezes pra você começÁ a lê alguma coisinha cê não sabe o qui letra qui é cê confundi... tem certos momentu... qui eu vou pa escrevê meu nome e sai tudo petecado...</p>	33 F
cumeça a cunversá	<p>Doc. mais isso já foi conversado ou não? ou ela não se abre?</p> <p>Inf. olha ela é difícil di conversá porque cê cumeça a cunversá com ela quando ela não fecha a cara ela cmeça a chorá... então é uma coisa sem não tem como falá as vezes cê fala assim V. cê faz isso pra mim... ela té qui faiz mais cê ela demorá um pouquim... qui nem hoje ela foi lá pro Balneário pra resolvê umas coisas dela mais ela volta cuma cara tão ruim...</p>	33 F
cmeça a chorá	<p>Doc. mais isso já foi conversado ou não? ou ela não se abre?</p> <p>Inf. olha ela é difícil di conversá porque cê cumeça a cunversá com ela quando ela não fecha a cara ela cmeça a chorá... então é uma coisa sem não tem como falá as vezes cê fala assim V. cê faz isso pra mim... ela té qui faiz mais cê ela demorá um pouquim... qui nem hoje ela foi lá pro Balneário pra resolvê umas coisas dela mais ela volta cuma cara tão ruim...</p>	33 F
cumeço a melhorá	<p>...eu já cheguei a levar ela na psicóloga mais cumeço a melhorá ela já desistiu num que i... mais então é uma situação muito difícil qui eu não sei nem que qui eu façu cum ela... mais quando tá só eu e ela aqui ela é um doce de pessoa... até cunversa ri mais a hora que tá o F... qualqué coisinha que ele faz é mutivo de implicação...</p>	33 F
cumeço a saí	<p>Doc – então você acha que esses problemas atrapalharam na questão da afetividade entre vocês três?</p> <p>Inf. atrapalhou e muito... tanto que aí depois... quando ele cunheceu um pessoal né... aqui no recanto do bosque... aí foi onde ele cumeço já cumeço a saí... ia pra casa desse pessoal direto aí no começo ele levava o F. porque ele era pequeninim aí depois ele já paró di levá porque ele tava com relacionamento com uma das pessoas dessa casa... i nisso foram muito tempo... muito tempo... foram dois anos ele dentro da minha casa... i com relacionamento com essa pessoa...</p>	33 F
cumeça a querê	<p>Doc. a falta de sentimento pelo fato de você ter sofrido e ainda ter um sentimento por ele</p> <p>Inf. eh: : porque eu fui muito enganada... ele mi traiu di todas as maneiras que uma pessoa pode traí a outra... ele me traiu: : eu vendi a minha casa eu ajudei ele mUito... ele era um homem que quase não trabalhava... ele arrumava um serviço num MÁximo qui ele ficava era dois treis meses... saía i num pegava dinheiro nenhum... até mi robá ele mi robô... isso aí falá na malandragem com munhesada: : então tudo você cê cansa de tanto apanha da vida... você já fica tipo gato escaldadu né... você tem medo di tudo né... então as vezes o medo faz você num te nem interesse... você tem interesse só sexual i pronto cabo... aí a hora qui a pessoa cumeça a querê alguma coisa mais séria você já cumeça ... não pera aí chega né...</p>	33 F

cumeçó a namorá	<p>Doc. então você acha que ela ficou chateada por você ter levado o filho dela na justiça?</p> <p>Inf. ficô... uai quem não ficá né... ainda eu aproveitei a situação i desci a lenha né... poque culpada é ela também porque ela não deu educação como deveria de dá... tê botadu o filhu pra trabalhá... porque ele veio trabalhá depois: : que agente cumeçó a namorá... então dexô aqueles home ficá du jeito qui qué... mais também até hoje ela sustenta bem dizer a casa com o pai dele né... então ela já deu mau exemplo... ela já dá mau exemplo pros filhos poque ela só teve filho homi... num insinô nenhum a trabalhá... num insinô nenhum a ser responsável com as coisas aí quem vai gosta né di iscutá isso que culpada é ela</p>	33 F
cumeçu a trabalhá	<p>Doc. e o seu filho soube disso? desse fato da pensão?</p> <p>Inf. eu deixo o F. sempre a par de tudo... i explicu pra ele o porquê... porque eu acho assim... como ele já tá com nove anos ele é criança mais intendi i ele sabe que eu trabalhu...i eu cumeçu a trabalhá tem dia quatro horas da manhã vou trabalhá até meia-noite pra sustentá a casa sozinha... eu susten... eu não tenho marido eu não tem pensão... eu não tem nada... e o pai dele já tinha dEis meses que ele não me dava nAda...</p>	33 F
cumeçô a namora	<p>Doc. i outra experiência também... pelo que você relatou você assumiu a função de pai e mãe das suas filhas... como que foi isso? como que foi e é isso?</p> <p>Inf. olha no cumeçu assim quando a mais velha cumeçô/fez doze treze anos né... e deu mui::to trabalho... porque é difícil você tá numa casa só você... já chegó entra/já chegou a C. querê namorá i o rapaiz acha qui aqui em casa não tinha homi i achâ qui podia fazê o qui quisesse... qui ia acontecê di chegâ aqui i tê relação aqui em casa... eu falei gen::te... aí tá né... nu primeru dia qui eles cumeçô a namora né... como ele chegô eu conversei cum ele... e ainda ele me viu brincano porque eu sou uma pessoa que gosta de conversá... gosto de brincá muito... mesmo que eu tô cheia de problema deveno até o cabelo da cabeça... sempre eu tô brincano... aí esse mininu chegô aqui achando que ia se bom... aí teve um dia qui eu conversei cum ele eh: : bichão cê achô qui cê ia deita i rola porque aqui num tem homi né... não tem marido né... i e ele olha minha sogra cê mi desculpa falá mais eu achei qui era... eu disse pois é aqui não tem homi mais eu valu por cinco homi...</p>	33 F

comecei a namorá	<p>Doc. O que é a Célula? é um grupo?</p> <p>Inf. A célula é um grupo de pessoas né? ondi::: a gente prega a palavra de Deus fala da palavra de Deus fala tamém...tem a célula de casais né? qui é só casais fala mais sobre casamento sobre família e tem as células tamém de... adolescentes... tem células de criança... tem célula de... ad... assim de mulheres mesmo né? da equipe... da rede de mulheres da igreja... qué a célula minha e é muito bom a gente aprende muita coisa porque::: eu assim antes deu passá pra sê crente eu nem lia bibra... bibra... bibra pra mim era quaquê um livro qualqué eu nem dava muita atenção pra bibra não... hoje eu num leio ela assim direto não... fala pro cê qu/eu num leio direto não mais o momento qu/eu pego eu leio um pedaço... escuto... assim tô sempre escutano um pedaço escuto... assim tô sempre escutando né? a palavra de Deus acho que o importante é isso a gente tá buscano na escutano né? tem minha líder () de célula que é uma pessoa muito boa tamém... ela mim ajuda sempre que ora né? por mim pela minha família tá sempre orano pela gente e eu gosto... achei muito bom mesmo acho que foi uma virada muito grande qu/eu dei na minha vida porque s/eu continuasse do jeito que tava eu num... e a gente precisa de Deus... a gente precisa muito de Deus eu acho que primeramente a gente tem que a gente precisa muito de Deus... sem Deus a gente num é ninguém... né? i::: tô aí levano a vida e pretendo melhorar mais né? cada dia mais estudei muito pôco porque eu mesmo quis né? assim foi uma coisa assim meus pais es num tinha condição de mim dá e toda vida mim deram livro mim deram caderno tudo mais porque a partir do momento qu/eu comecei a namorá eu larguei né? de estudá pra namorá e logo a gente namorô a gente... a gente namorô quase um ano aí depois a gente ficô noivo né? aí marcô o casamento logo... casei não mim arrependo de tê casado... graças a Deus num mim arrependo mesmo né? e gosto do meu esposo... assim gosto dos meu fii... e tô muito feliz né? num tô assim... infeliz não graças a Deus tô muito feliz as veis teve alguma tribulação mais coisa passageira coisa que vem i logo caba né?</p>	33-1 F
comecei até passá	<p>Doc. Porque a...</p> <p>Inf. () num tinha água direito ainda num tinha energia durmia a luis de vela () lamparina né? pegava água nus vizim... eu já passei muitas dificuldade... é... aí logo a gente meu sogro né? seu () tamém já é falecido ele já faleceu... juntô mais minha sogra e comprô as teia... () comprô os broco... os cimentento es mim deram o maderamento pra gente... pra construí aí construíram o barracão pra gente morá né? aí a gente ficô morano... quase quatro ano... uns quatro ano... aí vei uma chuva final de ano...muito forte aqui em Goiás essa chuva... rancô teiado da minha casa era teia ternite... eu tava grávida do menino mais novo meu qu/era o Dionanta só tava eu e o Júnior... foi um... uma chuva muito forte que deu aí rancô o telhado eu já tava quase na hora de ganhar nenê e dessa chuva tão forte que mal deu tempo deu catá... pegá os menino assim e saí correno com chuva era chuva de granito... vento... eu lembro qu/era um vendaval que tava dano e eu pulei numa cerca de arame que tinha alta que depois eu fui ver falei assim meu Deus num era eu que pulei porque com uma barriga enorme de grande pulei com vizim do/tro lado e lá eu bati na porta do vizim pra vê se es ovía pra abri pra mim entrá... os vizim num escutava... que a chuva tava muito forte o vento tava forte dimais da conta... aí muito custo a o vizim escutô aí abriu e eu comecei até passá mal i nisso meu esposo já ínvia ele tava pra rua ele já ínvia aí acho que hora qu/ele chegô ele viu tudo destruído acho qu/ele pensô assim qu/eu tava morta... eu e o minino meu tava morto porque ele...</p>	33-1 F

comecei a orá	<p>Doc. Mais num é só emprestada não?</p> <p>Inf. Não... deu mesmo pra gente morá... ela comprô e falô isso aqui é seus... seis... é sua... a casa é do/cêis... pro/cêis ficá aí morano né? o tempo que fô é suas né?... í::: tô qui né? i comecei a orá pedi Deus que do jeito qu/eu tava lá na minha mãe num dava pra ficá morano num barracãozim de treis comodo...</p>	33-1 F
comecei a orá	<p>...minino num tinha nem quarto pra durmi... qu/eu tinha que dá meu quarto pro... pros menino durmi...que é o Júnior e o Dionanta... e dormi no chão na sala... no cochão no chão... porque os minino já tava rapais né? a gente num tinha nem liberdade aí eu dei pra eles pres dormi aí passava... até minha mãe viu que tava ficano difícil pois os minino pra durmi lá na casa dela porque na casa dela tinha dois quarto sobrano qu/era só ela e meu pai... aí pediu pra nós dexá os minino durmi lá... pra podê nós levantá do chão que nós durmia no cochão no chão... as veis a gente queria durmi até mais tarde num tinha nem como porque os/otro chegava batia na porta tinha que saí correno catano cochão dentro da casa pa... abri porta... ela falô não tá muito difíci aí ponhe os minino pra durmi aqui aí eu puis os dois pra durmi lá na casa dela no quarto e eu mais meu esposo durmia em casa e foi muita luta... muita luta mesmo até que Deus... usô minha sogra e mim deu isso aqui e eu comecei a orá falei pra minha líder de célula... falei irmã Regina eu num quento mais do jeito que tá minha vida num tem como... e meu esposo bibia e minha toma remédio pra dormi... remédio controlado né? não pode passá da ora de durmi... e ele as veis bebia ligava som... ota hora as veis a gente discutia e era/quela luta... luta mais luta mesmo que só Deus e que sei o que eu passei... minha mãe ficava nervosa entrava no mei... de nós das nossas conversa... () na vida nossa porque a família da gente sempre né? mãe acho que mãe pai... sempre qué tá... judano né?</p>	33-1 F
comecei a orá	<p>Doc. É...</p> <p>Inf. Maisi... graças a Deus hoje foi muita luta... aí eu comecei a orá... nós começamo a orá ela falô não nós vamo orá... juntô nosso grupo da... da célula... e todo mundo orano pedino Deus e eu pedi Deus com fé mesmo falei Deus o senhor vai mim dá uma casa... senhô vai mim dá uma casa assim assim assim e falei pra Deus mesmo... falei Deus eu quero assim eu quero dois quarto eu quero uma sala uma cozinha uma área... uma casa Minha um lugar qu/eu possa tê liberdade mininos possa durmi no quarto deis né? e coloquei em oração... foi pôco tempo... foi pôco tempo de oração...</p>	33-1 F
começamo a orá	<p>Doc. É...</p> <p>Inf. Maisi... graças a Deus hoje foi muita luta... aí eu comecei a orá... nós começamo a orá ela falô não nós vamo orá... juntô nosso grupo da... da célula... e todo mundo orano pedino Deus e eu pedi Deus com fé mesmo falei Deus o senhor vai mim dá uma casa... senhô vai mim dá uma casa assim assim assim e falei pra Deus mesmo... falei Deus eu quero assim eu quero dois quarto eu quero uma sala uma cozinha uma área... uma casa Minha um lugar qu/eu possa tê liberdade mininos possa durmi no quarto deis né? e coloquei em oração... foi pôco tempo... foi pôco tempo de oração...</p>	33-1 F

comecei a orá	...eu comecei a orá ... num meis passô qué vê... no/tro mêis no final do otro meis nós começô a orá cabô assim orano né? é... vei esse... aí minha sogra vei e ligô falô pra mim assim cêis pudia comprá um barracão... alguma coisa assim um lote... qu/eu vô ajudá ocêis comprá... aí né? eu peguei já tinha o lote né? qu/era no Goiás dois... mais aí lá... que lá é muito difíci né? no Goiás dois... é::: fica longe de tudo... tudo nós tem que comprá é aqui dento de Goiás mesmo... né? () aí tudo é aqui dentro da cidade né? aí eu falei não lá eu num quero í não... falei assim pro meu esposo aí meu esposo pegô e falô assim ah não lá é difíci mesmo lá tamém eu num quero não i nisso nós ficô ()	33-1 F
comecô a orá	...eu comecei a orá... num meis passô qué vê... no/tro mêis no final do otro meis nós comecô a orá cabô assim orano né? é... vei esse... aí minha sogra vei e ligô falô pra mim assim cêis pudia comprá um barracão... alguma coisa assim um lote... qu/eu vô ajudá ocêis comprá... aí né? eu peguei já tinha o lote né? qu/era no Goiás dois... mais aí lá... que lá é muito difíci né? no Goiás dois... é::: fica longe de tudo... tudo nós tem que comprá é aqui dento de Goiás mesmo... né? () aí tudo é aqui dentro da cidade né? aí eu falei não lá eu num quero í não... falei assim pro meu esposo aí meu esposo pegô e falô assim ah não lá é difíci mesmo lá tamém eu num quero não i nisso nós ficô ()	33-1 F
começamo a orá	...aí eu falei vô descansá em Deus... falei isso pra Deus mesmo... assim sozinha aí um dia eu falei pra minha líder de célula... falei Irmã Regina num vô caçá mais casa num vô fazê mais nada vô ficá é aqui... inda falei assim se o Osmar quizé tomá as providência dele ele pode tomá qu/eu num vô mexê com nada larguei de tu... larguei de mão num vô caçá casa mais não eu vô é orá... () pegô e falô assim então vamo orá... eu vô ajudá a senhora... vamo orá... eu peguei e falei pra ela assim Irmã Regina eu quero uma casa assim assim assim... já tinha falado pra Deus e é aqui perto da senhora... qu/ela mora aqui perto... falei pra ela eu quero qui assim porque eu quero tá orano sempre quero tá buscano Deus sempre falei pra ela eu quero ficá aqui... não quero nem muito longe... nem muito longe de família... nem muito perto eu quero ficá aqui assim nesse mei de João Francisco... aí nós começamo a orá orano orano orano e luta e luta né?	33-1 F
comecei a brigá	...i::: parece assim que cada veis qu/eu orava mais... qu/eu buscava mais de Deus...o trem... aí parece que revirava mais ainda... aí o Osmar bibia e num de:::xava ninguém durmi::: aí qui era só briga í era só bagunça e eu comecei a brigá caí nas ignorança dele né? depois eu falei... num é por esse lado qu/eu vô consegui aí eu falei eu vô consegui...	33-1 F
comecei a chorá	...Dona Joana então eu vô vê o qu/eu consigo... aí peguei desliguei o telefone aí saí na porta... falei pra mãe... mãe olha qu/eu já fiquei feliz na/ora que falô assim... falei mãe Dona Joana vai fazê assim assim assim pra nós eu vô procurá então e num procurei não aí saí na porta da rua aí vei um corretor na hora... isso era umas onze hora aí vei um corretor... na rua... fô Deus mesmo que colocô ele ali na rua... eu falo que fô Deus... aí eu peguei falei pra ele... Seu Nófre... ele chama Onofre... eu quero uma casa assim assim... naquele lugar... () perto daqui do João Francisco ô não () ô () ou té qui por aqui memo da Rua Santo Amaro mais eu quero... aí eu falei então tá... ele falô então tá já sei de uma... aí na hora qu/ele falô assim eu já sei de uma eu senti uma pais tão grande assim... parece qu/eu senti a presença de Deus assim falano minha filha sua casa vai chegá Deus... assim sabe eu senti a presença de Deus tão grande qu/eu comecei a chorá ... aí minha mãe pegô í vei uai que qui fô que cê tá chorano eu falei mãe::: eu vô tê uma casa... eu vô ganhá uma casa...	33-1 F

começava a::: tê		Doc. Foi só ocê Inf. Assim... fo... foi eu... eu tava grávida do meu minino mais novo... i::: não do meu... do meu min... do meu primero minino do Júnior né? qu/eu tava grávida dele... eli:: trabalhava fora... trabalhava numa firma de transporte... primero ele trabaia num figurifo... aí um belo dia ele saía cedo... a gente ficô na casa da minha tia... dessa tia minha que faleceu... a gente ficô lá um tempão... e a gente enfrentô muita dificuldade lá junto com eis... porque... família é assim... é difíci família a gente convivê com família assim... não sê pai e mãe... tinha é muito difícil... aí eu falei não num guento mais ficá na casa desse povo não... e eis... que a gente ficá na casa dos/oto a gente tem que ajudá e a gente num tava im condição de ajudá então começava a::: tê uns atrito lá::: e um () falei não nós tem que arrumá um cantim pra nós aí... aí meu esposo arrumô serviço no frigorifo...	33-1 F
comecei conhecer	a	Doc. então tá Fl. ... conta como é que foi sua infância aqui na:: na Fama... o que que você gostava de fazer... é::: que... que... [Inf. bom... minha infância praticamente foi meia assim:: complicada... porque meu pai era da polícia... então ()... meu pai cuidava das:: delegacia naquela época né... então a gente mudava muito... então sempre eu fui muito assim de::: tá mudando de::: de município... mas aqui perto... então assim... eu morava é::: por exemplo... se fosse em Trindade e meu pai ficasse lá cuidando da cadeia um tempo... eu tinha que fica lá... então nunca tive uma infância fixada num lugar só... né... i::: quando ele aposentô em oitenta e:: em oitenta e::: sete... aí nós viemos morar aqui na:: no Santa Helena né... aonde eu tive uma::: mas assim... foi /foi... o::: a::: assim... o período mais... mais alegre da minha vida... foi quando eu::: comecei a conhecer as amizades... minhas amiga da minha idade... de quinze... dezesseis anos... então foi a melhor época pra mim... então... minha infância mesmo si eu fosse falá... é meio complicado...	36 F
comecei conhecer	a	Doc. nessa fase dos dezessete anos no Santa Helena... que que se lembra de bom... o que que se fazia nessa época...? Inf. ah::: eu comecei a conhecer tipo assim... os namoradim...	36 F
comecei trabalhar	a	Doc. depois você se casou?...	36 F
comecei trabalha	a	Inf. tive que noivar... tudo bonitim... tudo nos conformes... só que assim... isso aí... a gente porque num... eu fico as vezes me perguntando por que que eu casei tão cedo... Doc. ahn::: mas a gente se pergunta mesmo... Inf. ahn::: perdi praticamente minha juventude todinha... porque aí foi quando eu comecei a trabalhar também né... eu arrumei um:: serviço na casa da dona Teresinha... e comecei a trabalha lá... e aí eu comecei a conhecer o que que era roupa... até então eu não conhecia o que era roupa de verdade...	
comecei a usar		Doc. ahn... ahn ...	36 F
comecei descobrir	a	Inf. até intão cortava com barbeiro... cortava meu cabelo... toda vida foi muito fácil de cuidar então... só passava assim... assim... aí conheci é::: jaquetinha jeans... bermuda jeans... agora que eu comecei a usar vestido curto... todo mundo usava tênis... comprei o meu primeiro tênis... comprei minha primeira bermuda... minha primeira jaqueta jeans... então eu comecei a descobrir aquele mundo alí... logo em seguida eu::: me deparei com uma situação totalmente diferente...	

comecei estranhar	a	<p>Inf. eu acho que foi muito rápido... uma pessoa que é:: carinhosa assim com você de repente chega em você e::... é agora né... eu falo nossa... é assim... mas ass... tão assustada com aquilo né... que acaba assim você sendo::... uma menina... pelo fato de você ter crescido tão complicado... infância complicada... uma idade que se pega... olha aqui ó... melhorô um poquim cê vai e casa... depois vem outro problema né... foi minha saúde... mas antes disso né... foi meu casamento... casei virgem né... nossa... gente... preferia ter experimentado antes... ((risos))... ah assim::... bloqueou totalmente esse::... esse papo assim... a partir daí que eu comecei a estranhar né..... eu me cedia muito né... aí... foi::... tentano... tentano... aí é::...</p>	36 F
comecei trabalhar	a	<p>Doc. e ela te ajuda?</p> <p>Inf. ... ajuda... é::... ajuda assim... eu::... disse que ia trabalhar na igreja para assinar minha carteira né... porque até então na época eu tava muito doente dois mil::... e::... dois mil::... e até dois mil e três... fiquei muito doente... até descobri... que tinha pressão alta... teve até mesmo o emocional... que tá::... fiquei muito abalada né quando eu separei em noventa e:: nove... no finalzim de noventa em nove... a A. F. nasceu... A. F. tava aprendendo a andar no finalzim de::... bem no final do ano... em outubro começou essa:: essa crise né... aí::... em novembro a gente separou... a gente venho morar aqui perto da igreja né... e::... aí comecei a trabalhar na igreja de Cristo em dois mil e::... quatro... até então eu tava muito doente... eu... fiz::... é descobri que tinha pressão alta... é::... aí a:: igreja me:: tipo assim... me contratou pra:: registrar minha carteira pra eu poder aposentar... porque eu tava muito doente... então seis mês de assinada poderia receber o benefício...</p>	36 F
comecei melhorar	a	<p>Inf. só que aí o quê aconteceu... eu comecei a melhorar... com serviço... foi onde que tive a crise com a D. né... há foi... exatamente porque eu queria::... queria crescer ali...então chegou um período que eu tinha que sair... só que eu tava sentindo bem... só que eu não tinha ainda... possibilidade de trabalhar ainda fora porque::... até então minha saúde então é bem::...</p>	36 F
comecei melhorar	a	<p>Doc. debilitada...</p> <p>Inf. debilitada... então assim... hoje eu tô bem... amanhã amanheço mal... a última vez foi quando eu tive as crise com a D. né... que eu me apeguei muito com ela né... aí de repente quando ela me viu bem... tipo assim... é agora né... cheguei no pastor... e::... vocês vão me demitir... como é que vai ficar... aí:: o pastor J. M. falou assim não... se você quiser cê pode aposentar aqui dentro... porque::... você é uma boa funcionária aqui com a gente... a gente gosta de você... e o dinheiro que a gente paga lá:: de benefício pra você... não faz falta pra igreja... é uma forma da gente::... te:: agradecer por cê tá aqui quo... né... fazer... porque a gente trabalho na igreja também né... e::... aí... dois mil e cinco eu comecei a melhorar né... meu emocional... fiz o:: rever... três anos...pra mim::... estabilizar melhor o meu emocional...</p>	36 F
comecei a fazer		<p>Doc.. papel... documentos...</p> <p>Inf. papel... entendo mais questão de banco... é::... é::... depósito::... retirada... é::... questão de banco... pagamento essas coisas tudo isso aí eu entendo...onde eu sei o que que paga... o que que num paga em banco... o que que num é pra pagar em banco... isso aí eu entendo... computação comecei a fazer eu te falei né...aí eu tive que parar logo em seguida porque eu tive que trabalhar o dia todo...</p>	36 F
comecei a criá		<p>...ela... “o chefe que cê vai fazer...” “aquele homem é o cão...” falei misericórdia... já comecei a criá um aflito dentro de mim... criá um monstro ridículo do omi... “esse homem é cão... tem dia que ele chega aqui ele dá bom dia...”</p>	36 F

comecei a fazer	Doc. Comé que se fazia trabalho... essas coisas... cuidando dela... como que se você fazia?	40 F
comecei a fazer		
começou a crescer	Inf. olha eu... eu... eu... eu trabalhei... eu era manicure né... e aí trabalhei no salão da vó dela até os nove meses... aí depois eu tive ela... aí depois acho que foi depois de dois de meses que ela nasceu... voltei pro salão de novo... aí muita gente me enchendo o saco que lá mexia muito com produto químico né... Hum... aí falava assim... não... num::... num deixa ela aqui não... porque aqui é muito:: tem muito produto... é muito assim... aí eu peguei... fui pra casa... lá eu comecei a fazer a diarista né... porque podia ela né... no caso eu podia leva ela... aí eu comecei a fazer a diarista... aí depois que ela começou a crescer ... pegar certa idade... aí eu peguei e obtive pra mim fazer um:: eu fiquei mais perto né... porque a gente trabalhando dentro de casa... a gente tem como cuidar da::... da criança... aí foi assim que foi... eu comecei a fazer unha lá em casa... e comecei a cuidar dela e... fomos aí até hoje... mas foi difícil...	
comecei a cuidar		
comecei a cuidar	Doc. E ele num trabalhava?	40 F
	Inf. Ahm Ahm... ele num queria saber de trabalhar não... ele queria saber duma mulher só pra::... pra cuidar dele né... aí eu peguei e falei a não... aí eu voltei pra Goiânia de novo... eu quase matei meu pai... de paixão... porque ele era apaixonado na Ketlyn era não... até hoje é... aí... aí eu peguei e vim embora... aí eu liguei pra ele... falei assim... tô voltando... ele ah... casa taqui... aí cheguei aqui... nós falô tanta coisa... nossa senhora... ah mas tudo bem... aí eu comecei a cuidar dele... a cuidar da Ketlyn né...	
começou a bebê	Ah mais foi bom... foi muito bom... divertido muito... muito mesmo... mas num deu certo não... eu tive que vim embora mesmo... caí na minha real... aí continuei... cuidando da minha vida... cuidando dela... cuidando do meu pai... cuidando de todo mundo de lá de casa... porque eu... eu me preocupo muito com meus irmãos... com o meu pai... perdi um () tem um irmão que começou a bebê ... agora de novo... sabe... nossa... situação... meu pai um tempo quase morre também...	40 F
começou a ter	Doc. ãhm ãhm	40 F
começo dá	Inf. ele é da Universal... Hum...	
	Inf. ah... o pessoal lá falou pra ele parar de tomar remédio que ele já tava curado... Hum... eu nunca vi pessoa que tem problema no coração para de tomar remédio... Hum... Inf. Aí... ele começou a ter a crise... começo dá falta de ar... o pulmão dele ficô piquininim... ele teve que ficar internado na UTI... nossa... mas foi um::... mês assim... tão aturbado... minino... que eu achei que ia perder meu pai aí... minha sobrinha correu com ele sabe...	
começa a fazer	...Humrum... eu tinha que fazer comida... fazer janta... e... pra... ele janta e come no outro dia... aí eu peguei e grilei... aí eu falei assim eu num vou fazê mais comida não... aí eu falei pro meu irmão mais velho falei assim... meu pai não pode comer comida esquentada mais... meu pai não tá na idade mais de comer comida esquentada... ele tem setenta e oito anos... aí::... aí eu peguei e falei pro meu irmão... falei assim... sabe que que de vai fazer... ele vai passa::... passa a fazer caminhada... ele vai começa a fazer a comida dele...	40 F
começo a fazer	...agora cê vai fazer caminhada... cê vai fazer a sua comida... é:: porque lava... põe só na máquina... e a máquina já lava né... aí ele começo a fazer...	40 F

comecei a briga		<p>Doc. você brigou porque?</p> <p>Inf. ah::... bobera... gente lá::... a menina... acho que foi por causa de lugar lá::... porque... cada um tinha lugar né... ai quando a gente matava aula... ah::... aquele lugar lá já era... ai eu cheguei e briguei... falei não... eu quero o meu lugar... ai... ai comecei a briga com a menina lá... (risos)...</p>	40 F
comecei a fazer		<p>...Hurrum... ai eu peguei e sai da casa dela... ai eu fiquei::... fiquei desempregada 8 meses... ai a::... passou a da conta de cuida sozinha do neném... ai eu comecei a fazer bico...</p>	40 F
começou a queimar	a	<p>Doc. qual passarela?</p> <p>Inf. aqui... com produto... aquilo pra mim aquilo lá é soda... ai pra gente... porque a gente num usa puro não... eu fui sacudir pra colocar dentro da água... ai a garrafa tava aberta... ai sacudi... ai pingo aqui na perna... ai desceu lá pra baix... lá pra dentro... ai eu peguei e subi a escada... fui lava as escada... ai:: num senti nada não... minina na hora que eu tava descendo o trem começou a queimar... ai eu vou e tiro a bota... ai eu tirei a meia... bem aqui tava preto ó...</p>	40 F
comecei a trabalhar	a	<p>Hum... ai dia dez eu voltei a trabalhar... ai o sindico falo que não... que queria uma carta né... que hoje eles num dão mais um laudo... Hurrum... eles só dão o laudo só uma vez e pronto... Hurrum... ai aquele laudo lá se você precisar... você: né... retorna a correr de novo... ai eu tive que ir lá... pega esse papel... pra trazer... pra ele vê que eu tava... já tava liberada pra trabalhar... Hurrum... ai eu comecei a trabalhar de novo... Hurrum... ai esse produto eu num quero ver ele nem pintado mais... âhm âhm... ta é loco... e Deus me livre... mas foi bom...</p>	40 F
começo a namora		<p>Doc. é... mas assim... mas faz tempo que seu pai começou a morar com ela?</p> <p>Inf. uai... meu pai... depois que a minha mãe morreu... depois que a minha mãe morreu ele::... ele::... ele ficou o que... quatro meses... quatro anos... Hum... depois que a minha mãe morreu... ele ficou quatro anos sozim... Hum... entre aspas né... Hurrum... ele acha que eu acredito... Arram... ai apareceu essa muié... Ah::... do nada assim... ai eles foi... começo a namora com ela... ai... teve um dia ai que ele resolveu mora com ela...</p>	40 F
começou a briga		<p>...ela quis ele arrumasse a casa dela todinha... depois que ela... ele arrumo a casa dela todinha... ai a::... a filha dela começou a briga com ele... quando ele mais precisava...</p>	40 F
comecei a trabalhar	a	<p>...só que ninguém me ajuda né pai... meu INS fico ai ó... oito meses sem paga... cadê que alguém falo assim ó... me dá seu... seu carnê ae pra mim paga... ele foi o único que num falou nada né... falei não... agora eu vou trabalha... ainda mais depois que eu comecei a trabalhar aqui... falei âhm âhm... se vira... nem...</p>	40 F
começaram a namora	a	<p>Doc. i os outros sobrinhos são rebeldes?</p> <p>Inf. nada... não... humhum... mais tranquilo... mais tranquilo... é... porque... assim... porque cada um::... criou da sua maneira né... Hum... agora tem um::... outro irmão meu que a cara ruim... que as fia dele casou tudo logo... caso logo... caso... ()... pra sair da cara da casa... que ele também não deixa eles sai também não... disse que a:: as menina ia poder namora só com dezoito anos... eu ai meu Deus... âhm âhm... ai... elas pegaram e começaram a namora e ó... cada um pro seu canto...</p>	40 F
começo a grava		<p>Inf. ai... mais de criança né... porque::... nunca vi gosta de filme de criança... Ahm... ai... via aqueles filme mais doido... teve uma vez que ela começo a grava::... um::... um programa que passava na televisão... ai eu esqueci o nome... do::... do::... do::... do programa que ela adorava... Sakura... Sakura e num sei lá o que né mais... ahm... ai ela gravava essas fitas...</p>	40 F

começo a namora	... é igual eu falei pra ela... falei assim... num encostando a mão nela meu fi ó... pode xinga ela de tudo que ce quiser... num encostando a mãozinha nela... é o que basta... e o:: dia que você num tiver a fim pode levar lá pra minha casa que eu quero ela de volta... ele riu até... ele não Regina se num presta não... eu uai é claro... ela é minha paixão... se acha que ocê é o que... ele chegava lá em casa a gente... depois que eles começo a namora ... acaba tudo né... aí ela foi se distanciando um pouco de mim...	40 F
começou a doecê	Doc.: Cê parou de estuda lá? Inf.: Aí eu parei de estuda lá aí parou né porque foi só até a quarta. Aí nós ficamo mais uns cinco ano sem muda pra cá. E depois que mudou eu fiz até matricula no coleginho pra estuda. Aí mãe começou a doecê aí eu peguei e num fui na escola mais.	43 F
começou a ficar	Doc.: É mais... é... vocês mudaram pra cá, sua mãe começou a ficar doente? Inf.: Começou a ficar doente.	43 F
começou a sentir	Doc.: Que que ela tinha? Inf.: Ela começou probrema de pressão. Ela tava boa na fazenda sintino nada. Depois mudou pra cá passou uns quinze dia ela começou a sentir dor de cabeça e levamo ela no hospital, o médico falou que era pressão dela que tava ficano mais alta.	43 F
Começa a briga	Doc.: Isso sua mãe? Inf.: Minha mãe e meu irmão que mora lá no fundo. Aí se um rapaiz resolve panha pelo menos amizade com eles que eis era solteiro já pensava que era namorado meu. Começa a briga. Falava uai eu mal conheço a pessoa que vem aqui num ficava nem bom.	43 F
começava a briga	Doc.: Como era isso? Inf.: Era que se injeitasse, chamasse pra dança num fosse aí começava a briga . Tinha que dança com todo o mundo.	43 F
começava a briga	Doc.: Cê já enjeitou alguém... pra dançar ou não? Inf.: Ah... quando eu ia em festa assim eu quais num dançava com medo disso porque eu ia dança com um depois ia dança com outro e num dava certo aí começava a briga. Eu mesmo quase não dançava.	43 F
começô a passá	Doc. Como que foi a... seu nascimento? as pessoas... a sua mãe te contô... como que foi o dia do seu nascimento? que horário que cê nasceu? quem que era... era partera né? naquela época Inf. Contô... ela falô... assim... no dia quatorze ela começô a passá mal... e falô assim Deus mais será que minha fia vai nascê no dia quinze... no dia da minha... protetora... dia quinze... aí quando foi no dia quinze treis hora da tarde... eu nasci...	48 F
começô a se compriçá	...aí de pião... de boiadero... ele virô amançadô de boi... de cavalo... amança cavalo... ganha uma coisa daqui... ganha otra dali i nós viveno... viveno... viveno... e foi legal... prantô roça... colheu... acabô a crise de fo::me e assim por diante... foi indo... aí de repente a vida nossa começô a se compriçá di novo... aquela crise... quela coisa difici... muito difici...	48 F
comecei a cochilá	Inf. Aí pulô... pulô... cansô... tava suadim... mais o senhor num pode muntá não... num vai muntá... num pode... cinco hora ele enganô nós muntô... i ó sumiu o homem... sumiu o homem... sumiu o homem... aí eu dei baim nos menino puis pa dormi... pensei/assim... gente mais tá demorano e comecei a cochilá no banco... quando é ali pelas treis hora da manhã... chega um moço lá...	48 F

começô a bebê		<p>Doc. Que triste isso né?</p> <p>Inf. É... é por isso qu/eu falo eu num gosto de contá história da minha vida ((risos)) porque é só tristeza... é muito triste né? aí passô... nós foi cresce::no... todo mundo ficô adulto graças a Deus... e meus irmão começô a bebê... treis bebia... bebia... bebia... não sô desgostoso num sei o quê... morreu um matado... outra tristeza né? muito triste...</p>	48 F
começo a repará		<p>Doc. Cê trabalhava... cê ficô com quem?</p> <p>Inf. Aí eu fui pra Goiana com a família do senhor () Santana... Rogério Santa... aí fiquei com eles uns quatro anos... aí também num agüentei... qu/eles ficô mal... a gente tá doente... tem que trabaiá... num tem férias num tinha nada... aí um dia ele... ele mim deu um... um murro assim ó que dormeceu meu pescoço todim... ficô... assim duido... fiquei com corpo todim dolorido... além do murro ele inda bateu muito... aí eu fui lá no...</p> <p>Doc. Cê já tinha dezoito anos?</p> <p>Inf. É já tinha os dezoito ano... aí eu fui denunciei eles... falei os exagero... expriqueei... aí es começo a repará as famílias... e foi libertano os menino...</p>	48 F
comecei trabalhá	a	<p>Inf. Meus fii cresceu né? teve uma época aí foi im oitenta... OITENTA e quatro... eles ficaram doente... doente mesmo... aí eu fui pra fazenda... na Barra lá eu arrumei um pai... num foi um patrão... uma mãe... num foi uma patroa... que mim ajudô a criá eles né? que tá com treis ano qu/eu saí da fazenda porque já num tinha mais estudo né? pra eles lá...</p> <p>Doc. Sei...</p> <p>Inf. Aí eu vim pra Goiás... i comecei a trabalhá dinovo</p>	48 F
comecei acreditá	a	<p>Doc. Aí::: você começô a participá da Igreja Deus e Amor?</p> <p>Inf. É::: da igreja Deus e Amor... aí eu fui na igreja... chegô lá... começô o culto e tudo eu falei n:::ossa num tem um santo... católica né... não esse povo é enjuado demais... aí o homem pregano lá na frente... ele foi e falô assim... aqui no nosso meio tem uma pessoa que saiu da casa dela e disse assim no coração dela... se Deus existe mesmo eu quero que ele fala comigo HOJE... qu/eu já num que:::nto mais essa go:::nia... essa fricão... e essa pessoa tá/qui... e ela já sentiu qu/ela... e era eu... () ele falô assim eu num vô insisti aqui no nosso meio aqui... eu levantei a mão... ele falô assim vem cá filha eu quero orá por você... aí desse dia eu comecei a acreditá... e Deus mora em mim...</p>	48 F
começô a falá		<p>...aí eu voltei na igreja di:::novo... aí era um pregadô do Mato Grosso que tava/qui... nunca mim viu na vida né? aí falô lá... assim... aqui no nosso meio tem uma pessoa que tem TANto medo de passá fome... mais tanto medo... que Deus mandô... é... falá com ela aqui... que não preocupa que ele é o pão da vida... e quem crê nele não passá fome... não fica com frio... não fica com sede... e o homem começô a falá... FOI e essa pessoa tá/qui... ela tá falano assim... Deus é eu... se ocê qué o livramento levanta... eu levantei...</p>	48 F
comecei a::: ver		<p>Inf. Por que... eu... eu... quando eu tava com quatro ano eu lembro... quando eu comecei a::: ver meus irmão né... minhas irmã que era tudo mulher né... aí eu costum...aí quando eu tava com quatro ano que eu fui falá com quatro ano de idade...</p>	70 F
coMECEI a falar		<p>Inf. Eu lembro quando... quando eu... quando eu falei... quando eu dava conta eu coMECEI a falar eu alembro...</p>	70 F

comecei a::: consertá	...aí nóis conserta:::va... eu... () a sapataria era do moço né... que trabalhava aqui... aí ficô os resto de sapato aí eu comecei a::: consertá sapato... consertei oito ano...	70 F
começava a rezá	Inf. Rezava... todo dia nóis ia rezá o terço sabe...? Só acabava q/eu mais o Francisco brigava... n/hora no terço Doc. ((risos)) por que? Inf. Uai... porque nóis começava a rezá o TERÇO... aí logo vinha o sono né...? A gente vivia tão cansada né sô...?	70 F
começa... a... a gritá	Inf. E::: aí o Divino... tortô o medo todo di novo... quando dá um... um... relampo... q/eu ele vê que vem chuva ele já começa... a... a gritá ... e logo ele já enfia debaixo da cama... né?	70 F
Começo machucar	Inf.: É oiava no vão do dedo pa vê se via... Teve uma vez tava:: a menina... tinha saindo do curral né ? Ela levou o braço pra pegar na minha mão aí meu... irmão mais atrevido né ? Levo a mão rapaz ela puxo ele assim quase seis ia passá no vão da cerca((risos)) Eu oiei pra ele assim...Vai.. ((risos)) Doc.: Ele machucou? Inf.: Aí ele... Começo machucar ...porquê ela tava chamando num era ele né? Ele foi...	25 M
começou a namorar	Inf. É... ai eu sempre morei na casa da minha tia... ai saia cum meu primo... ai nois conheceu... ai ele conheceu uma menina... ai fiquei conheceno ela tamém ai irmã dela foi e mi viu e diz que gostô de mim né... ai passado uns tempo fui morá lá... ai conheci ela vai ai passado mais um tempim nois começo... até pra procurá ela pra namorá ela num quíria... ai eu já tinha () ela né... falei num vô procurá mais não... ai quando foi num dia ela chamou ai nois começou a namorar ... foi logo nois amigô ai tá até hoje.	25M
comecei a tocá	Doc. () qui ti dexô mais preocupado assim... briga ou morte Inf. É uma vez que tava numa festa de São João ai já tinha dançado um pouco bão já... ai uns cara lá dois lá arrumô confusão... um parece que jogô bebida no otro... o otro falô que num ia dexá de graça.... ai até cabô que ele foi esfaquiô o otro por causa disso dentro da barraca assim... eu tava junto com... tinha separado es duas vez... toparam lá nus tapa lá né... ai separou ele ai o cara ficô jurano ele... ai quano foi tarde da noite eu tava do lado desse que... dum desse... ai o pessoal tocano sanfona lá pandero... eu cheguei pr perto tinha um pandero lá parado eu peguei e comecei a tocá ... quando eu sai de perto do rapaz... o oto tava do lado dele eu passei o oto passo assim oiano torto né... ai sumiu... quando ele sumiu eu sai de perto... logo qu/eu sai de perto ele chegou já com uma faca assim... num foi por trás não... é já rumo a faca na barriga do oto... pur baxo do cinto achu qui furô a bexiga:::	25 M
começô saí	Doc. Bateu então? Inf. Ai bateu na minha i fiquei quinze dia cu braço ingessado ai deu uns istrago nela lá es caiu levantô um caroço no meu braço começô saí sangue logo o braço ficô duro... i ai muntei na moto do oto ele que tava errado ai nóis foi pro hospital.	25 M
começava procurá	Doc. Por que qui ele agia dessa forma? Inf.É que chegava bebo im casa, e já começava procurá confusão, minha mãe num ficava calada i ispichou no caso e logo ele já queria... já amaçava um trem... já quebrava já ia arrumano as coisa né... ai sempre mandava ela embora até qui... foi mandano... mandano até que chegou um tempo que nóis ajudô ela e nóis separô ela dele. Ela queria sai mais não dava teno	25 M

		jeito...	
começa ficá		<p>Inf. Mais aí... tinha veis que as veis ia pra... parti pra... pros tapa memo... assim né? as veis as pessoa ia...separava né? entrava no mei né?</p> <p>Doc. Hum hum</p> <p>Inf. Mais não... tinha veis que o trem começa ficá fei ((risos))</p>	25 M
comecei a trabaiaá		<p>Inf. () quando eu comecei a trabaiaá assim... pra mim mesmo... assim pra mim sustentá foi... é já tava mais ou meno uns quinze... um quinze ano em diante... aí que eu comecei a trabaiaá a comprá minhas coisa né... aí fui ficano mais veí foi... ficano dono do próprio nariz né... ((risos)) o povo fala... aí então... aí comecei a trabaiaá comprano as coisa qui precisava...</p>	25 M
comecei a trabaiaá			
comecei a trabaiaá			
começô a trabalhá		<p>Doc. Sei, mas seu pai e sua mãe ficaram na... na fazenda?</p> <p>Inf. Não...vieram</p> <p>Doc. Ah! Vieram todo mundo?</p> <p>Inf. É só que meu pai continuô trabalhando na fazenda... na zona rural... i ... aí... a gente foi entendendo desse que foi ... que havia necessidade de trabalho... aí teve minhas irmã mais veias começô a trabalhá fora... de doméstica né...</p>	30 M
comecei trabalha	a	<p>Inf. I... i eu sempre acreditei... prá mim não tem um Deus diferente do outro... eu ... eu não tenho religião nenhuma... a minha religião é a única... eu não tenho diferença de religião não... pra mim existe um único Deus... é o que sempRE... é o que sempre me igualo... cê entendeu... é o Deus que conheci na minha infância... e vai sê o único... i... eu pedi pra ele e até hoje eu só tenho benção... e eu tenho só que acradecê... o que eu pedi pra ele hoje... até hoje... ele tem me valido... aí eu comecei a trabalhá... comecei a trabalhá como engraxate...comecei a vender coisas pros outros... vendia bolim de arroz... vendia salgado... mas um dia eu pensei que tinha de trabalhá pra mim mesmo i ganhá o meu dinheiro</p>	30 M
comecei a vender	a		
começamo trabalhá	a	<p>Inf. É::: i aí igual tô te falano... continuano a história... é::: depois que eu fui engraxate... eu ganhava meu dinheiro... ajudava no sustento em casa... as veis eu chegava em casa minha mãe tava preocupada chegava fora de hora... levava o dinheirim...falava tava aqui... tá/qui o dinhERO prá ajudá no sustenTO... por que lá em casa sempre foi assim né...hoje graças a Deus a gente tamo bem... meus irmãos tão todo muito bem... mais sempre que apareceu alguém precisano de ajuda... principalmente criança que aparecia precisando de começamo a trabalhá ajuda... desamparada... às veis por devido tamém ter situação fraca... sempre meus pais acolheu... e sempre a gente... a gente ajudô...a gente criava... já aconteceu várias vezes de criança abandonada... meus pais acolhê... i depois que tava grande... os pais vinha e levava... maisi aí nós continuamo só nós mesmo... né... os irmão ... e começamo a trabalhá...ç todo mundo trabalhando... de acordo com que foi crescendo foi todo mundo trabalhando e eu logo cum...</p>	30 M
começamo trabalhá	a		

comecei desenvolvê	a	<p>Inf. Puxado... i eu tinha era nove... dez anos... por aí... aí eu ia pra cuzinhá pra ele... aprendi a cuzinhá... foi uma coisa assim... foi uma cultura de família... devido a necessidade... a mãe vai lavá roupa... meu pai vai prá fazenda... fica só os irmãos... fica os mais novo... os mais véi sai pra... trabalhá tamém né... às veis minha irmãs trabalhava de doméstica... aí::: vei a necessidade... mesmo a gente que era homem... i::: aprendê tamém a cozinhá... aí eu já fui prá roça mais meu pai... então sê vai conzinhá pra nós lá... i eu ia... eu ia conzinhá pra es lá... as veis tinha veis que ele tava com sete companhêro no serviço... pegava empreita né... de passo pá roçá... i as veis ele tava até com quatorze companhêro... e tinha que conzinhá pra todos... e levá no serviço... as veis eu num dava conta de levá... ele vinha prá ajudá a levá as malmita... por que eu era muito pequeno... muito fraco... e aí::: eu fui aprendeno aí eu já ia levava as malmita e já levava o arroz tamém... aí ficava lá... levava... pessoa almoçava... e eu já ficava roçano até da hora de voltá pá fazê a merenda... e foi assim... foi levano assim...já comecei a desenvolvê bem o trabalho braçal com pôca idade i não deixano de vê as dificuldade que a gente tinha em casa... dinhêro do meu pai não sobrava...</p>	30 M
começamo pegar	a	<p>Inf. Chorava porque era difícil...e eu tinha que FAZÊ eu precisava de ganhá dinhêro... e eu fui continuei... aí eu fui acostumando com o trabalho... i:: mesmo pôca idade todo mundo admirava falava mais não tem como... como que::: um garoto desse... trabalha num serviço desse/qui... cê vai REBENTÁ meu fii... algumas pessoa de idade falava... meu fii cê pára... que cê vai reBENTÁ... isso/qui num é pr/ocê não... e eu num ligava não... eu trazia Deus junto comigo assim...sempre eu truxe i::: é um motivo muito grande pra mim nunca dexá de pensá... em Deus... i eu sempre pensei muito forte nele... i::: acreditava que eu ia conseguí... e que era através dali que eu ia tirá a gente da dificuldade... e aí a gente começamo a pegar oro... logo que eu entrei já começamo a pegá oro... na primêra quinzena que trabalhei tocô... tocô quarenta grama de oro pra mim...</p>	30M
comecei trabalha	a	<p>Inf. E aí::: eu comecei a trabalhá BRAÇal dinovo né... não voltei a estudá eu voltei a trabalhá braçal dinovo... aí::: eu já tava mais grande... eu já tinha uns quatorze ano... devido a responsabilidade que eu tinha... eu já comecei a arrumá umas namoradinha né...</p>	30M
comecei envolvê	a	<p>Inf. Tinha esforço... e as veise comentava muito né... as pessoa comentava a respeito da pessoa da gente e aí já comecei a envolvê com namorada... já comecei a trabalhava pr/os outro... ia roça pasto... pegava empreita... aí quem era empretero era eu... eu já pegava e já punha... os peão pra trabalhá pra mim... mesmo... inda criança ainda... porque eu com quatorze anos era muito pequeno...</p>	30M
começá a não acredita	a	<p>Doc. Conheceu o mundo né...</p>	30M
começá a separar	a	<p>Inf. Conheceu i::: exempro tamém né... a gente já começá a não acreditá nas pessoas... sabê em quem a gente acredita em quem a gente deve acreditá... a gente já começá a separar as pessoa bem que de modo diferente pra mim não há ninguém diferente de ninguém... pra mim tanto fais rico quanto pobre... pra mim todos eu tenho como irmão como ser humano e não tenho diferença...</p>	

começo machucá	a	...aí ele foi e chamô esse rapais... ele falô Caçu... desce aqui pro rapais vê... e ele foi i::: sento lá nu... nu... era tipo um laço assim... que cê entra dentro dele... aí você segura no cabo e desce... e é tocado a::: força da energia né... o motor elétrico... ele foi sentô e desceu... aí ele desceu... subiu... cê tem coragem... falei tem... QUARENta e cinco metro pra dentro do chão... e aí::: eu fui sentei lá e desci... aí es mim ensinaram que aí cê dava dois toque no cabo... tinha uma marreta no cabo... () cabo de aço... cê batia... cê dava um toque es ajeitava... cê dava oto toque es subia você... e eu fui e desci... isso já era quase a noite... foi no mesmo dia... e não cheguei a posá nessa zona... no mesmo dia e eu fui... e desci lá nessa caxa... aí eu desci lá dentro da caxa... um pôco tremo... nervoso... eu nunca tinha descido nem dentro duma cisterna... eu fui desci... foi bem... na hora de subi... que ele deu o arranco nu... nu guicho... eu fiquei nervoso e descontrolei... e subi batendo na caixa... era de madeira dum lado e do outro o calçamento... no/ra qu/eu cheguei lá em riba o coro dos meus ombro tinha saído quase tudo... cê começo a machucá uai... não eu vô explicá pra ocê direitím é assim... que cê tem que fazê... e mim ensinô direitím... não mais num tem nada não... e os ombro tudo esfolado... porque vem pegano na madeira né...	30M
comecei a cortá	a	Inf. É num aceitava... ele já tomô confiança em mim... ele já viu que podia confía e aquilo ali num esqueno de trazê sempre o pensamento firme em... em Deus... i lá na casa dessa prima minha eu já comecei a cortá cabelo... e es começo a incentivá ... MONta o salão pr/ocê trabaia rapais... sai desse serviço aqui... i::: esse serviço que cê tá trabalhano é o mais pirigoso... é o serviço mais VÊI que tem aqui... direto morre gente lá...	30 M
começamo a pegá		...ele viajava e dexava TUDO na minha responsabilidade... chegamo até pegá um orim... foi logo pegamo oro... ele falô nós tava precisano MESmo d/ocê aqui porque nós tava brefado... aí começamo a pegá o oro... aí nós continuamo...	30 M
comecei a trabaia		Doc. Quando cê era criança... cê começou a trabaia muito cedo né? Inf. Eu comecei a trabaia eu tava com idade de ci:::nco a seis ano... que sempre eu ainda falo pro meus minino... eu com cinco a seis ano... minha mãe ela mexia com hortinha... mexia com esses treizim é::: por exemplo forrim i hoje eu judava ela... eu pegava i saia pa rua... vendeno as coisinha pra ela... aí... só que num é igual as criança de hoje né? que hoje... se cê vai vendê uma coisinha pra sua mãe... pro seu pai o que fô... com qualqué otro... cê qué tirá seu dinherim... o dinherim tudo qu/eu pegava...	36 M
começo miexê		Inf. Aí nós pusemo esse apelido nela... aí nós ficamo qu/esse negócio... () aí foi qu/esse dia um belo dia eu TAva bem na esquina i ela começo miexê comigo... i eu com estilingue... sem mai nem meno i eu tapi e foi bem na testa da minina... minino...	36 M
comecei a trabaia		Inf. Servente Doc.Servente? Aí cê... cê... [Inf. Eu comecei a trabaia de servente eu tava com deis pra onze ano...	36 M

comecei a fazê	<p>Doc. Aí cê aprendeu com alguém?</p> <p>Inf. Aí di...di servente eu peguei falei... o primeiro serviço qu/eu fiis foi lá pra minha mãe... que foi até eu mais meu cunhado qu/é o Gean... eu tava trabaiano de servente aí minha mãe pegô tava cum serviço lá ela pegô e falô tô qu/esse serviço pra fazê aqui eu falei então eu faço pra senhora foi o primeiro serviço di primeiro... foi onde eu comecei... aí eu comecei a fazê esse serviço pra ela daí em diante o povo foi vendo meu serviço e foi agradano... aí eu fui começando a pegá serviço...</p>	36 M
comecei a trabaiaá	<p>Doc. Isso é bom né?</p> <p>Inf. Trabaiano de predrero... mais só qu/eu falá a verdade quando eu trabaiaava... quando eu comecei a trabaiaá de servente () ainda eu falava pros meus colega falei sabe... Oh profissão qui eu num quero aprendê.</p>	36 M
começava a ter	<p>Doc. Mais aí cê acorda assustado?</p> <p>Inf. Acordo... agora que deu uma paradinha () minha esposa memo... qu/ela memo me acordava assim... qu/eu começava a ter aqueles pesadelo aqueles sonho... ques sonho besta sim... aí eu acordava cum ela me cutucano pra mim levantá... isso aí eu sempre tive... mais medo... medo medo memo fala verdade... qu/eu lembro não.</p>	36 M
comecei a gritá	<p>Inf. Ah na época lá... nós tava...era véspra de natal... aí nós tava brincano lá no quintal lá sempre eu tinha mania de subi no teiado lá... pra pegá os brinquedo pros minino e os minino gostava DIMAis de vê eu em cima do telhado i quela teia ternite... aí jogava... aí ota ora aí... dexava caí sem querê tamém... em cima do telhado lá área que tinha... aí eu e tinha um pé de urucum aí eu subia nesse pé de urucum e subia pá subi lá em cima do telhado... aí ês pede esse dia e eu fui subi... pisei bem na ponta da... da... da telha e tinha quele::: aquela muretinha da gente entrá... num qu/eu pisei eu caí e bati o braço sabe? caí... já bati o braço e caí c/as costa no... no chão i foi hora que bateu bem em cima assim aí eu levantei assim mei... disacordado num senti dor nenhuma... aí hora qu/eu levantei num senti esse braço num senti essa mãe... hora qu/eu dei uma olhada assim pra minha mão... tava lá só os osso estufado i só aqui na ponta do côro aqui ó... aí foi hora qu/eu comecei a gritá... aí eu segurei minha mão assim e lá na porta di casa...</p>	36 M
comecei a namorá	<p>Inf. Eu num... era um anjím... aí as muié num queria namorá comigo não... aí quando eu meorei um poquim... aí eu comecei a namorá depois dos dezesseis dezessete ano aí eu comecei... namora aqui... namora acolá... só que... eu GOSTAva né? das menina mais as menina num gostava de mim num adiatava nada...</p>	38 M
comecei namorá	<p>Inf. É... eu comecei namorá firme mesmo foi dezesseis dezessete anos... qu/eu comecei a namorá... ruma aqui... ruma acolá... mais era bagunçado mesma coisa ainda...</p>	38 M
comecei namorá	<p>Inf. Aí essa hora foi té bom sortá esse pum que deu REAÇÃO... aí pra/diante eu comecei namorá ela... comecei garra ela...Pg 09</p>	38 M
comecei garra		
começô a xingá	<p>Inf. Uai uma veis nós foi jogá numa tal de grama ainda era muié do Idelmá... intê o Idelmá tava jogano bola junto com nós aí nós ía disputá a bola... caboco foi mim deu uma cassetada na minha perna jogô eu no chão eu fiis aquele escândalo pra expursá o otro né? aí rolava pra lá rolava pra cá aí a muié começô a xingá o juiz e foi expursô o caboco aí eu levantei rino o caboco expursô eu tamém... pg 22</p>	38 M

comecei a ri começo conversa	a	Inf. Ah isso aí () um dia eu ía desceno a praça do chafariz eu vô andano quando é fé a muié escorrega caí no mei da grama... e eu comecei a ri e a muié começo a mim... a mim xingá aí eu saí correno escondi atraís do becão lá fiquei lá queto escondido até a muié í embora n/hora que a muié foi embora aí eu descí isso aí o ri... até hoje inda tem hora que converso... começo a conversá com sotro assim por conta dessa história o povo acha bão e ri tamém... mais que piada assim vô... a de veis em quando nos encontro que a gente fais a gente fais rolo demais fais macaquice fais... a gente apronta né? a gente fica lembrano o tempo qu/era menino fais rolo com sotro tamém ()...Pg 32	38 M
começo a prontá		Inf. É... mais aprontava... aprontava memo nos encontro que nós fais do encontro de casais nós apronta muito... eu mesmo principalmente eu que gosto muito de farra eu num guento ficá queto a muié dana comigo qu/eu fico andano pra lá e pra cá mai eu num guento ficá queto e go... e começo a prontá com sotro coloca piruca () remedo bobo faço tudo quato á pro povo ri e a farra que a gente fais... que ficá num lugá igual nós fica no... no encontro nosso aí... ainda ficá muito preso né? aí tem que fazê alguma coisa pra diverti... Pg 32	38 M
começo a ficá		Inf. Ó::: o casamento foi bom u... umas certa parte... otras parte foi ruim porque no dia do casamento a gen... eu mais minha mãe deu uma discutida lá porque::: ela num gosta de festa né? i::: começaram as dua família começo a ficá com ciúme que acho que aí::: () uma briga lá mais nós eu fui da... CHAMEI a atenção da minha mãe minha mãe inda::: achô ruim passô mal tamém e ficô com raiva... nós ficô com raiva::: ela ficô com raiva de mim umas umas duas semanas... Pg 11	38 M
começo a trabaiaá		Inf. Uai... ela porque nós tava tudo grande e ela já... aí nós deu uma contraladinha todo mundo começo a trabaiaá né? aí nós deu vontade pensô... ficava lembrano do tempo bão tal aí minha mãe deu vontade de pegá um menino... aí ela deu vontade de pegá um minino aí ela foi nós deu apoio pra ela... aí meu padraсто deu um... deu apoio tamém aí nós... pegô e criou ele... Pg 14	38 M
comecei namorá		Doc. Mais isso combinado ou porque? Inf. Não::: é porque quando ele... uma veis nós fomo pro Rio de Janeiro ele namorano com uma menina lá e a menina... aí ele ficô doente aí eu fui peguei ela foi simples só::: paguei um x salada pra ela comecei namorá com ela dinovo e ele ficô lá doente... amigo... amigo e pr/essas horas tamém né? Pg 16	38 M
começo a pegá		Doc. Qual que foi... com/é que foi a sua chegada lá? Ver o mar pela primera veiz? Inf. Ah é bão... a primera coisa qu/eu fiis foi merguiá dento d'água bebê água pra vê se era salgada mesmo... aí vi qu/era salgada vortei pra trais gritei pra todo mundo é salgada o povo começo a pegá no pé...Pg 17	38 M
começo a gritá		Inf. Aí como eu falei eu tava trabaiano no caminhão de lixo um dia eu tinha vergonha eu tava namorano com uma menina que tava trabaiano no ba:::ncô do BEG... era o banco do estado de Goiás né? aí eu tava trabaiano... ela tava trabaiano lá aí um dia... um dia eu tava catano lixo passano na porta () era um caminhão verde... que inda ficava dento do caminhão... do lixo memo aí o caboco jogô hora que o caboco jogô eu óio assim ela tava la na porta eu abaxei ela () caí lá dento fiquei escondido o povo começo a gritá ae cochinha aí eu fiquei queto lá dento aí deu otro dia eu tava passano ela tava lá aí ela falô assim não num precisa tê vergonha não cê é trabaiaadó tem portância não aí fiquei com vergonha mesma coisa né? aí eu::: tive que saí namorano com ela foi até bão que aí ela ficô mais apaixonada por mim aí fazia rolo com ela aí::: Pg 18	38 M

comecei a mexê	Doc. Você aprendeu a fazer jardinagem com quem? Inf. Uai eu aprendi assim por si mesmo... ali na casa da Eleuza mandô... mandô podá poda lá eu fui podá aí podei consegui aí pronto comecei a mexê com pranta tamém... Pg 21	38 M
comecei a gastá	Inf. Uai... o dinheiro nosso ficava só no boteco né? num gastava com cumida que eu acho que a gente passava muita necessidade na época aí proveitei nessa época comecei a gastá dinherom ma... mais é comprano doce... salgado essas coisinhas no butequim mesmo o dinheiro nosso ficava tudo im butequim picolé esses treizim...Pg 23	38 M
comecei a controla comecei a dá	Doc. É... Inf. Foi ino até um dia::: o patrão... um chefe meu fa... danô com nós e conversô com nós que hoje era num mora em Goiás mais né? aí era () que o povo chamava de sapatero na época aí ele tinha esse negócio é... conversá com nós... daná com nós aí daí pra diante eu comecei a controlá a situação com dinheiro meu né? que aí eu comecei a dá valô no meu dinheiro aí eu... comecei... comprei uma geladera pra minha mãe aí com... Pg 23	38 M
comecei a compra comecei a comprá	...aí depois eu comprei um lidificadô foi tudo com dinherim de prefeitura e eu comprei... comecei a comprá rôpa aí comecei a comprá rôpa aí num dava () quando eu era minino andava até com cueca preta na rua suja... cuecona grande... Pg 23 e 24	38 M
comecei a estudá	Inf. Chorava e de veis em quando a professora chorava danava com nós que quando eu comecei a estudá até a professora... eu era mais queto... eu era custoso mais num era custoso assim pra direto... professora vê não... Pg 25	38 M
cumeçô a tê	Inf.: - é... qual que tinha responsabilidade... que nós tinha mostrado prele que tinha responsabilidade de nós chegá no primêro dia... que nós marcamo cum ele pelo primêro dia de carnaval... nós chegamo na hora... uma hora... uma hora anti... que nôi marcô pra ele até uma hora e chegamo mei dia... então purai já cumeçô a tê confiança ni nós... única confiança que ele pode tê achado ni nós foi isso aí... que nós num chegamo bêbo... e num bebemo cachaça na vista dele... Pg 08	65 M
começô a chorá	...vô cumpri meu distino... passô mão na carabina... foi lá pro japoneis... quanto custa um brasileiro... quero mostrá pra vocês... manobrô a carabina... sortô bala de uma veis... era vinte... correu quatro... morto ficô dezesseis... ele feis isso tudo e já ficô mais animado... foi da parte a justiça... e chamô o delegado... pra fazê corpo delito... e tamém cha... chamá sordado... pode levá uma carroça... tem difunto amuntado... é::: delegado vendo isso nem razão eu tem a dá... o home baxô a cabeça e começô a chorá ... que qu/eu faço nesse mundo... sem fii pra me... pra mim ajudá... ajueiô perto do corpo... meu fiizim vem me busca...	72 M
comecei a andar	...E às vezes, na minha infância passou uma infância muito turbulenta, e uma coisa que eu gosto de falar que eu gostava de ver meu pai correndo atrás quando eu era bem pequenininho quando eu comecei a andar ele vinha correndo atrás de mim para me pegar, para eu não me machucar, nao me ralar, e meus tios sempre estavam ali nos momentos especiais para mim: no meu aniversario, nos dez anos de idade, e eu gosto muito de conviver com eles, às vezes vou pra casa do meu avô que mora em Trindade e aqui em Goiânia eu tenho poucos amigos, eu não gosto muito de amizades falsas, eu gosto de ter amizades verdadeiras, porque pra ter amigo falso eu vou na esquina, converso com um amigo, e já é um amigo...	MASC ID NÃO INF

começa a se envolver	...No lazer, ficar em casa lendo a bíblia, visitar as outras igrejas também, mas o meu principal lazer é ficar em casa meditando, eu e Deus lendo a bíblia pra saber mais da bíblia, pois tenho sonho de ser pastor, um pastor e, eu gosto que as pessoas sonhem comigo o meu sonho, pois na maioria das vezes, drogados, pessoas que estão no mundo, encontram algo diferente na igreja, a vida da pessoa é transformada a maioria das vezes quando vai a (...) algum lugar onde falam de Deus, de alguma religião e quando a pessoa começa a se envolver com aquela religião, então é muito bom isso, eu mesmo fui transformado quando fui pra igreja, porque, eu com meu trabalho oferece muitas coisas, prostituição, drogas bebidas, oferece muita coisa.	MASC ID NÃO INF
comecei trabalha	Doc. ah tá... () que que cê lembra da sua infância... do seu período de infância... na vila Canaã:... aqui... que que cê lembra... que marcô... que que... como é que foi sua vida nesse período pequeno? Inf. É:... quando é pequeno só brinca... mas na hora que eu inteei por volta dos dez... onze anos... Doc. ahn... Inf. eu comecei a trabalha ...	MASC ID NÃO INF 2
Comecei estuda	Doc. I estudava que horas? Inf. A noite... Doc. A noite... Inf. Comecei estudá a noite tava com uns doze...	MASC ID NÃO INF 2
comecei trabalhá	Doc. Ah:... novim... Inf. É... i eu comecei a trabalhá com onze... ai aos doze ai eu fui estudá a noite...	
começá a estuda comecei a estuda comecei a fazê comecei a saí comecei a sai começaru ah buscá	R: é eu nasci im Taguatinga Norte Brasília BR i minha infância meu pai num dexava eu fazê quasi nada vivia meu qui fexadu im casa numtinha muito amigu até eu começá a estudá assim quandu eu comecei a estudá primera séri i aí eu comecei a fazê amizadi i comecei a saí di casa mais eu queria ficá muito na rua ficá livri assim i eu saia da aula ia pra casa di amigu meu jogá futebol jogá vídeo game jogá comecei a saí di casa minha mãe brigava meu pai tamém aí começaru ah buscá nu colégio a levá a levá i buscá i toda veiz briganu i tal i eu não queru saí num queru ficá só im casa tal i sei lá foi...	MASC ID NÃO INF 1

começô a gritá	Doc: aí quê qui cê fazia?	MASC ID NÃO INF 1
comecei a corrê	R: eu saia a noite ah saia com meu amigus jogava futibol jogá vídeo game i ficá atoa i aí história eu lembriu di uma vez eu achu qui eu tinha seti anus tava na primera séri i eu lembriu qui eu fui pra casa di um amigu meu né i aí a genti tava joganu vídeo game até qui deu umas oitu horas aí falei nó vô imbora i a casa deli era assim num era muito longi da minha era umas três patru quadra i eu num tinha avisadu minha mãe nem nada aí eu sai di lá pur volta das oitu oitu i meia já tava mei iscuru aí eu ah tô inu pra casa inu lá tal di boa i um doidu vei um cara doidu i começô a gritá i corrê atrais di mim i eu corri corri corri i eu comecei a corrê i eu mei qui disisperêi i eu caraça i agora i num tinha a chave du portão i nem nada até qui eu cheguei lá u muro u portão era grandão eu num sei nem comu eu pulei só sei qui eu pulei pulei rapidão i corri i minha mãe “uaí quê qui foi” não tinha um doidu alicorrenu ali i vinu pru meu ladu aí eu corri eli correu aí ela “ah vai vai ficá atrais na rua” num sei quê lá aí depois dissu eu quetei um poquim assim um poquim duranti um tempu aí depois num diantô não depois eu voltei a a sai assim...	
comecei a sai	Doc: aí quando cê veiu aqui pra Goiânia comu qui foi cê gostô sintiu diferença?	MASC ID NÃO INF 1
começô a estuda	R; dimais dimais num quiria vim di jeitu nenhum nossa foi tudu assim nossa muito ruim difícil porque eu morei lá um bom tempu assim depois é dus meus seti anus eu comecei a sai né conhecê genti mesmu qui senu novu assim eu ficava muito na rua ficava dimais assim i eu num quiria sai di lá di jeitu nenhum quando era férias a genti vinha pra cá nus parenti du meu pai i numa dessas meu pai comprô um loti ondi a genti mora hoji i eli comprô né certu aí num falô nada aí a genti voltô di férias aí eli falô “ó a genti vai mudá pra Goiânia” eu falei não cê tá brincanu aí não é seriu podi juntá suas coisa aí era () anu mais ou menus aí cê tem qui i pra lá i continuá estudanu aí eu ah é brincadera aí passô um meis meu irmão vei pra cá morá com uma tia tipu começô a estudá eu comecei a ficá disisperadu i não num vô i num vô eu quiria i ficava querenu fugi i pra casa di amigu meu i eu nossa num quiria vim di jeitu nenhum aí nu dia da mudança mesmu eu sai eu tinha saidu um dia di casa assim eu tava na casa dum amigu meu i eu num quiria voltá porque já era assim nunca mais acabô tudu pra mim era u fim ((risos)) i eu cabei inu voltei bem na hora qui tava mudanu minha mãe carreganu minhas coisas us trem assim aí eu não essi negócio num tá acontecenu aí cabei ah já qui é a vontadi delis não fazenu nenhuma locura assim di ficá lá apesar di achá qui sei lá eu achava qui eu era muito rebeldi assim revoltadu assim tipu assim num dava tevi uma época qui eu comecei a matá aula tipu assim perdi u interessi im tudu assim matá aula pra jogá vídeo game ou ficá atoa finguia qui ia pra escola inum ia aí eu lembriu qui acabei reprovandu pur falta aí minha mãe “u que qui tá acontecenu cê vai na aula” i tal falei com a professora aí não aí minha mãe começô a mi dexá nu colégriu pra tê certeza qui eu ia aí eu entrava nu colégriu dava um jeitu di pulava u muro i saia eu comecei a discrençá sei lá das coisa assim um poco antis di vim né saia num avisava nossa meu pai a genti brigava muito porque é comê qui fala tudu eli tá pertu i tal si eu falá alguma coisa eli num aceita i aí a genti brigava muito nossa eli quiria vim mi batê sem mutivu assim eu curria saia di casa iscundidu depois voltava foi mei a minha infância foi mei	
comecei a fica		
comecei a mata		
começô a mi dexá		
comecei a discrençá		

começô a coloca	Doc: ai cê mora com eli até hoje?	MASC ID NÃO INF 1
comecei a passá	R: moru até hoji mais assim quando a genti vei pra cá a genti eu mudei assim é essa coisas assim porque meu pai eli tem assim é toma remédiu controladu anti depressivu i eli toma desdi us dizesseti anus aí num dá aquelas crisi mais para achu que quando eu era criança achu qui dava essas crisi assim mais eu qui eu num lembriu mais quando eu fui ficanu mais velhu assim qui para i tal i eli é muito mininu assim só sei qui a genti num dava muito certu só vivia briganu i briganu i briganu i eu tamém num aceitava tamém eu num tudu eli quiria mi proibi di sai sabi é eu num podia fazê nada im casa tipu num podia vê televisão eli“cê num vai vê essi negócio” num sei quê aí eu não só ficava nu quartu só mais nada só nu quartu trancadu qui eu lembriu qui eu ia vê televisão i eli pegava u cadiadu i botava assim na tomada da televisão nossa a as janelas assim us negócio era tudu chei di cadiadu num dava as chavis eli falava “ah cê vai mais si você voltá cê vai ficá aí na rua ficá di fora” aí eu pegava i sempri eli colocô us cadiadu nas janelas porque eu pur fora conseguia abri aí conseguia abri aí entrava pra dentru di casa é cum clip ((risos)) abria fechadura trocava a fechadura aí até qui eli começô a colocá cadiadu aí eu comecei a passá pelu vidru u vidro assim não muito grandi assim eu pegava eu quebrei u vidru assim da assim meu irmão durmia na belichi aí a cama ficava...	

	Doc: continua du mesmu jeitu?	MASC ID NÃO INF 1
comecei a bebe	<p>R: não num continua du mesmu jeitu mais eu achu qui tem uma dois dois três anus qui eu num conversu com eli tem um tempim aí certu a mudança aí quando eu vim pra cá aí tipu assim num sei si foi pur issu mais era assim mudá mais assim nossa prus meus tii eu era u cão tava viranu um drogadu só qui assim nunca tipu assim agredi assim meus pais nunca assim êz vinha mi batê eu num aceitava intão assim eli batia batia eu ficava ali não chorava pareci qui quando eli mi batia eli ficava cum raiva intão assim qui mininu ruim nem chora eu ficava lá assim quetu qué batê bati intão discarrega a raiva assim eu num fiz nada tal i tipu achava qui eu era mei locu eu lembu qui tevi uma veiz qui a mulher lá du colégio lá orientô procurá psicólogo i tal qui assim eu num fazia nada eu num tava querenu í pru colégio pará di matá fingi qui ia pensava ah já qui eu num vô pará quê qui eu vô fazê na rua aí eu ficava im casa num fazia nada tinha nada pra fazê assim i ficava só lá quetu i quetu aí começô a fiu im iscola assim i sei lá tava achanu qui eu tava ficanu locu assim num era normal i quando eu ia pra rua ia i voltava pra casa i assim meus amigus sempri foi di boa nunca tivi amigu assim qui eu usava droga tinha uns amigu qui bebia eu comecei a bebe um pocu mais num bebia muitunessa época da adolescência assim eu lembu qui tinha uns amigus qui tocava violão eu achava legal aí eu comecei a querê aprendê aí comu eu sô canhotu niguém quiria mi insiná i tal aí “ah cansera” aí “não toca issu não toca bateria toca otu trem” aí eu lembu qui eu arrumei uma revista assim eu ajudava um cara lá numa lojinha di pintura aí eu ganhava uma grana aí fui comprá um violão eu comecei a querê aprendê eu foi bem nu iníciu quando eu vim pra cá eu eu pensava a cabô eu tem nem nada i quando eu vim pra cá veiu eu meus pais i meu violão i comu eu num conhecia ninguém eu achava qui era roça i tal eu ah eu vim morá nu mei du matu quê qui quê qui eu vô fazê agora num quiria sai di casa quiria ficá im casa tocá violão vô aprendê a tocá violão ficá eu i meu violão i com isso eu parei di brigá tantu com meu irmão qui eu lembu qui quando eu vinha passá fêrias aqui nossa brigava com meu irmão minha tia nossa ou separa essis dois qui si não eli vai matá u mininu ainda daí minha mãe “ah u qui fô mais fracu qui morri” qui num sei quê a minha mãe brincava assim i a genti veiu i só ficava tocanu violão i comecei estudá eu era quetu na sala num conversava cum ninguém tal aí eu comecei assim a num brigava comu eu brigava lá im Brasília pensanu assim ah qui bobera si alguém falava alguma coisa tipu eu vô ignorá pô lá num sei quê tal eu lá a genti começô a pará di brigá aí tantu qui nossa minha família meus tii nossa foi otra coisa u mininu tê vindu pra cá tal u mininu mudô i tal tantu qui meus amigus qui eu tenhu hoji assim é qui tem um primu meu qui eu já tinha lá uma veiz num négociu da marinha lá im Brasília aí intão eli conheceu uns amigus lá aí eli conheceu um pocu lá da minha vida lá i nossa i eli tipu assim us amigus deli daquela época são meus amigus hoji são nossos amigus hoji né i...</p>	
comecei a querê		
comecei a querê		
comecei estuda		
começô a pará		

começô a tocá	...Camargo mais u Luciano i elis riru tantu a certu é issu qui cê ouvi aqui im casa aqui na sua casa i tal i é u qui gosta di rock num sei quê lá i eu não issu aqui é da minha mãe ela qui gosta eu num gostu dissu não i realmenti eu num gostava i aí com essi Leonardo eli“ah vamu montá uma banda” i nissu a banda deli era umas oitu pessoa i num dava muito certu aí “uma coisa eu vi quantu menus melhor é mais fácil di trabalhá mais fácil di combiná us horariu batê” eu não massa legal intão é aí tocava guitarra eu vô pegá u baxu pegu qualqué coisa eu tocu contra baxu eu pegu a guitarra a genti chama um baterista eu cantu cê fais bek o u baterista fais bekvocal aí a genti vê u qui faiz aí beleza a genti tinha essi projetu a genti começô a tocá violão junto i foi atrais di baterista nunca arrumava baterista a gentiarrumóachu qui dois bateristas a genti feiz testi com um agenti encontrô na internet marcôu ensaiu foi tal u mininu tocava bem pra caramba só qui eli era muito mimadumimadão assim...	MASC ID NÃO INF 1
começô a tocá	...eli era novu assim da nossa idadi não era uns treis anos anos mais novu qui a gentii tocava mutu mais qui a genti u mininu i a mãe deli foi num ensaiu lá ia genti achô extranhu né a genti ia tocá um rock i a mãe deli lá aí pó a mãe deli foi ela ou possô tocá um poquim pegô a guitarra i começô a tocá assim aí eu nossa quê que issu qui u mininu eli nasceu numa família já di músicu assim i tevi uma vez qui eli não vamu insaiá lá im casa lá tem um istudiu aí a genti foi lá na casa deli...	MASC ID NÃO INF 1
começô a aprendê	... i nessa época tava com a locadora aprendu a tocá eli começô a aprendê com a genti lá i eli vivia falanu qui tinha banda i tipu nunca num tocava im lugar nenhum nunca...	MASC ID NÃO INF 1
começô a tocá	...num quíria nunca tocá cum elinóis num gostava di tocá cum eli não junto aí fui i indiquei eli lá i nissu eli começô a tocá com uns mininus lá aí essi pessoal lá tinha um baterista aí foi um baterista qui a genti arrumôai a genti começô a ensaiá com essi mininu...	MASC ID NÃO INF 1
começô a ensaiá		
começô a arrumá	...aí eu fui nu dia junto pra pegá as músicas aí a genti foi feiz feiz u testi toquei lá aí não beleza aí eu era u mais novu da banda qui i assim u vocalista mesmu era bem mais velhu qui eu tem uns trinta i tantus anos u Túlio qui num tinha uma diferença di grandi é di idadi diferença di idadisó qui elis eram muito farrentu i a genti vamu montá uma banda vamu montá uma banda aí foi i começô a arrumá um lugar pra tocá a genti arrumô um empresáriui tal u cara também gostava di farra empresarianu a genti só pur causa da farra acabô arrumanu um lugar pra genti tocá aí eu pensei legal pelu menus eu vô tocá pra ganhá dinheru aí foi toquei im alguns lugares a genti começô tocá im festa di formatura festa di aniversáriu aiú mininu começô a inventá trem lá um empresáriu um cartãozinho lá a genti tocá im qualquer lugar festa di aniversáriu velóriu casamentu a genti grava u show du casamentu i du divorciu é aí virô só a bagunça i a genti começô a arrumá um lugar pra tocá u empresáriu nossu conhecia muita genti muito trem muito lugar assim aí começô a arrumá uns lugar bacana pra genti tocá i era morria di vergonha a genti tinha qui tocá di fantasia piruca parecia uns palhaçu((risos)) a gentiera animador di festa inuma dessas achei legal qui com issu eu conheci muito lugá conheci barzim boatis alguns interioris qui a genti começô a tocá i uma das viaje mais massa qui a genti foi feiz foi pra Caldas Novas nó vamu tocá im Caldas eli arrumô dois clubis pra genti tocá...	MASC ID NÃO INF 1
começô a inventá		
começô a arrumá		
começô a arrumá		
começo a tocá		

comecei a curtir	Doc: i nu seu trabalho comu qui é quê qui cê faiz assim nu seu trabalho descrevi seu trabalho pra mim comu qui cê faiz?	MASC ID NÃO INF 1
comecei a querê	R: tipu eu cheguei nu meu trabalho é eu vô contá um pocu antisé du meu interessi im trabalhá nunca tivi interessi pelu trabalho intão mais ou menus houvi uma mudança até chegá nu trabalho aí certu aí eu fui ficanu assim nossa eu tenhu qui fazê alguma coisa i tal tem qui arrumá alguma coisa i a única coisa assim qui eu ganhava um pocu di dinheru tal aí eu ah vô trabalhá vô trabalhá i só qui na verdadi eu quiria i nu quiria quiria mais num ia atraiz num fazia nada assim tentá ganhá algum serviço tal i minha mãe peganu nu pé vai vai trabaia qui num sei quê para queci negócio di ficá tocanu i eu i nada nada i aí quando foi qué vê num lembriu faiz uns treis anos mais tardimais ou menus tinha uma amiga di um amigu meu qui conheci ela ela gostava das mesma coisa qui eu tocava violão aí intão eu comecei a curtir essa minina é legal i tal comecei a querê sai com ela aí foi aí qui eu percebi assim qui tinha qui trabalhá qui tinha qui tê dinheru chegava nu meu pai pra pidi dinheru tal i dava reclamanu a não eu tem qui fazê alguma coisa aí intão a genti saiu algumas vezes ficô algumas vezes poucas vezes mais aí qui não tem qui pará tudu tem qui mudá foi aonde eu pensei não eu tem qui fazê alguma coisa...	
comecei a estudá	...aí feiz u cursu di dois mesis integô pra eli u curriculu i eli incaxô a gentinu jovem aprendiz tipu oportunidadi di primeru impregu tal a genti ia fazê u cursu duranti oitu mesis i pra recebê né a genti a telemont ia pagá u cursu i a genti ia ganhá pra fazê eli depois ia entrá na impresa eu ah beleza comecei a estudá estudá i pru cursu ficava istudanu us negociu i pesquisanu aí eu comecei a para di í lá na casa da minina assim afastei eu nó tem qui mudá primeru i depois eu tipu assim eu vô i vultu mais ou menus assim precisu dá um jeitu primeru na minha vida aí beleza aí a genti começo fazê u cursu feiz i tal aí eu a genti vamu u meu objetivu é trabalhá lá na telemont é entrá lá i eu lembriu qui pocu tempu a minina a minina arrumô um namoradu i eu pensei assim meu caramba tipu assim comu é qui são as coisas né a genti eu nu meu pensamentu era começa a trabalhá ganhá dinheru pra genti sai diverti assim...	MASC ID NÃO INF 1
começa a trabalhá		
comecei a tê	...achei qui num ia chegá pur causa du cursu qui eu fiz lá numtinha nada a vê com u qui eu ia trabalhá i nossa u Rodrigo mi deu essa oportunidadi lá achei u máximu assim aí eu tô lá trabalhanu lá já tem um pocu mais di um anu na área di informática nossa é bão di mais trabalhá lá muito bom tantu qui meus amigus ficava cara sai di lá porque as vezes eu ficu até depois du meu horáriu trabalhava sabadu ou duminu trabalhava di mais lá lá é muito bom bom di trabalhá principalmenti nessa área qui eu tôassim achi qui porque eu gostu du qui eu façuintão eu acredito qui tôsei lá coqué coisa aí eu parei um pocu cum negociu di banda i tal comecei a tê banda mais comu um rob i assim ah tem qui arrumá uma profissão mesmu com salário fixu uma coisa assim i vai sêlegal vai sê melhor pra mim só qui mais ou menus uns quatu anos atrais já tentei formá banda várias vezes assim anteriormenti uma anus atrais i eu lembriu qui tevi uma veiz qui assim eu gostava muito di vocal femininu eu gostava di achava legal pra caramba mulher cantanu im banda tevi uma veiz qui a genti tava num num nu vaca brava eu mais um amigu meu começo a tocá evanescense i uma minina assim cum uma carinha ou cêis gosta di evanescense pô a genti gosta tal eli ah ela canta aí canta...	MASC ID NÃO INF 1
começo a tocá		

começô a disviá	...assim nunca parei assim di nunca deixei u violão di ladu sempri lá im casa mesmu trabalhanu assim só parei cum essi negócio di banda i tal mais cum essa minina sempri quis fazê comela nossa a minina canta dimais eu lembriu qui tevi uma época qui ela entrô numa igreja i largô tudu i assim eu nó cabôperdi uma grandi vocalista aí depois eu ah eu gostu di algumas músicas da igreja assim gostu i tal eu ah toquei já nu louvor da igreja a genti tinha um tempu também aí eu ah queru tá juntu com ela queru só di tá juntu ouvi ela cantá pra mim já é u sufficientii certu aí ela foi entrô na faculdadi essi anu aí começô a disviá um pocu da igreja i aqui comu é a terra du sertaneju ela começô a ela sempri ouviu só qui eu nunca fui muito fã só qui assim numgostei muito só qui assim comu aqui quasi todú mundu gosta tal a genti aprendi a gostá um pocu a convivi a tal tem amigus meus qui num gosta di jeitu ninhum mais eu conheci otru conheci uma dupla alguma coisa assim legal pensei pô qui legal eu vô mais pelu não pela música...	MASC ID NÃO INF 1
começô a ou arrumá	Doc: aí ficô só na amizadi? R: não ficô só na amizadisó na amizadi a genti consegui a assim voltá conversá di novu assim a genti di depois volta di novu a conversá ela somi ou eu sumu ela vivi falanu qui eu tô danu u bolu neli qui tem quatru anus qui eu ficu combinanu cobinanu i nunca nunca vô só qui numé bem assim não ela qui somi viaja deleta tudu i depois apareci aíela na faculdadi lá ela canta um pocu lá aí uma pessoa começô a ou arrumá um pra tocá violão ela “não eu tenhu um amigu qui já tá me inrolanu tem umtempão” i tal i eu ela tava sem trabalhá sem só na faculdadi aí ela ou a genti pudia tá ganhanu dinheru só tocanu im barzim alguma coisa...	MASC ID NÃO INF 1
começô a conversá	...eu pensava ela num vai querêtal barzinhu ela era na época qui eu conheci ela eu cheguei a ver duas vezes né quandu a genti começô a conversá vi qui num era muito assim di leva i tal até qui recenti eu conversei com ela i ela falô qui comentô com uma minina qui ou arruma um carinha amigu teu i vai tocá ganhá dinheru cê tá sem trabalhá mesmu dá uma grana boa i tal aí ela ficô né pensanu pensanu ela falô qui ficô pensanu im mim a semana intera né...	MASC ID NÃO INF 1

Fonte: <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>